

ISSN 0101-7993 - PUBLICAÇÃO MENSAL • R\$ 4,00

CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

192

CHINA X OCIDENTE

A CORRIDA PARA O SÉCULO XXI

PLANTAS AMAZÔNICAS, UMA ESPERANÇA NA LUTA CONTRA O CÂNCER

1996 COMEÇA COM ALMANAQUE BRASIL EM PROMOÇÃO

São 272 páginas de
informação que não podem
faltar na sua estante ou
mesa de trabalho

IMPORTANTE
Indicado para
pesquisas
escolares

**PREÇO E CONDIÇÕES
DA PROMOÇÃO
DENTRO DA REVISTA**



- HISTÓRIA
- GEOGRAFIA
- HISTÓRIA DOS ESTADOS
- AIDS
- AMAZÔNIA
- COMUNICAÇÃO
- EDUCAÇÃO
- EMPREGO
- HABITAÇÃO
- ÍNDIOS
- MEIO AMBIENTE
- MULHERES
- RELIGIÃO
- SAÚDE
- VIOLÊNCIA
- POPULAÇÃO
- POBREZA
- COMUNIDADES DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA
- MERCOSUL

PROMOÇÃO DE

ANO NOVO

Assine

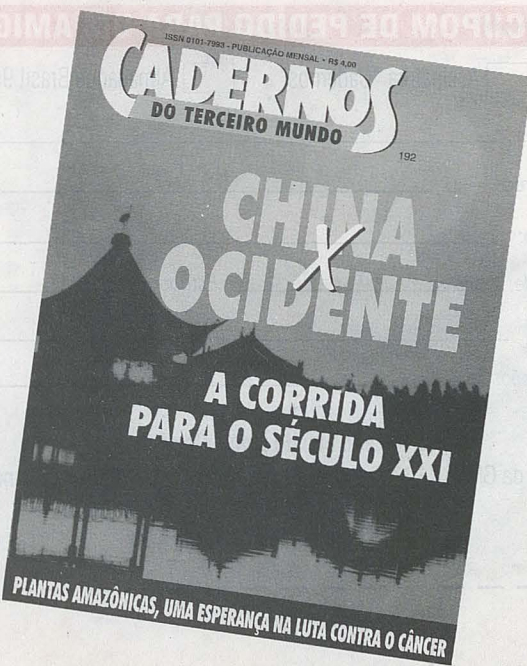
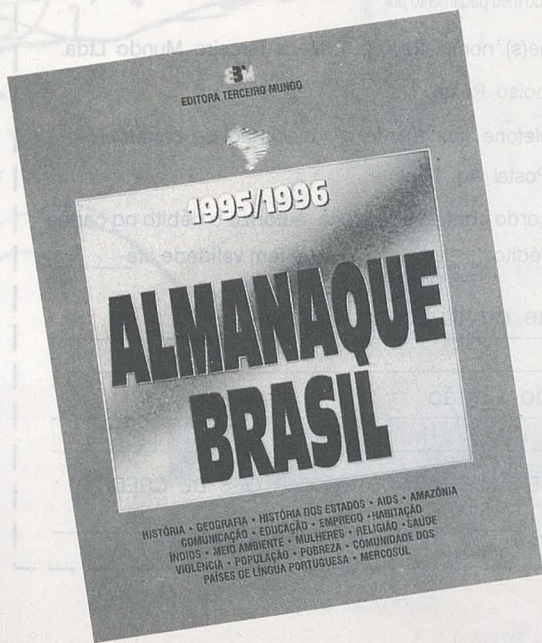
CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

e ganhe de brinde o

ALMANAQUE BRASIL

1995-1996



Ligue grátis 0800-25-7511 ou pelo cupom abaixo

O Almanaque Brasil é brinde na compra
de 1 assinatura anual à vista
(cheque, cartão ou v. postal)
ou por dois anos (à vista ou a prazo)

PREÇOS E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

DESCRIÇÃO DAS OPÇÕES	À VISTA	À PRAZO
Assinatura anual de "cadernos" A	R\$ 48,00 *	B 2 X de R\$ 24,00 p/ 30/60 dias
Assinatura de 2 anos de "cadernos" C	R\$ 88,00 * <small>JA C/ 8%</small>	D 3 X de R\$ 32,00 p/ 30/60/90 dias
ALMANAQUE BRASIL 95/96 E	R\$ 26,00	

* **IMPORTANTE!** O Almanaque Brasil 95/96 como brinde somente nas opções **A**, **C** e **D**

MEU PEDIDO DE:

Assinatura "Cadernos" Almanaque Brasil 95/96

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

Profissão: _____

Minha opção de pagamento é: (A) (B) (C) (D) (E)

A opção do meu amigo é: (A) (B) (C) (D) (E)

Estou efetuando meu pagamento por:

Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.

Reembolso Postal

Por Telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)

Vale Postal Ag. Lapa

De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão de crédito: _____, que tem validade até ____ / ____ / ____
(nome do cartão)

Nome do titular do Cartão

Nº do Cartão

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: ____ / ____ / ____

Comprador

CUPOM DE PEDIDO PARA UM AMIGO

Assinatura "Cadernos" Almanaque Brasil 95/96

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

Profissão: _____

Editora Terceiro Mundo Ltda. - Deptº de Assinaturas

Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - CEP 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ

PEÇA TAMBÉM PELO TEL. GRATUITO 0800 25-7511

OU PELO FAX (021) 252-8455

VALIDADE: 31/01/96

POSTAL NORTE SUL

ÉTICA NA COMUNICAÇÃO

Ester Kosovski

Muniz Sodré, Carneiro Leão, Chaim Katz, Francisco Doria, Fabio Lacombe, William Batista, José Argolo e Alessandro Baratta. Respeitados profissionais de várias áreas escrevem sobre a presença (ou ausência) de ética na vida moderna.

156 pp Cód. E-489
R\$ 22,60



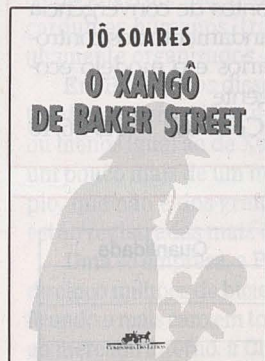
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL

Da colônia à crise da Nova República

Theotonio dos Santos

Estudo aprofundado sobre a aventura de um país em desenvolvimento no âmbito econômico e político. Uma história ideológica do Brasil, em crescente evolução, mas sacrificando seu povo.

302 pp Cód. E-491
R\$ 29,00



O XANGÔ DE BAKER STREET

Jô Soares

O primeiro romance do humorista tem trama policial, passa-se no Rio de Janeiro de 1886 e envolve, entre outros personagens, a célebre atriz francesa Sarah Bernhardt, o detetive Sherlock Holmes, o imperador Pedro II, prostitutas cariocas e a intelectualidade brasileira da época

352 pp Cód. 467
R\$ 24,00

PÓS-NEOLIBERALISMO

As políticas sociais e o Estado democrático

Emir Sader e Pablo Gentil (organizadores)

Análise sobre o neoliberalismo, que prega a redução da presença estatal na economia. Francisco Oliveira, Goran Therborn, Perry Anderson, entre outros, criticam o sistema, chamado de inimigo da cidadania.

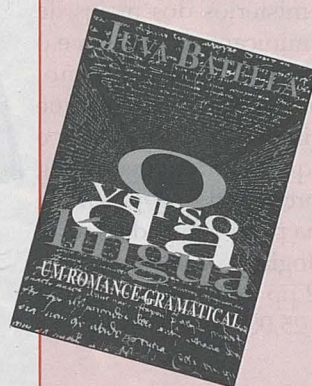
205 pp Cód. 449
R\$ 16,20



ALMANAQUE BRASIL 95/96

Obra apresenta dados geográficos, históricos e sociais do país de forma analítica, se constituindo numa fonte de consulta preciosa para estudantes e profissionais de vários setores. Reúne textos de 14 jornalistas e estudiosos sobre a situação brasileira em áreas como educação, saúde, comunicação, emprego e habitação, entre outras.

261 pp Cód. 318
R\$ 26,00



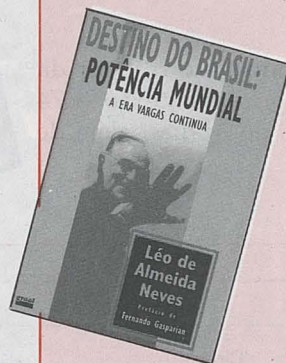
O VERSO DA LÍNGUA

Um romance gramatical

Juva Batella

Os verbos, sujeitos e substantivos deixam de ser acessórios para a criatividade do autor e ocupam o lugar de personagens principais. Luís Fernando Veríssimo define o livro de Batella, de 24 anos, como um "romance hiper-realista"

186 pp Cód. 453
R\$ 15,00



DESTINO DO BRASIL: POTÊNCIA MUNDIAL

A era Vargas continua

Léo de Almeida Neves

O país tem grande potencial, mas falta firmar a cidadania e garantir a sobrevivência econômica. O livro aponta novos caminhos e ressalta o papel histórico de Getúlio Vargas.

270 pp Cód. E-490 R\$ 20,00



A UNE EM TEMPOS DE AUTORITARISMO

Maria de Lourdes de A. Fávero

Histórico das lutas dos estudantes diante da ação do governo no ensino, que usava a educação para sustentar o "projeto de sociedade capitalista", e da repressão política imposta pela ditadura militar.

218 pp Cód. 455
R\$ 20,50

ATENÇÃO: Se, por motivo de insuficiência de estoque, faltar algum livro de seu pedido, a entrega será feita parcialmente e completada posteriormente.

A PERCEÇÃO SOCIAL DA AIDS –

Raízes do preconceito e da discriminação

Janete Hanan

A autora, assistente social, trata do abandono dos doentes e do pânico que toma conta dos familiares e profissionais da saúde, pois a Aids reúne todos os estigmas das doenças antes tidas como catastróficas.

96 pp Cód. E-488 R\$ 25,00

ENSINANDO A ENSINAR

Doli Reiner

Ganha cada vez mais força em empresas a reciclagem de profissionais, procurando atualizar seus conhecimentos. O livro, voltado para instrutores, procura responder três perguntas-chave: quem será o público-alvo, o que precisa aprender e como ensinar.

61 pp Cód. E-452 R\$ 18,40

ORIXÁS – OS DEUSES VIVOS DA ÁFRICA

Abdias do Nascimento

Um livro de arte bilíngüe realçando todo o vigor da mitologia afro-brasileira, com poesias, texto e 74 reproduções em cores das pinturas de Abdias, além de ensaios críticos de vários autores.

170 pp Cód. E-486 R\$ 120,00

COMO CONTAR UM CONTO

Gabriel García Márquez

O escritor Prêmio Nobel mostra, numa oficina na Escola Internacional de Cinema e Televisão de Santo Antonio de los Baños, em Cuba, como se faz para narrar com eficiência, prendendo o espectador do início ao fim

307 pp Cód. 457 R\$ 22,00

A SOCIEDADE DO SONHO

Everardo Rocha

Um estudo antropológico sobre a indústria cultural, os mistérios dos meios de comunicação de massa e o fenômeno do consumo. Obra indicada para os que se interessam pelo tema e os que estudam marketing e propaganda a partir de uma perspectiva da Antropologia do Consumo.

232 pp Cód. 442 R\$ 25,00



SINAL FECHADO

A música popular brasileira sob censura *Alberto Ribeiro da Silva*

A canção popular tem ajudado a formar a identidade brasileira. Por isso o Estado volta-se para ela, usando-a em sua ação política ou censurando-a. O autor estuda os períodos do Estado Novo (1937-45) e do AI-5 (1969-78)

199 pp Cód. 469 R\$ 15,00



CRIANÇAS ESQUECIDAS

Hélio de Oliveira Santos

A situação de abandono de meninos e meninas brasileiros, num retrato em preto e branco da violência presente tanto nas ruas como dentro das casas. O autor apresenta soluções que vão desde a municipalização do problema até a criação do salário abandono

127 pp Cód. 466 R\$ 15,00



EMPRESARIADO E ESTADO NA TRANSIÇÃO BRASILEIRA

Sebastião Carlos Velasco e Cruz
Um estudo sobre a economia política do autoritarismo (1974-77), no governo do general Ernesto Geisel. A obra procura mostrar quais os pontos de convergência entre o abrandamento dos controles autoritários e o modelo econômico vigente

295 pp Cód. 468 R\$ 26,40

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____ Tel.: _____

Profissão: _____

Assinale a forma de pagamento do(s) seu(s) pedido(s):

- () Por telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)
- () Cheque(s) nominal(ais) em anexo à Editora Terceiro Mundo Ltda.
- () Vale Postal - Agencia Lapa
- () Pagarei por reembolso postal
- () autorizo débito no meu cartão _____

que tem validade até _____ / _____ no valor de R\$ _____

Cartão nº:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Aceitamos todos os cartões de crédito

_____/_____/_____
Data Assinatura do comprador

Código	Quantidade

Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda.
Depto. de Assinaturas - Rua da Glória, 122/1º andar
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241-180
Peça também pelo tel. (0800) 25-7511 ou fax: (021) 252-8455

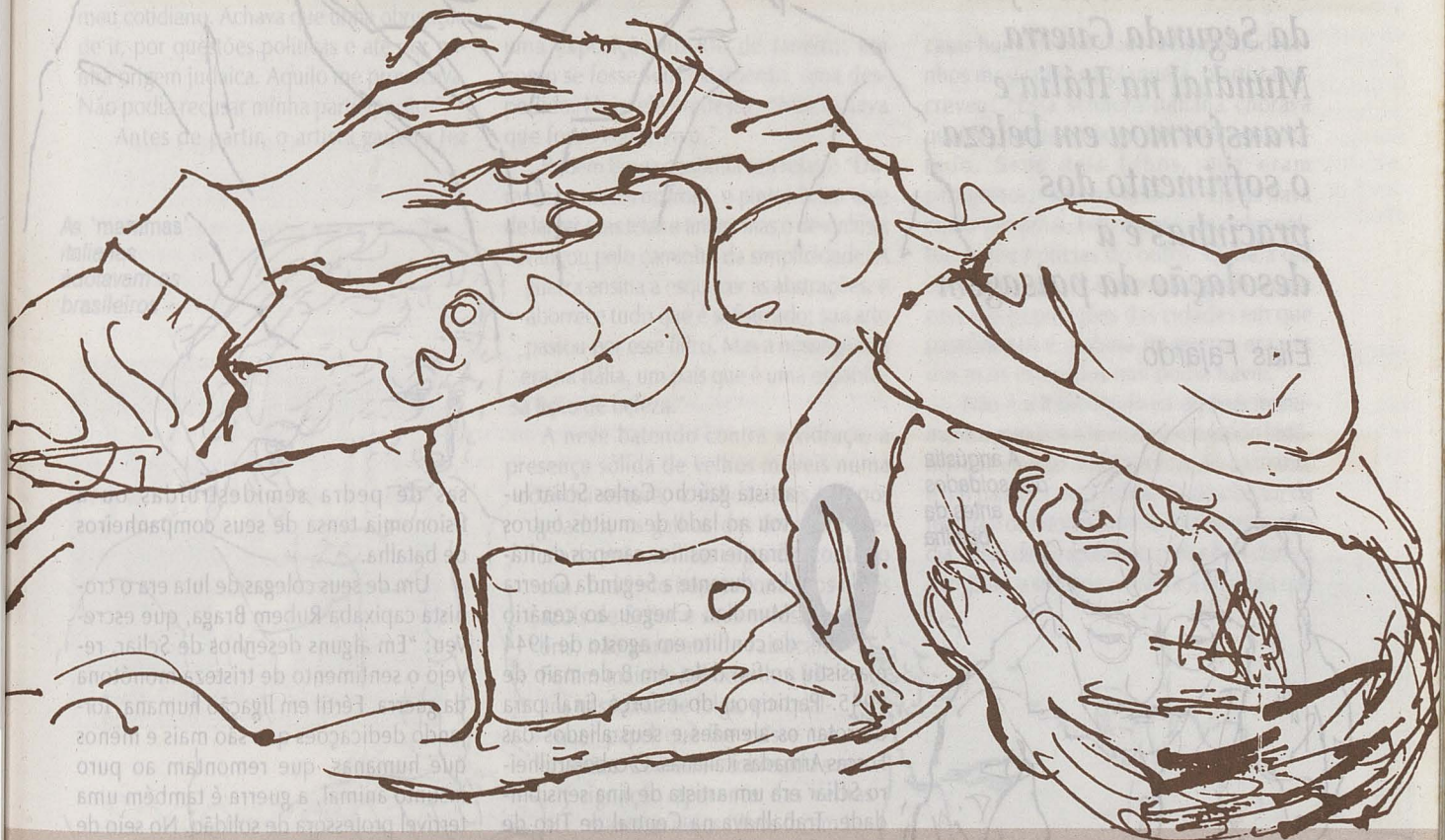
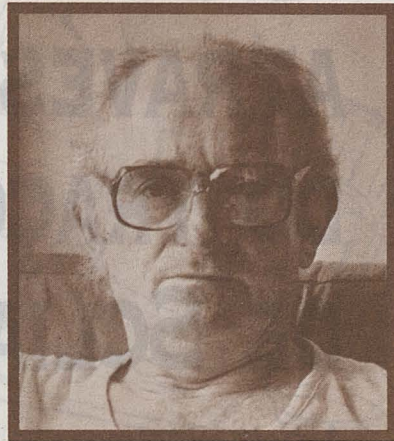
SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS

Carlos Scliar

Um artista no front

Página 2



SAÚDE

Aspectos psicológicos
do câncer

Página 6

EDUCAÇÃO

Dilemas
de universidade

Página 10

A GUERRA ATRAVÉS DO TRAÇO DE SCLiar

Artista plástico brasileiro viveu o fim da Segunda Guerra Mundial na Itália e transformou em beleza o sofrimento dos pracinhas e a desolação da paisagem

Elias Fajardo



A angústia dos soldados antes da batalha



O artista gaúcho Carlos Scliar lutou ao lado de muitos outros brasileiros nos campos da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Chegou ao cenário do conflito em agosto de 1944 e assistiu ao fim dele, em 8 de maio de 1945. Participou do esforço final para derrotar os alemães e seus aliados das Forças Armadas italianas. O cabo-artilheiro Scliar era um artista de fina sensibilidade. Trabalhava na Central de Tiro de seu grupo, mas às vezes largava o transferidor sobre a carta e, olhando a paisagem cinzenta pela janela de vidros bagos e partidos, esquecia o drama que todos viviam e se punha a desenhar, rabiscando árvores, vistas da montanha, ca-

sas de pedra semidestruídas ou a fisionomia tensa de seus companheiros de batalha.

Um de seus colegas de luta era o cronista capixaba Rubem Braga, que escreveu: "Em alguns desenhos de Scliar, rejeito o sentimento de tristeza monótona da guerra. Fértil em ligação humana, forjando dedicações que são mais e menos que humanas, que remontam ao puro instinto animal, a guerra é também uma terrível professora de solidão. No seio de seu tumulto espantoso e grosseiro, o homem às vezes se vê só, abandonado a uma angústia dolorosamente fria, como o adolescente no turbilhão de remotos carnavais."

Neste ano em que se comemora os 50

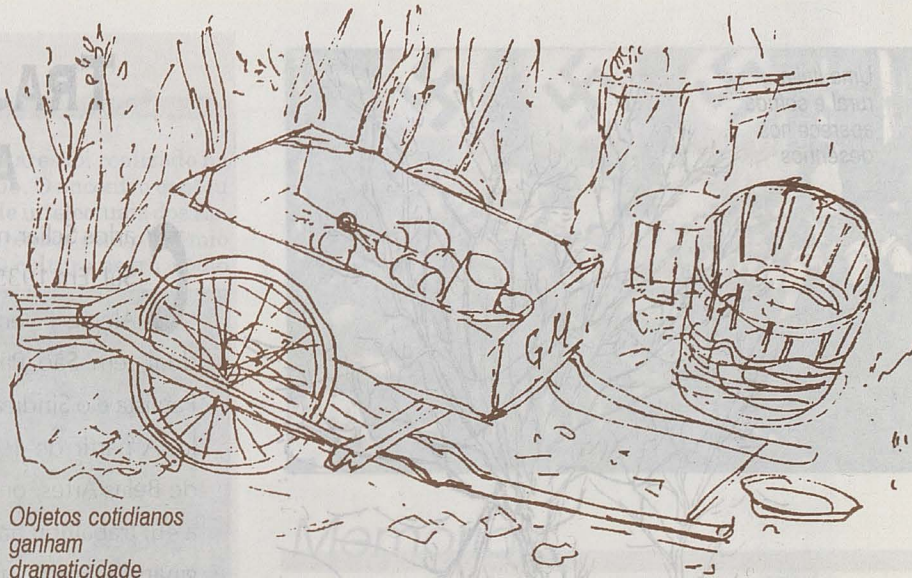
PINGUE PINGUE

anos do fim do último grande conflito mundial, está sendo lançada uma plaqueta chamada A Guerra de Carlos Scliar, de 400 exemplares, em papel reciclado, um trabalho artesanal e gráfico de Guilherme Mansur e Arlindo Diório, com texto a partir de entrevista do artista feita por José Carlos Fernando e Valêncio Xavier.

Ao recordar aqueles tempos, Scliar o faz com o rigor da razão e a chama da emoção: "Na época, eu estava com 24 ou 25 anos e fui como soldado para a Itália nos últimos 11 meses da guerra.

Tinha consciência política do que significava aquela luta contra o nazi-fascismo. Fui convocado em fins de 42, aos 22 anos. O medo ficou muito presente dentro do meu cotidiano. Achava que tinha obrigação de ir, por questões políticas e até por minha origem judaica. Aquilo me provocava. Não podia recusar minha participação."

Antes de partir, o artista gaúcho fez



Objetos cotidianos ganham dramaticidade

uma exposição no Rio de Janeiro: era como se fosse seu testamento, uma despedida. Hoje ele confessa: "Não achava que fosse voltar vivo."

Rubem Braga continua seu relato: "Durante os meses no front, o pintor Scliar teve de largar suas telas e tintas; mas o desenhista avançou pelo caminho da simplicidade. A guerra ensina a esquecer as abstrações, e aborrece tudo que é sofisticado; sua arte passou por esse filtro. Mas a nossa guerra era na Itália, um país que é uma espantosa lição de beleza."

A neve batendo contra a vidraça, a presença sólida de velhos móveis numa cozinha escura, a solidão dos campos gelados, os galhos das árvores parecendo mãos aflitas erguidas contra o céu. Tudo isto impressionava os olhos azuis de Scliar e suas mãos, febris, não paravam de rabiscar. Foram mais de mil desenhos feitos nas horas de folga, em qualquer papel que lhe caísse nas mãos. Comovia-o sobretudo a resignação aparente das velhas *mammas* cujos filhos foram lutar contra os alemães e não voltaram, e cujo instinto maternal as levava a tratar carinhosamente os *brasiliani* que acampavam em suas

casas humildes. Ao lado de um dos desenhos mostrados na plaqueta, o artista escreveu: "Essa senhora italiana chorava quando fomos embora. Ela tinha nos adotado. Seus dois filhos, que eram *partigianos*, estavam lutando. Ela os dava como perdidos. Felizmente um deles voltou e deu notícias do outro. O dia a dia era dramático, ficávamos hospedados na casa das populações das cidades em que passávamos e o clima da guerra era um dos mais estúpidos que podia haver."

Não é a Itália orgulhosa de seus monumentos grandiosos nem de seu passado histórico que emerge dos desenhos. Ao contrário, é um país de camponeses, da desolação, da miséria e da necessidade de sobreviver a cada dia. Além disso, aparecem com nítida clareza a angústia, a saudade de casa e a nostalgia que

As 'mammás' italianas adotavam os brasileiros



Uma Itália rural e sofrida aparece nos desenhos



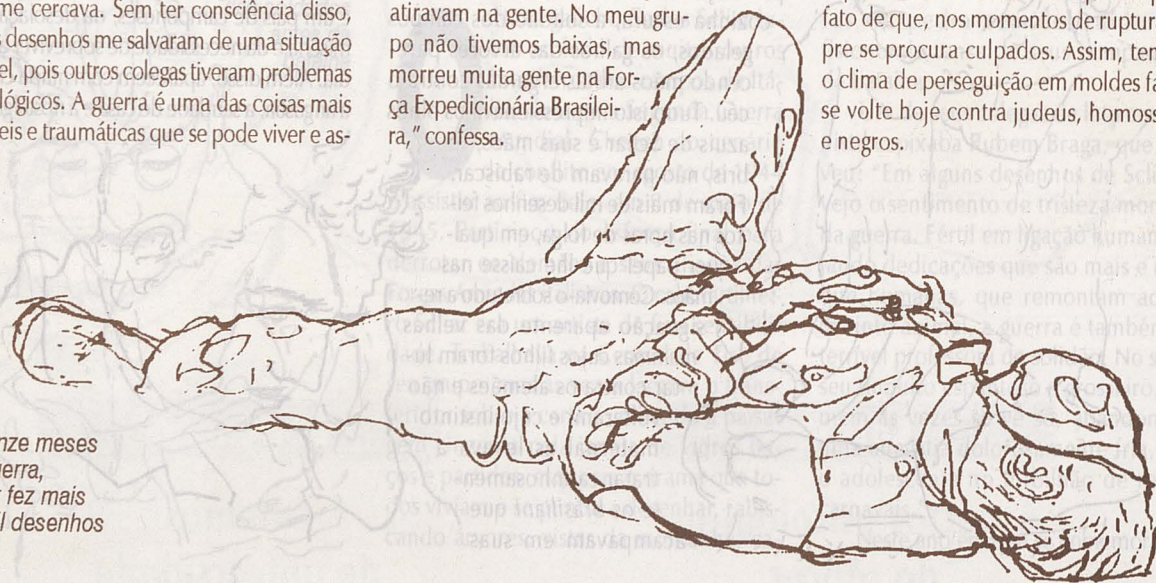
afioravam nos gestos e nas figuras de cada pra-chinha brasileiro que Scliar retratou.

“Não fiz outra coisa senão desenhar tudo que me cercava. Sem ter consciência disso, meus desenhos me salvaram de uma situação terrível, pois outros colegas tiveram problemas psicológicos. A guerra é uma das coisas mais terríveis e traumáticas que se pode viver e as-

sistir”, conta o artista. Sobretudo para quem, como ele, esteve na *front* da artilharia. “Atirávamos para pegar os inimigos e eles atiravam na gente. No meu grupo não tivemos baixas, mas morreu muita gente na Força Expedicionária Brasileira,” confessa.

Atualmente, Scliar acha que a crise é geral, não só do socialismo, mas também do capitalismo. E ele considera preocupante o fato de que, nos momentos de ruptura, sempre se procura culpados. Assim, teme que o clima de perseguição em moldes fascistas se volte hoje contra judeus, homossexuais e negros. ■

Em onze meses de guerra, Scliar fez mais de mil desenhos

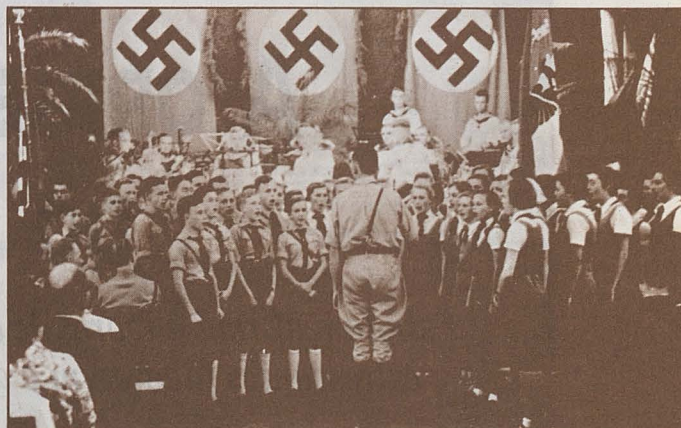
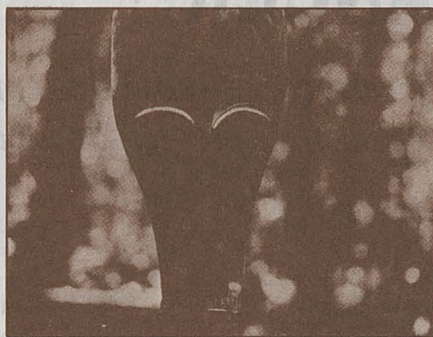


TRAJETÓRIA DO ARTISTA

Carlos Scliar nasceu em 1920 no Rio Grande do Sul. Em 1935, faz sua primeira coletiva em Porto Alegre e, em 1940, a primeira mostra individual, em São Paulo. Integrou a Família Artística Paulista e o Sindicato de Artistas Plásticos de São Paulo. A partir de 1940, participou do Salão Nacional de Belas Artes, onde recebeu vários prêmios. De 43 a 46, trabalhou na imprensa carioca, ilustrando e paginando. Em 47, foi para a Europa, onde viveu quatro anos. De volta em fins de 50, fundou com outros artistas o Clube de Gravura de Porto Alegre, movimento de pesquisa e divulgação da estampa brasileira dentro e fora do país. Até hoje, tem participado de centenas de exposições, ilustrado livros e exercitado seu traço liberto e expressivo. Vive entre o Rio e Ouro Preto, cidade de sua paixão.

Zumbi

O I Salão Nacional Zumbi dos Palmares foi realizado no Museu de Arte Moderna (MAM), do Rio. O encontro contou com a participação de uma delegação de intelectuais dos Estados Unidos, entre os quais dois laureados com o Prêmio Nobel. Foram dez atividades ligadas à cultura negra, como exposição de livros, lançamento de revistas, festival de comida africana, exibição de filmes. A principal atração foi o salão nacional de arte negra, uma experiência inédita no setor de artes plásticas.



Memórias

Entre 1935 e 1945, o mundo assistiu a acontecimentos dramáticos como a ascensão do nazismo na Alemanha e de regimes autoritários em muitos outros países. Essa escalada da violência que antecedeu a Segunda Guerra Mundial é recordada por 200 peças, como fotos, cartazes, revistas, jornais, documentação manuscrita e impressa, objetos apreendidos ou produzidos pela polícia política brasileira, na exposição "Os dez anos que abalaram o mundo", organizada pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e pelo Centro Cultural Light, no Centro do Rio de Janeiro.

Músicas do Sul

As músicas dos países do Terceiro Mundo são carregadas de emoção e falam das condições de vida e das esperanças de suas populações. A Rádio France Internationale (RFI) realizou o concurso Les Découvertes 95 de RFI, com canções da África, América Latina, Caribe e das ilhas do oceano Índico. Um dos premiados foi o grupo College Brothers, de Reunião, que canta a *capella* estilos como o *reggae*, *soul*, *rap* e *jazz*, passando pela *maloya*, música tradicional de seu país. Outro vencedor foi um músico de Comores, Maalesh, que toca guitarra clássica e canta em *swahili*, em *shikomor* e em árabe, inspirado pelo repertório *twarab*, mistura de melodias árabes e egípcias. Comores e Reunião são ilhas no oceano Índico, a oeste da Ásia. Na América Latina, venceu Guadalupe Urbina y los Callejeros, da Costa Rica.

15^{ème} CONCOURS DES MUSIQUES DU SUD

LES
DECOUVERTES
95
DE RFI

RFI

THE 95 RFI DISCOVERIES
FINALISTES AMERIQUE LATINE - CARAIBES

Encontro de enfermeiras

Enfermeiras de todo o Brasil se reuniram para trocar experiências e reciclar seus conhecimentos no 47º Congresso Brasileiro de Enfermagem, promovido pela Associação Brasileira de Enfermagem (Aben). Compareceram cerca de três mil pessoas para debater os problemas e as perspectivas da categoria.

Representação

A revista *cadernos do terceiro mundo* e as demais publicações da Editora Terceiro Mundo estão sendo representadas em Campinas pela Livraria Pontes, na Rua Dr. Quirino 1223, Centro, SP, CEP 13015-081. Fone (0192) 20943 e fax (0192) 517698.



A ORIGEM PSÍQUICA DO CÂNCER

Estudo reafirma a teoria de que frustrações e estímulos emocionais estressantes favorecem o aparecimento e progressão da doença

Glória Dias da Cruz

Pessoas emotivas que costumam fugir de seus problemas teriam mais predisposição de contrair doenças como o câncer. Essa é uma das principais conclusões de Mario Santos Moreira, professor-titular de Psiquiatria da Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio), em sua tese *A importância dos eventos psicobiológicos na carcinogênese clínica*, aprovada em 1992. O estudo foi feito com base em várias publicações e nos resultados da pesquisa envolvendo 30 pacientes cancerosos atendidos no Hospital Gaffrée e Guinle, no bairro da Tijuca (Zona Norte do Rio de Janeiro).

Este trabalho introduziu no meio científico as classificações de temperamento adrenergico, noradrenérgico e colinérgico, deno-

minações idealizadas pelo professor para explicar certos tipos de comportamento e respectivos hormônios centrais predominantes na personalidade humana. Isto confere às pessoas diferentes tipos de conduta: de retraimento ou de ação.

A tese, que vem sendo divulgada no Brasil e em outros países, procura demonstrar que o câncer é psicossomático, desencadeado por fatores estressantes que causam frustração. "É uma doença que favorece a adaptação do indivíduo à realidade, por provocar uma modificação nos fatos que o estão sobrecarregando", explica Mario Santos Moreira. O médico lembra que uma célula transformada (displástica) pode regredir, só se consolidando como tumor maligno se os conflitos frustrantes persistirem.

Pela classificação do especialista, o noradrenérgico tem conduta de ataque diante dos problemas. Ele reage, soluciona ou confronta os fatores externos, que deixam, então, de representar permanentes focos estressantes em sua vida. Já o adrenergico costuma hesitar diante dos eventos causadores de estresse. Tem medo de decidir, de tomar atitudes, sente-se impotente, fica inerte e perplexo, e acaba procurando alguém (geralmente um noradrenérgico) que o proteja e resolva seus problemas. Essa conduta de fuga é mediada, no sistema nervoso autônomo, pela adrenalina.

Há, ainda, os colinérgicos, privilegiados pelo neuro-hormônio acetil-colina, que é tranqüilizante. Por isso, essas pessoas geralmente não se deixam agredir pelos estímulos estressantes do seu meio ambiente. Diante de situações de ameaça, seja de natureza física, emocional ou psicossocial, a conduta de fuga sempre é mediada pela adrenalina, enquanto a de ataque, pela noreadrenalina.

"Doenças como o câncer estão ligadas a aspectos psicobiológicos, ou seja, as variantes químicas, relacionadas com os tipos de temperamento, provocam efeitos diversos", diz Mário Moreira.

O especialista explica que os indivíduos de temperamento variável apresentam sintonia com a realidade e são abertos, afetivos, emotivos e alegres. Podem ter alguma tendência à depressão psíquica. Por estarem em constante inter-relacionamento afetivo com o meio ambiente, ficam mais suscetíveis aos efeitos estressantes.



A tese busca demonstrar que o câncer é psicossomático, desencadeado por fatores estressantes que causam frustração



Atletas costumam ser explosivos e não se abatem facilmente. Temperamento e frustrações influenciam na incidência do câncer

As pessoas com esse tipo de temperamento e com a variável adrenérgica (de fuga) costumam ser mais afetadas pelos eventos desagradáveis, apresentando, assim, maiores possibilidades de criar e desenvolver um câncer, diante de situações de conflito ou frustração, afirma o médico.

Outro grupo é o leptossomático. São as pessoas mais frias, equilibradas e que não se deixam atingir por estímulos exteriores desagradáveis. Já os atléticos são explosivos e violentos, reagindo às provocações. Estes também não costumam se abater com os problemas.

Fatores psicobiológicos do câncer – O câncer quase sempre é desencadeado por fatores emocionais e de comportamento. Foi o que demonstrou os estudos dos casos de 30 pacientes portadores de neoplasias malignas (tumores sólidos ou líquidos), em atendimento no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Os exemplos foram escolhidos aleatoriamente. Alguns estavam em tratamento ambulatorial e outros internados, com características diversas.

“Em nossa pesquisa percebemos um ponto em comum: todos os casos tinham

um estímulo emocional estressante na origem da doença”, afirma Mario Moreira. Em 26 pessoas, a origem da doença era relacionada a frustrações. Nas outras quatro, os motivos eram conflitos.

As decepções são fatores importantes em relação à capacidade de produzir doenças, “principalmente quando se relacionam ao sentimento de perda”, garante o pesquisador. No estudo, as perdas estiveram presentes 17 vezes nos casos em que se verificou uma frustração. No sentido psicológico, o termo designa um tipo de situação na qual um obstáculo – ou acontecimento frustrante – modifica a conduta da pessoa.

“Segundo o grau de adaptação à situação, a reação à frustração poderá ser considerada normal ou patológica”, diz Mário Moreira. O médico explica que foi utilizado o método empírico (inglês) na pesquisa, buscando-se orientação a partir de entrevistas e observações clínicas complementares.

A evolução das pesquisas – O interesse pela medicina psicossomática intensificou-se nos anos 50. Na década seguinte, traços de personalidade, conflitos e frustrações emocionais foram examinados como possíveis fato-

res de contribuição e promoção de diversas doenças, inclusive o câncer.

Nos anos 60, as pesquisas com animais foram intensificadas, na esperança de melhor compreender as influências de fatores emocionais e comportamentais na eclosão da doença. Na década de 70 observaram-se rápidos avanços em imunologia e neuroquímica.

Já nos anos 80, pesquisas enfatizaram as ligações entre as respostas imunológicas e as variáveis psicossociais implicadas no desencadeamento do câncer, de sua vulnerabilidade e progressão. Hoje, sabe-se que os fatores psicológicos influem no sistema imunológico, o que, por sua vez, pode contribuir para o aparecimento e progressão da doença.

As pesquisas demonstram que sintomas depressivos aumentam o risco de se contrair câncer, principalmente pancreático; o luto é um grave fator de risco para o aparecimento e progressão de doenças cancerosas; os indivíduos solitários são mais inclinados a desenvolver a doença.

Outros estudos demonstram que houve melhora na qualidade de vida (em relação ao humor, vigor pessoal, diminuição da dor e ajustamento social) de pacientes com câncer que participaram de terapias de grupo. ■

CÂNCER: A SOLUÇÃO VEM DA FLORESTA



Os dois medicamentos mais eficientes no combate ao câncer surgidos na última década são de origem vegetal. Brasileiros participam do esforço mundial para criar novas perspectivas de cura da doença

tamento do Câncer, decidiu deixar a Europa e voltar ao país. Aqui criou a Central Sul-Americana para o Desenvolvimento de Novas Drogas Anticâncer (Soad, sigla da denominação em inglês – South-American Office for Anticancer Drug Development). “Há milhares de espécies vegetais que precisamos conhecer. Pela primeira vez no Brasil conseguimos articular essa operação de pesquisa científica das plantas de nossas florestas de forma organizada, com laboratórios de várias regiões do Brasil, Uruguai, Argentina, Peru e Chile”, afirma.

Considerado uma autoridade em oncologia, com pós-graduação na Inglaterra, PhD na Holanda e pós-doutorado nos Estados Unidos, Schwartzmann afirma que estão sendo desenvolvidas pesquisas nos Estados Unidos e

Europa com o objetivo de criar artificialmente, através de síntese química, substâncias capazes de combater o crescimento do câncer. “Descobriu-se, então, que os medicamentos desejados poderiam também surgir das estruturas químicas mais sofisticadas, já existentes na natureza, nas plantas. Tanto que os dois remédios mais eficientes surgidos na última década são de origem vegetal: o Taxol (sucesso no câncer de mama, ovário e pulmão) e o CPT 11.”

Em funcionamento há dois anos no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, a Soad se propõe a identificar e desenvolver novos medicamentos contra o câncer e a Aids, coordenando vários programas de pesquisa básica e clínica, em estreita cooperação com instituições nacionais e internacionais de pesquisa.

Para escolher com mais eficiência as plantas que serão estudadas, são utilizadas não só as experiências feitas em laboratórios das instituições conveniadas, mas também os conhecimentos dos biólogos da Soad. Alguns deles integram um programa de pesquisa na

Anna Accioly

Especialistas de praticamente todos os países do mundo concordam que o Brasil abriga uma enorme e variada concentração de espécies vegetais. Há muito tempo se alerta para a necessidade de se defender a Amazônia, o Pantanal Mato-Grossense e a Mata Atlântica, para que as riquezas de nossa flora não acabem nas mãos de grupos estrangeiros, que poderão cobrar dos brasileiros altos preços pelos produtos derivados de substâncias encontradas originalmente em nosso território. O importante seria preservar para o Brasil a rica biodiversidade do país – um terço da existente no mundo inteiro –, beneficiando toda a humanidade, mas com patentes e créditos brasileiros.

Foi com esse objetivo que o oncologista brasileiro Gilberto Schwartzmann, diretor da Central para o Desenvolvimento de Novas Drogas Anticâncer da Organização Europeia para a Pesquisa e Tra-



Gilberto Schwartsmann:
o remédio mais eficiente
para tumor no ovário
vem de uma planta
da Mata Atlântica

Floresta Amazônica, contando com o auxílio de "mateiros" para a coleta das espécies vegetais.

"O folclore é investigado como um dos indícios de eficácia de determinada espécie vegetal, mas com muita cautela. São levadas em conta apenas as evidências com peso importante, de várias culturas diferentes que, através de séculos, chegaram às mesmas conclusões. Ou então a busca de espécies brasileiras relacionadas a outras já consideradas ativas em pesquisas no exterior", diz Schwartsmann, professor de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS).

No programa de testagem *in vitro* da Soad estão sendo avaliadas atualmente mais de 500 substâncias, derivadas de produtos naturais, vegetais e de fermentações. Os pesquisadores trabalham com equipamentos de alta tecnologia na separação química de partes das plantas. Essas substâncias são aplicadas em mais de 60 tipos diferentes de câncer para dimensionar os resultados. "Nosso melhor candidato a remédio é um derivado de uma planta da Mata Atlântica, da região do Rio de Janeiro, que tem se mostrado muito eficiente no tumor de ovário. Em tubos de ensaio, é bom lembrar."

Além do projeto de desenvolvimento de novos medicamentos derivados de plantas brasileiras, a Soad mantém um programa de pesquisa em pacientes, com a testagem de novos remédios já aprovados internacionalmente para uso em seres humanos. Além disso, é a única entidade da América Latina que tem convênio de cooperação com o Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos. A grande vantagem é que, dessa forma, os doentes brasileiros têm acesso gratuito a drogas de última geração só disponíveis nos gran-

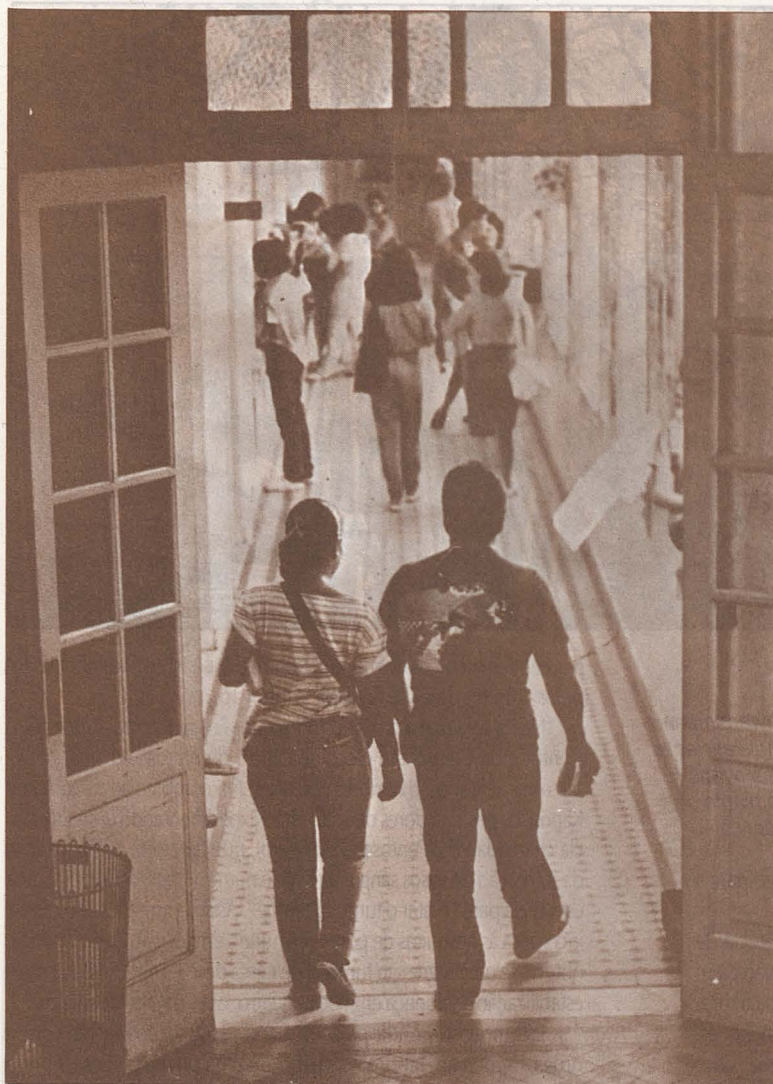
des centros médicos do mundo, dentro das condições estabelecidas pelos comitês de ética de cada instituição.

Nessa área destacam-se estudos que vêm sendo realizados pelos cientistas da Central em casos de câncer de pulmão, mama, útero, sarcoma de Kaposi e tumores cerebrais. No combate ao sarcoma de Kaposi, os pesquisadores da Soad estão experimentando uma substância chamada PPS (Pentosan Polisulfato), que funciona como inibidor da formação de vasos sanguíneos, que nutrem o tumor, ou seja, uma estratégia para "matar o tumor de fome". Assim, num trabalho que se incorpora às pesquisas de ponta no mundo em relação a essa doença, obteve-se uma regressão tumoral de cerca de 80% em um paciente e estabilização da doença em outros quatro, com toxicidade mínima.

Está previsto ainda para este ano o início dos testes com a droga Topotecan, fabricada a partir de uma planta chinesa, contra o câncer de pâncreas. A Soad está pesquisando, ainda, as aplicações de um novo antimetabólico, o DAC, no combate aos casos de câncer de pulmão e de colo de útero. O DAC é um falso DNA que pode bloquear a duplicação desordenada das células tumorais.

A base de todo câncer é o crescimento desordenado de células geneticamente modificadas. Em geral, quando uma apresenta problemas, as defesas do organismo se encarregam de retirar a unidade defeituosa. Esta precisa morrer para não prejudicar o organismo todo. Entretanto, muitas vezes, o DNA (ácido desoxirribonucléico) presente no núcleo das células humanas perde os genes supressores de tumores – os quais impediriam a multiplicação celular anormal.

Em outros casos, genes que controlam a divisão normal das células sofrem alterações, levando a um crescimento celular exagerado. "Existem vários tipos de câncer. São muitas doenças diferentes, muitas delas já curáveis. Tivemos um grande avanço nessa área nos últimos anos. Há uma década, a leucemia em crianças era fatal em 90% dos casos. Hoje temos um índice de cura total de 70% desses casos", afirma o professor Schwartsmann. Uma realidade que entusiasma os cientistas e permite a esperança para muitos. ■



Ensino superior busca autonomia acadêmica, administrativa e financeira

UNIVERSIDADE OU 'UNIVERSITY'?

*Professores e funcionários criticam o governo
por tentar reduzir a responsabilidade
do Estado no ensino de 3º grau*

Nereida Daudt e Lino Rodrigues

A história da relação entre o Estado brasileiro e as universidades por ele controladas é de inadimplência crônica. O dispositivo constitucional de 1969, que estabelecia a aplicação mínima de 12% dos recursos do orçamento da União no desenvolvimento do ensino público, nunca pôde ser honrado. A Constituição de 1988 ampliou a dotação federal mínima para a educação para 18% da receita obtida com impostos e para 25%, no caso de estados e municípios. O descompasso entre lei e realidade ficou ainda maior.

Essa diferença histórica entre as verbas estabelecidas e as destinadas ao setor de educação acaba embasando as atuais propostas do Ministério da Administração e Reforma do Estado — projeto das organizações sociais — e do Ministério da Educação — política para as instituições federais de ensino superior.

A questão central nos dois projetos não é aumentar os investimentos públicos na educação, mas diminuir a responsabilidade da União em financiar as instituições de ensino público. "Os projetos oficializam isso", afirma Luis Henrique Schuch, presidente do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Sindes). Segundo ele, o governo sempre disfarça sua responsabilidade em relação ao repasse do percentual constitucional. "Nunca admite sua culpa e usa as mais variadas artimanhas para rebaixar esses valores, incluindo pagamento de aposentados e jogadas contábeis", observa.

Para Schuch, essas propostas estão sintonizadas com interesses internacionais. "O Banco Mundial há muitos anos diz em seus relatórios que um país com tantas dificuldades como o Brasil deve cobrar pelo ensino superior." O representante nacional dos professores universitários informa que a Comissão de Estudos para a América Latina e o Caribe (Cepal) também tem uma visão de submissão das instituições de ensino ao setor privado. "O momento brasileiro está perfeitamente entrosado com essas diretrizes. É a onda da modernidade que quer submeter tudo ao mercado; onde tudo é o mercado, até mesmo os seres humanos se tornam mercadorias."

As direções das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) também condenam a proposta do ministro da Administração, Bresser Pereira — incluída no projeto de reforma administrativa —, que quer transformar as universidades em organizações sociais, não-estatais e de direito privado. A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (Andifes) faz duras críticas ao projeto do ministro que, segundo os diretores, ao invés de dar autonomia às instituições, acaba desvirtuando o sentido da educação pública e retirando o compro-

misso de financiamento estatal com o setor conforme a receita obtida com impostos. "Essa proposta se contrapõe à concepção de um sistema nacional público de educação superior que precisa ser fortalecido", salienta documento da Andifes.

As diretorias das Ifes defendem um modelo de autonomia plena, que passe pela garantia e definição clara das fontes de financiamento, em valores reais, com liberação regular que assegure a manutenção e a expansão do sistema federal de ensino superior. Os dirigentes propõem também a definição de um estatuto jurídico que assegure melhor gestão administrativa e de pessoal, aumentando a eficiência das universidades públicas federais. Essencialmente, os reitores defendem autonomia acadêmica, administrativa e financeira, os três pilares básicos da universidade.

Segundo Renato de Oliveira, presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ADUFRGS), com a proposta de Bresser "as universidades federais, nos moldes de hoje, deixam de existir. O seu patrimônio que está à disposição do Executivo vai ser repassado para uma organização social. O governo cede a universidade com os professores e técnicos e uma fundação tem autonomia para contratar e demitir pessoal e estipular nível salarial conforme sua política".

Para Horácio Macedo, ex-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), "o objetivo do governo não é acabar, mas tornar a universidade mais rentável. Não para o povo, mas para as classes dominantes. Nunca a universidade pública gratuita esteve tão ameaçada. Agora é uma mudança de estrutura".

Diomário de Queiróz, reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) diz que propostas do tipo Bresser Pereira, que transformam a universidade em organizações sociais de direito privado, "são uma ameaça muito grande para a universidade pública. Nós precisamos manter o caráter público da instituição, ou seja, uma universidade solidária que tenha compromissos inclusive com o enfrentamento da fome, da miséria, problemas de



A universidade pública é responsável por 90% da produção científica e tecnológica acadêmica

exclusão da maior parte da população dos benefícios do desenvolvimento social".

Luis Henrique Schuch define a proposta de Bresser como "uma espécie de *franchising*, permitindo que entidades assumam o gerenciamento das universidades, com repasse de pessoal e patrimônio".

Alguns pontos defendidos pelo Ministério da Educação no documento *A política para as instituições federais de ensino superior* foram pactuados com a Andifes. Entre eles, a garantia de permanência do Sistema Federal de Educação Superior Pública; adoção de um modelo de orçamento global que garanta o financiamento das Ifes pelo poder público e o reconhecimento de que as universidades federais são instituições públicas estatais gratuitas.

Alguns pontos não obtiveram consenso entre a Andifes e o Ministério da Educação, como aplicação do princípio de gratuidade no ensino regular de graduação e pós-graduação; fim da aposentadoria especial por tempo de serviço para docentes do ensino superior; aposentadoria integral, mas sem vantagem e criação de um regime especial de trabalho próprio de universidade pública. Outros tópicos estão sendo analisados pela comunidade acadêmica para que seja criado um novo modelo organizacional para as Ifes, com o reco-

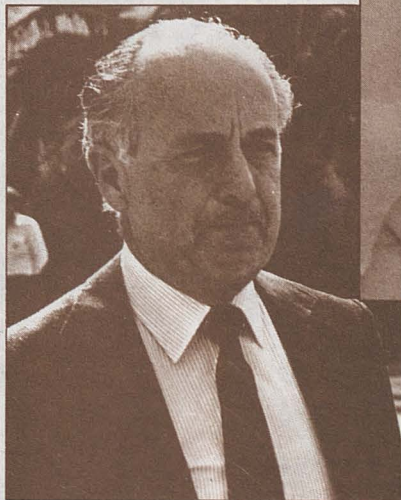
nhecimento, em normas próprias, de sua peculiaridade por serem instituições públicas de interesse social.

Para o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Hélgio Trindade, a reação dos dirigentes, através da Andifes, e a proposta de "autonomia plena" do MEC, que preserva a universidade como instituição pública, derrubaram o projeto do ministro da Administração de privatizar as universidades federais. "Creio que inviabilizaram a proposta da *Bresser Pereira University*", ironiza.

Segundo o reitor, a autonomia institucional em suas diferentes dimensões (didático-científica, administrativo-financeira e patrimonial) é uma bandeira histórica das universidades e está na essência do conceito secular de instituições de ensino superior. No Brasil, analisa Trindade, embora se reconheça na Constituição a autonomia das universidades, a garantia ficou letra morta por ausência de uma regulamentação legislativa.

"Considero desejável que as universidades públicas federais se tornem efetivamente autônomas, desde que lhes sejam asseguradas as condições de financiamento adequado e regular, libertando-as dos controles jurídico-administrativos atualmente existentes", argumenta Trindade. Ele acrescenta que a situação atual de dependência direta do MEC inviabiliza o planejamento institucional, afetando seriamente a liberdade acadêmica.

Onde tudo é
mercado, até
os seres
humanos se
tornam
mercadorias



Bresser Pereira: modelo problemático

O maior receio do reitor da UFRGS, porém, é de que a tão propalada autonomia seja uma estratégia disfarçada para jogar as universidades federais no mercado, desobrigando o Estado da responsabilidade de sua manutenção. "Se for isso, os reitores a rejeitarão, porque não é esse o sentido internacionalmente associado à autonomia universitária", conclui Trindade.

Contudo, o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, diz que os desperdícios que acontecem nas universidades só serão eliminados quando houver autonomia plena. "Na verdade, quem administra as universidades é o ministro. Por isso, a proposta que o ministério está encaminhando é de autonomia plena. Hoje só existe autonomia acadêmica", afirma Paulo Renato.

Para a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFRJ (Sintuferj), autonomia é sinônimo de compromisso estatal. Em nota distribuída na universidade, a entidade, que tem 12 mil filiados, cita como exemplo a garantia da autonomia administrativa, financeira e acadêmica nas universidades públicas de Portugal. No país europeu, segundo o Sintuferj, as universidades são autônomas e dispensadas da aprovação prévia do Tribunal de Contas. Elas geram e transferem livremente verbas; elaboram seus programas plurianuais; propõem seus orçamentos; têm capacidade para obter receitas próprias conforme seus critérios e possibilidade até de alugar diretamente edifícios, se indispensáveis ao funcionamento.



Diomário de Queiróz: compromisso social

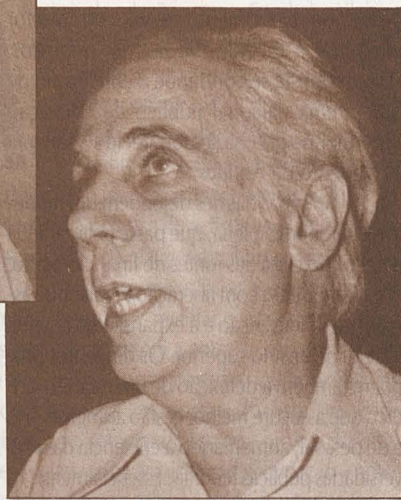
Tendência privatizante e necessidade da presença do Estado despertam polêmica na universidade

Questão de segurança nacional – As comparações são sempre frutíferas, principalmente nesse momento em que o mundo vive um período crucial da sua história. De acordo com dados do Banco Mundial (Bird), um bilhão de pessoas – que sobrevivem com menos de US\$ 1 diário – estão sendo levadas a enfrentar condições de vida de uma nova Idade Média.

Sob esse prisma, é útil analisar, por exemplo, os meios utilizados pelos tão invejados "tigres asiáticos" em seu acelerado processo de desenvolvimento. A história recente daqueles países, segundo José Carlos Frantz, geólogo e professor do Instituto de Geociências da UFRGS, permite demonstrar que nas duas últimas décadas, em razão das limitações dos sistemas educacionais superiores locais, foram realizados investimentos prioritários na formação de recursos humanos.

Durante este período, informa o geólogo, a manutenção de dezenas de milhares de estudantes em cursos de graduação e pós-graduação de universidades européias e norte-americanas foi o principal investimento. Só na Inglaterra, no início dos anos 80, foram mantidos mais de 20 mil alunos de graduação, diz ele.

Relatório do Bird mostra que a participação dos países asiáticos no PIB mundial cresceu de 5% para 20% entre 1965 e 1988 e a parcela nas exportações globais evoluiu de 10% para 13% no mesmo período. Os países desenvolvidos, ou que almejam este estágio,



Horácio: universidade para elite

esclarece Frantz, tratam de educação e ciência como questões de segurança nacional e como investimento básico de retorno seguro e multiplicado.

Japão e Estados Unidos destinam, conforme dados do Banco Mundial, 2,9% e 2,55% de seus PIBs para a ciência. No Brasil este índice é de 0,6%. Quem sabe não é também por isso que o ministro Bresser Pereira propala que "não há sistema melhor no mundo do que o americano?" "Lá todas as universidades são públicas, não-estatais", diz o ministro justificando que sua proposta é similar ao sistema adotado nos Estados Unidos. "As universidades recebem verbas do Estado sem estarem subordinadas, em troca, cobram taxas menores de seus alunos". "Já o sistema brasileiro", analisa Bresser, "foi montado com base no modelo francês, estatal, rígido e, a meu ver, com graves problemas, muito atrás do sistema americano".

As universidades públicas são responsáveis por mais de 90% da produção científica, tecnológica e cultural gerada no Brasil, segundo dados da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). As instituições mantêm a maior parte dos cursos de pós-graduação e os mais disputados. Além disso, elas qualificam os hospitais públicos e desenvolvem projetos de pesquisa, muitas vezes únicos, como os das áreas de química fina, tecnologia de alimentos, geologia, física e genética. Portanto, na universidade pública é instrumento importante para construir a independência tecnológica do nosso país.

ENSINO FUNDAMENTAL

*Em meio à crise
da escola pública,
experiências mostram*

*que é possível fazer
um trabalho
de qualidade*

Texto: Gabriela Temer

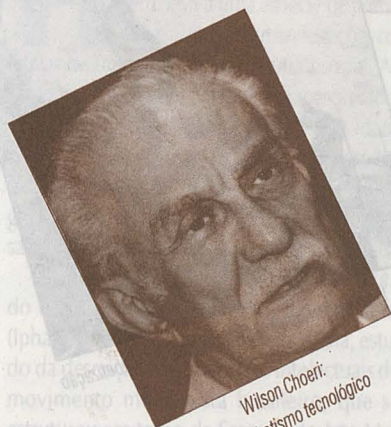
Fotos: A.C. Junior



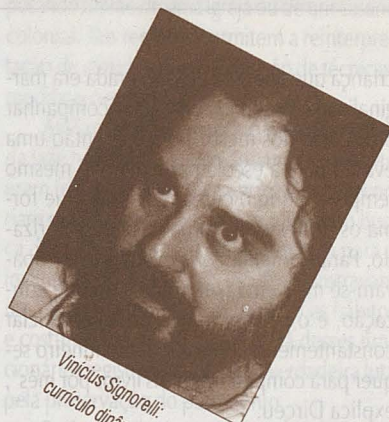
*Ana Oliveira:
compromisso com a realidade*



*Dirceu Castilho:
dever do Estado*



*Wilson Choerir:
analfabetismo tecnológico*



*Vinicius Signorelli:
currículo dinâmico*

"Se houvesse uma moeda mundial, com certeza esta seria o conhecimento"

Prof. Dirceu Castilho

A educação brasileira vive uma crise grave e a situação é mais preocupante quando se trata do ensino fundamental, pois é nesta fase que acontece não só a alfabetização e a iniciação escolar, mas também a formação do indivíduo como cidadão.

Para discutir esta realidade, o Colégio Pedro II organizou um congresso de ensino fundamental, que recebeu patrocínio do MEC, apoio do Banerj e da Secretaria Estadual de Educação. Incluindo palestras, mesas-redondas, oficinas, murais, *workshops*, grupos de trabalho e plenária, o evento teve como objetivo repensar a

prática pedagógica e estabelecer trocas entre as diversas instituições de ensino, abrindo espaço para novos caminhos. Participaram professores e profissionais ligados à área, alunos do curso de formação de professores, num total de mais de 700 pessoas de 140 instituições de todo o Brasil, que apresentaram 166 trabalhos.

De uma maneira geral, os debatedores concordaram que escola não deve ser um espaço de verdades acabadas, mas sim um lugar plural que ofereça opções. Para a professora Ana Oliveira, da comissão executiva do congresso, "a educação da criança deve ter um compromisso com a realidade, pois a construção de todos os conceitos se inicia aí. É necessário que a alfabetização seja bem-feita e completa".

Mas falar da situação precária do ensino, principalmente quando nos referimos à escola pública, é muito cômodo. Difícil é mudar.

A situação da escola pública é muito precária. Há poucos recursos, as verbas existentes custam a chegar e não existe quase nenhuma manutenção do espaço já existente. Além disso, o trabalho do professor não parece ser reconhecido nas folhas de pagamento. Como exigir então do professor dedicação exclusiva e uma atuação de excepcional qualidade? E como deixar uma etapa tão necessária e importante na formação do indivíduo desse jeito, "jogada às traças"?

Para o professor Dirceu Castilho, "a educação é meta e dever do Estado". Ele explica que a história recente do nosso país assistiu ao desmonte da escola pública. Até o início dos anos 60, a educação pública era de excelente qualidade, mas atendia apenas às elites. A partir do final dessa década e início dos anos 70, democratizou-se o acesso às instituições públicas, mas não o seu ensino, que continuou elitista. Logo, a

A ARTE DOS ALUNOS

A pesar da falta de verbas e outros problemas, o Colégio Pedro II mostra que, com vontade, é possível fazer um trabalho com profundidade e profissionalismo. Nas salas de artes plásticas, as máscaras em papel machê, as maquetes, os desenhos, tudo reflete a sensibilidade incentivada das crianças. Sonia Vinco, professora da classe de alfabetização, conta que o trabalho artístico tem uma função complementar muito importante na educação da criança. Além de trabalhar o espaço e a criatividade, o Pedro II também recicla o lixo, transformando-o em brinquedos. "O objetivo é

mostrar que o lixo não é lixo", explica a professora Sonia Vinco.

Já as salas de Estudos Sociais estampavam o trabalho de espaço/tempo/grupos sociais. Segundo a coordenadora do setor, a professora Maria de Fátima Silva, "a intenção é fazer os alunos entrar em contato com outras culturas através de vivências e trabalhar, num processo evolutivo, as formas de sobrevivência".

criança que chegava despreparada era marginalizada, pois não conseguia acompanhar o discurso dos mestres. Houve então uma evasão para a escola particular, ao mesmo tempo em que o curso de Letras, que forma os professores, tornava-se desvalorizado. Paralelamente, "os governos preocupavam-se mais em fazer política do que educação, e o professor, que deve se reciclar constantemente, hoje não tem dinheiro sequer para comprar três bons livros por mês", explica Dirceu.

Ele fala ainda que existe um grande interesse em desvalorizar mais ainda o ensino público e que, por isso, é urgente que haja governos interessados numa política educacional séria e com continuidade, "afinal, países do mundo inteiro costumam se superar através do conhecimento. Sem dúvida, se houvesse uma moeda mundial, esta seria o conhecimento".

Wilson Choeri, diretor-geral do Colégio Pedro II, diz que não se pode mais continuar importando modelos educacionais gerados em outros países, e introduzidos no Brasil sem que seja feita uma adaptação sócio-pedagógica para cada área brasileira. "É preciso saber o que se faz no mundo, mas não podemos ser meros imitadores, sem definir um modelo próprio para a educação brasileira", afirma. Para ele, num país subdesenvolvido e emergente, a educação tem que ter uma visão geopolítica a fim de atender às necessidades de cada região. Na sua opinião, outro sério problema é o isolacionismo, que não permite uma interpretação mais ampla das idéias.

Choeri critica também o analfabetismo tecnológico e o atraso do sistema escolar em relação aos avanços da ciência. Além disso, defende um planejamento em educação que prepare o novo profissional para o setor terciário – o que mais cresce hoje em dia e que tem grande capacidade de absorção de mão-de-obra.

Currículo – Uma das maiores discussões deu-se em torno dos currículos escolares, um conjunto de instrumentos que auxilia o professor na sua prática como educador. Para Vinícius Signorelli, professor da Escola da Vida (SP), é importante que se tenha modelos, referências e parâmetros, mas uma escola não tem verdadeiramente currículo se seus professores não são os autores dele: "Ele deve ser construído e incorporado pelo corpo docente, que o vai colocar em prática. Até porque seu conteúdo não é só o conceito, mas a forma de realização." Signorelli chama a atenção para a dinâmica do currículo. Em primeiro lugar, porque os conceitos são constantemente "reconceituados", depois porque as intenções devem ser concretizadas em cada local de trabalho. Para ele, esse é o problema da adoção do livro didático como único instrumento de trabalho, que muitas vezes não permite uma adaptação às necessidades da turma. Como instrumento facilitador da prática escolar, o currículo deve estar em constante mudança e evolução, assim como o mestre. "A idéia que muitos professores têm e que deve acabar é essa: 'agora que me



Sonia Vinco e os trabalhos das classes de alfabetização

formei posso dar aula e ponto final'. Cada ano é um novo ano no qual ele deve se formar novamente", afirma Signorelli.

Para Wilson Choeri, o currículo deve ter um núcleo comum que permita que um aluno que saia de uma escola do Nordeste para o Sul consiga apreender os instrumentos de comunicação, os instrumentos lógicos e informações sobre os vários aspectos da cultura brasileira. "Mas deve, ao mesmo tempo, ter um conjunto de disciplinas ajustadas à realidade da região onde se encontra a escola, que vivencie seus problemas locais e sinta o seu chão", diz ele. Explica ainda que, no passado, havia um programa nacional, mas que, com a Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024, aboliu-se esse programa nacional. Para ele, na realidade o resultado foi a transferência da ditadura do MEC (como formulador de uma política educacional centralizada) para as editoras (que influenciam fortemente os professores para que adotem seus livros e produtos).

FOTOGRAFIA: UMA ANTROPOLOGIA VISUAL

Clara Emília Monteiro de Barros *

A fotografia permite dois tipos de reflexão: uma quanto à linguagem artística e outra como documento. Transmitindo mensagem através da imagem, leva a uma espécie de antropologia visual das manifestações coletivas de uma época e da estrutura social. Ao estudar o documento fotográfico, o pesquisador apreende melhor o espaço: relações de idade nas atividades, aculturação, relacionamento entre paisagem e habitação, recuperação de antigos processos de artesanato e cerimônias religiosas e diferenças entre grupos políticos e sociais.

Uma das vertentes do arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no Rio de Janeiro, é a etnografia, estudo da descrição dos povos. Os intelectuais do movimento modernista brasileiro, que se estruturou em torno da Semana de Arte Moderna de 1922, foram colaboradores na formação dessa instituição. Eles vislumbraram a realidade brasileira valorizando elementos regionais que constituem a identidade cultural.

Parte do acervo do Iphan merece uma abordagem antropológica. São fotos de elementos humanos, habitações em adobe ou pau-a-pique, fornos de barro como o da casa de Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios (AL).

Há, também, fotografias de operários em obras de restauro, guardiões de edificações históricas e imagens da Comitativa de Rondon em 1930 resuscitando o Forte Príncipe da Beira. Esta última foto mostra componentes da comitiva, a arquitetura colonial militar do forte, construções de tecnologia habitacional indígena e a chata, embarcação típica da região aportada no rio Guaporé.

Na coleção de Christiano Júnior, o olhar compassivo dos escravos-de-ganho em andrajos revelam a penúria de seus senhores. Nos registros do Mercado Mu-

nicipal de Diamantina (MG), os tropeiros podem ser vistos num tempo em que eram poucas as estradas e os muros que traçavam vias de comunicação entre cidades e povoados.

O sentido de continuidade de tempo pode ser notado numa fotografia da década de 40. Nela um negro toma sol à porta de uma senzala de uma fazenda de café em Vassouras (RJ), repetindo um hábito de seus antepassados. Corroborando com Marcel Mauss, que considera o tempo e o espaço categorias relevantes à religião, há ainda fotografias de oratórios familiares. Estas imagens sacralizavam determinado espaço no interior das casas das fazendas numa renovação diária de orações, independente dos rituais religiosos dos escravos no terreiro e da missa semanal na capela.

Tais cenas revelam através do gestual, de movimentos e de posições socializantes, costumes tradicionais de uma comunidade. Como exemplo a foto de um caboclo agachado pitando seu cigarrinho ao lado de sua bicicleta.

Fotógrafos estrangeiros como Hess, Kruse e Graeser foram mais sensíveis às imagens, aos seus olhos exóticas, captadas pelas suas câmaras.

Os próprios funcionários do Iphan, surpreendidos em seus trabalhos pelo fotógrafo, constituem razão para análise mais minuciosa. São arquitetos, restauradores e operários posando diante de uma igreja ou de um casario colonial. Tais registros permitem a reinterpretação de atitudes, como evolução de técnicas, modificações de equipes.

As viagens desses funcionários da chamada fase heróica do antigo Sphan nem sempre eram feitas em veículos motorizados. Percorriam estradas em carroças ou a cavalo em busca de conhecimento e documentação para o inventário do acervo cultural. Demonstravam um olhar de etnólogos ao registrar os hábitos e costumes populares. A vivência desses funcionários registrada conta uma verdadeira luta pela preservação do patrimônio.

Fotógrafos de outras épocas do Iphan pensavam estar apenas resguardando a imagem de um prédio. Possivelmente ficariam surpresos se pudessem saber que ultrapassaram as coordenadas do tempo ao eternizar seus contemporâneos.

Espontâneas e líricas, estas fotos levam a refletir sobre a importância de cada uma dessas imagens, que representam uma sociedade que se modificou mas não perdeu sua importância histórica.

A visão inovadora que personaliza cada tema contido nessas fotografias, aliada à história do patrimônio brasileiro, oferece um verdadeiro perfil etnográfico do arquivo do Iphan. Resgatá-lo aos olhos do público garantirá a continuidade de medidas de preservação e divulgação dos elementos que compõem o patrimônio etnográfico do país.



Na casa de adobe no interior paulista, uma família toma café moído na máquina artesanal

* Mestre em História da Arte, doutoranda em História Social na UFRJ



A volta do poder jovem

Claudia Guimarães

Escritor, jornalista, compositor e professor, Arthur José Poerner tornou-se conhecido, entre outras realizações, pelo livro *O poder jovem - história da participação política dos estudantes brasileiros*, lançado em 1968, proibido em 1969, relançado clandestinamente em 1977 e reeditado em 1979 e 1995. Aqui, fala da obra que se tornou um clássico.

O que motivou a quarta edição, ampliada e atualizada?

AP - É grande a demanda dos estudantes pela história das suas lutas. Como a anterior esgotou-se, o recém-criado Centro de Memória da Juventude me propôs uma reedição atualizada, englobando a mobilização dos "cara-pintadas" pelo *impeachment* de Collor.

Quando da primeira edição, em 1968, às vésperas do AI-5, o Brasil era bem diferente. Como analisa os dois momentos?

AP - Àquela época, o movimento estudantil vivia sua fase mais heróica e sangrenta, como vanguarda da resistência a uma ditadura militar que procurava eliminar a oposição. Por isso, o livro foi um dos primeiros a serem proibidos após o AI-5, por portaria do ministro da Justiça, Alfredo Buzaid. Se não se podia nem escrever sobre as lutas estudantis, imagina o que era participar delas. Hoje, a liberdade de expressão e manifestação é respeitada, mas continuamos longe da autêntica democracia, que não atingiu os planos econômico e social.

Você registra os momentos mais importantes - desde a invasão francesa do Rio de Janeiro, em 1710 - dos jovens na política, como a campanha "O petróleo é nosso". Como vê a aparente desmobilização deles hoje?

AP - O movimento estudantil, como qualquer outro, não pode estar sempre no auge. Entre os momentos de apogeu, decorrem fases de aparente desmobilização, em que observadores apressados atestam a morte

do movimento. Sempre foi assim, mas os jovens nunca deixaram de participar, tendo até mesmo detonado alguns fatos, como a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a derrubada de Collor. Hoje, quando a mídia não se ocupa dos estudantes, a UNE realizou, em junho passado, o maior congresso da sua história, com oito mil jovens, dos quais 5.346 delegados.

Atualmente se acentua (não só entre os estudantes) o desinteresse pela política eleitoralista, que não traz soluções para os problemas. Não é do Legislativo nem do Executivo, mas do Movimento dos Sem-Terra que parte o atual impulso para resolver a vergonhosa situação fundiária no país.

Qual o caminho do movimento estudantil viver novo apogeu?

AP - Assim como o Movimento dos Sem-Terra atrai a atenção nacional para a luta pela reforma agrária, os estudantes voltariam a concentrá-la se desencadeassem uma campanha em grande escala pela reforma das arcaicas estruturas educacionais, que também emperram o desenvolvimento. A gravidade do problema justificaria uma marcha sobre Brasília, com a ocupação do Ministério da Educação. Não é possível que o Brasil chegue ao século XXI sem reformas básicas, como a agrária e a educacional.



Que mistério é esse?

Carlos Frederico Barcellos

Tendo como ponto de partida o encontro entre sambistas e intelectuais no início do século, Hermano Vianna aponta - no livro *O mistério do samba*, de Jorge Zahar Editor e Editora UFRJ - a misteriosa relação entre elite brasileira e cultura popular, e indaga: como o samba, restrito a guetos negros e marginais, torna-se, em cerca de 20 anos, um dos mais marcantes signos da unidade nacional?

Trata-se de um estudo sobre música popular, traçando um panorama do sentimento de *ser brasileiro*. Vianna nos leva às vertentes ideológicas e aos debates, destacando a mestiçagem e a unidade da pátria como importantes para que o samba se torne fator de união entre o norte e o sul do país.

Neste contexto, procura nos ensinamentos de Gilberto Freire o resgate da nossa imagem: mistura de raças, amálgama de povos diferentes com a utopia de um ser novo, não-excludente. Assim é o país, conjunto de cores e sotaques, buscando uma união que a todos caracterize e sirva de orgulho.

E o samba - mistura desenfreada, recepção de ritmos -, com o

advento da Revolução de 30, assume a hegemonia do poder musical.

A obra, uma tese de doutorado em Antropologia Social, é um importante instrumento para quem se debruça sobre a identidade nacional e a formação de uma cultura popular e autêntica. Sem ser excludente mas sendo antropofágico, Hermano Vianna questiona o "não-racismo-brasileiro", recolocando a velha pergunta: que cara tem o Brasil? O samba é um pretexto para falar de nossa identidade, que aparece até na recente campanha publicitária: "Nossos japoneses são melhores que os outros!"



CAPA

Os índices de desenvolvimento econômico e o avanço social da China já são impactantes. Mais ainda pela competente incorporação de conquistas científicas e técnicas capitalistas fortalecendo as metas estratégicas de um Estado socialista com mais de um bilhão de habitantes

Dezembro 1995 • Nº 192 • ANO XXI

2 CARTAS

CAPA

- 4 China: preparando o século XXI
- 19 Os índices de avanço
- 25 Bicicletas x carros: a dura disputa das ruas
- 26 Huaxi: os caminhos da prosperidade
- 30 A era espacial
- 32 A medicina tradicional
- 34 Hong Kong: de colônia a região autônoma
- 38 Deng-Xiaoping: socialismo sem pobreza

CORRUPÇÃO

- 41 Fenômeno mundial

ÁFRICA

- 42 Serra Leoa: Eleições ameaçadas
- 43 Zimbábue: O preço da juventude

MEIO AMBIENTE

- 44 Grandes represas em baixa

□ SUPLEMENTO

CAPA

- 2 A guerra através do traço de Scliar

5 PINGUEPONGUE

SAÚDE

- 6 A origem psíquica do câncer
- 8 Câncer: a solução vem da floresta

EDUCAÇÃO

- 10 Universidade ou *University*?
- 12 Ensino fundamental

CULTURA

- 15 Fotografia: uma antropologia visual

ESPAÇO DO LIVRO

- 16 **Com a palavra, o autor:** A volta do poder jovem
- Viagem no texto:** Que mistério é esse?

SUMÁRIO

As mudanças introduzidas pelo governo chinês ao longo dos últimos 20 anos permitiram ao país dar um salto tecnológico e se projetar como uma das potências do próximo século



4

Artista plástico brasileiro viveu o fim da Segunda Guerra Mundial na Itália e transformou em beleza o sofrimento dos pracinhas e a desolação da paisagem



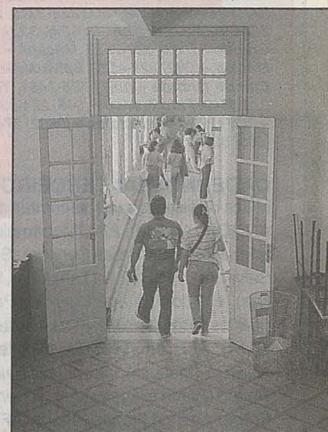
S.2

Estudo reafirma a teoria de que frustrações e estímulos emocionais estressantes favorecem o aparecimento e progressão do câncer



S.6

Entidades de professores e funcionários de instituições superiores criticam intenção do governo federal de reduzir a responsabilidade do Estado pelo ensino de 3º grau



S.10

Publicação com informação e análise das realidades e aspirações dos países emergentes

DIRETOR: Neiva Moreira
DIRETOR-ADJUNTO: Pablo Piacentini
EDITORA-CHEFE: Beatriz Bissio
EDITORES ADJUNTOS: Cláudia Guimarães, Elias Fajardo, Procópio Mineiro.
CONSULTORES ESPECIAIS: Darcy Ribeiro (Brasil), Henry Pease Garcia (Peru), Eduardo Galeano (Uruguai) e Juan Somavia (Chile)
REDAÇÃO: Marcelo Monteiro (Rio de Janeiro), Carlos Lopes (Brasília), Roberto Bardini (México), Carlos Pinto Santos (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai)
REVISÃO: Cléa M. Soares e Valdenir Peixoto
DEPTO. DE ARTE: Nazareno N. de Souza (editor e capa) e Roberto S. Lourenço
FOTOS: A. C. Júnior
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Jessie Jane V. de Sousa (diretora), Marcelo Cabral Emerenciano, Marco André Balloussier, Mônica Pérez, Angélica Pogick, Rosângela Vicente Ferreira, Sílvia Arruda
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Macário Costa (chefia), Paulo Henrique Rodrigues e Sheila Cristina Massapust
ADMINISTRAÇÃO: Henrique Menezes
DEPARTAMENTO DE VENDAS e ASSINATURAS: Mauro Mendes - % (021)221-7511
Assinaturas - DDG 0800-25 7511

Uma publicação da Editora Terceiro Mundo:

Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106
20241-180 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: PABX: (021)221-7511
Fax: 55 21 252-8455

Correio Eletrônico - Geonet: Terceiro-Mundo
Alternex: caderno@ax.ibase.org.br

Sucursal em São Paulo:
Representante: Eugênio Diniz
Rua Brotas de Macaúbas, 124 - Jd. do Russel
05205-230 - SP, Tel: (011) 802-4213/858-3574

SUCURSAL DE LISBOA:
Diretor: Artur Baptista
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro
10/1º andar. Lisboa, 1.200
Tel.: 32-0650. Telex: 42720 CTM-TE-P

REPRESENTANTES DE ASSINATURAS ☎
Maringá - (0442) 22-4182. **Recife** - (081) 224-9609/0936. **BH** - (031) 226-7892. **Juliz de Fora** - (032) 234-2029. **Brasília** - (061) 226-7093/7949. **Aracaju** - (079) 211-1912. **SP** - (011) 802-4213/858-3574. **Campinas** - (0192) 52-6011. **Porto Alegre** - (051) 228-8636/5826. **Fortaleza** - (085)252-4858. **Curitiba** - (041) 264-9969/252-7900/224-3319. **Belém** - (091) 224-7968. **Uberaba** - (034) 333-1635. **Campina Grande** - (083) 322-7536. **Macapá** - (096) 222-0855. **Maceió** - (082) 221-4322. **Salvador** - (071) 358-7416. **Campo Grande** - (067) 725-7451. **Teresina** - (089) 223-3542. **Pato Branco** - (046) 224-3319. **Santa Maria** - (055) 222-8463. **Pelotas** - (0532) 27-6922. **Cuiabá** - (065) 322-4127

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (Inter Press Service), SALPRESS (EI Salvador), SHIHATA (Tanzânia), Wafa (Palestina), e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Intercâmbio com as revistas: *Africa News* (EUA), *Altercom* (Ilet-México-Chile), *Third World Network* (Malásia), *Israel and Palestine Political Report* (Paris) e *Against the Current* (EUA)
Fotos: Agence France Presse (AFP)

Funcionalismo público

Uma campanha está sendo montada para transformar o funcionalismo público no grande culpado pela ineficiência do Estado.

A idéia de que há excesso de funcionários públicos não se sustenta. No Reino Unido e nos Estados Unidos há mais funcionários em relação à população economicamente ativa do que o Brasil.

Na realidade, há má distribuição de pessoal, escasso em determinadas áreas e atividades e excessivo em outras. A disparidade de remuneração compromete o bom andamento do serviço público. Assim, a proposta governamental de limitação do teto dos salários ao recebido pelo presidente da República (8.500 reais) vem a calhar, pois alguns privilegiados recebem 30 mil reais por mês, enquanto professores estaduais ganham salários degradantes.

A quebra da estabilidade não trará benefício algum ao país, servirá apenas para intensificar a dependência dos funcionários com relação a seus superiores e governantes, o crescimento do desemprego, as demissões por motivação política e o enfraquecimento da estrutura sindical.

A proposta governamental de um processo "seletivo" para a investidura em cargo ou emprego público é um retrocesso em relação à legislação atual, que só a permite através de concurso, excetuando-se os cargos em comissão.

A folha de pagamento dos servidores pesa excessivamente nos orçamentos municipais, estaduais e federais. No entanto, isto seria consequência da incapacidade de arrecadação dos governos, baseada numa legislação tributária e fiscal ultrapassada, que não impede a sonegação e deixa de taxar, adequada e progressivamente, grandes fortunas, empresas, bancos, e ainda o capital estrangeiro especulativo aplicado nas bolsas, que aproveitam os altos juros praticados pelo Banco Central.

O custo do funcionalismo não é excessivo, o nível de arrecadação é que é pequeno, agravado pelo mau uso do dinheiro público.

A última vez em que se mudou a legislação para permitir a demissão e a aposentadoria de servidor público civil ou militar foi em 1968, com o AI-5,

implementado pela ditadura militar, para afastar quem contestava o regime de exceção.

A "modernização" proposta pelo governo parece estar usando meios arcaicos e conservadores para ser implementada. Basta ver o segmento político que a apóia, justamente o responsável pelo caos econômico-administrativo do Estado.

Wilson Paschoal dos Santos
Bertioga - SP

Timor Leste

Acho necessário que a representação diplomática que a resistência timorense pretende abrir no Brasil vingue. Precisamos nos solidarizar com Timor-Leste logo! É imprescindível que Timor e os timorenses se façam conhecer aqui através da música e literatura. A manifestação dos brasileiros a favor da Argentina durante a Guerra das Malvinas mostra a capacidade de se solidarizar que temos. Por que não faremos isto por Timor? Pobre irmão desconhecido e distante.

José Márcio Gomes Pinto
Goiania - GO

Xanana Gusmão

Em homenagem à luta do povo de Timor-Leste, a editora Tradisom, de Macau, está lançando um CD sobre Timor que inclui entrevistas de Xanana e canções dos prisioneiros políticos timorenses.

É um trabalho de solidariedade e as receitas da venda deste disco serão revertidas para a Associação 12 de Novembro, em Lisboa, Portugal. O território de Timor-Leste foi invadido pela Indonésia em 1975. Os militares de Jacarta são responsáveis pelo genocídio do povo timorense. No dia 12 de novembro de 1991 eles assassinaram mais de 250 timorenses no Cemitério de Santa Cruz. Xanana Gusmão, o líder da resistência, foi preso em 20 de novembro de 1993 e está a cumprir 20 anos de cadeia na prisão de Cipinang, na Ilha de Java, na Indonésia.

José Moças
Tradisom. P.O. Box 1746 Macau
tel/fax (853) 976255

Verdade e prazer

Parabenizo a excelente qualidade das publicações da Editora Terceiro Mundo que colorem de verdade e prazer nossa imprensa tão cambalida e cinzenta. Sobretudo a revista **cadernos do terceiro mundo**, com a matéria de capa referente ao Zumbi dos Palmares.

Senador Lauro Campos
Brasília - DF

Moradia

Está de parabéns a revista **cadernos do terceiro mundo** pela reportagem sobre o Sistema de Moradia no Brasil, edição nº 188. Os governantes só se preocupam com os seus próprios salários enquanto milhões de pais de família ganham salário miserável.

O governo não levanta a cabeça para a realidade social que acontece no Brasil. E, enquanto isso, milhares de pessoas vivem como se fossem ratos em favelas.

Gilbson Sampaio
Manaus - AM

NET

Faltou dizer na excelente matéria de Marceu Vieira, publicada no *Jornal do Brasil*, dia 19/11/95, "NET pega carona no buraco", que a vantagem que a empresa de TV a cabo do Dr. Roberto Marinho leva não se limita à superfície. A carona também se estende por baixo da terra. Explico melhor: a NET tem um convênio com a Telerj que permite que ela use os dutos da estatal do Sistema Telebrás e passe, por eles, o cabo de fibra ótica que transporta o sinal da NET. É por isso que, além de não gastar na superfície, a NET não gasta um tostão sob a terra. Não é de admirar, portanto, que o sinal da NET ande tão rápido, tornando a empresa do Dr. Roberto o sucesso que é. Só fica difícil entender porque as Organizações Globo criticam tanto a ineficácia do Estado, se recebem tanta ajuda do poder público. Será que é porque a NET pretende em futuro próximo, junto com a AT&T, sua novíssima sócia, fazer o que já acontece na Europa? Lá, algumas empresas de TV a cabo exploram os serviços de telefonia e transmissão de dados. Afinal os cabos de fibra ótica da NET dão, em termos

de tecnologia, de mil a zero em tudo o que a Telerj tem hoje dentro dos seus dutos - dinossáuricos cabos de cobre. E a privatização das telecomunicações está aí mesmo, para Rede Globo nenhuma botar defeito.

Oswaldo Maneschy
Niterói - RJ

Consciência

Quero parabenizar a revista **cadernos do terceiro mundo**, pelo enfoque terceiro-mundista dado às notícias. É muito importante que tenhamos em mente a nossa posição de países periféricos e que tomemos consciência dessa dominação para que possamos distinguir oprimidos e opressores e toda a teia que tece a relação de dominação entre povos, países e seres humanos. Porém tenho uma crítica em relação à matéria de capa, da edição nº 189, sobre o movimento funk no Brasil. Não quero negar a importância desse acontecimento para os jovens e para a cultura, mas será que a Conferência das Mulheres em Beijng não possui nenhuma importância? Gostaria que a revista publicasse mais notícias atuais sobre os países da antiga cortina de ferro, analisando criticamente as causas da derrocada dos países socialistas.

Marcos Alencar
Fortaleza - CE

Na edição nº 190, foi publicada reportagem sobre a Conferência das Mulheres em Beijing e, neste número (192), a própria China ocupa quase toda a revista. O funk é um movimento de cultura popular que merece ser analisado. **cadernos** tradicionalmente prioriza a informação sobre Ásia, África e América Latina, o que não tem impedido que os países do Leste europeu tenham merecido análises, como foi o caso do conflito da Bósnia, na ex-Iugoslávia.

CORREÇÃO: A reportagem "Ervas: uma nova forma de tratar o câncer", anunciada na capa do Suplemento do número 191, novembro, está sendo publicada no Suplemento deste número 192. Em *O mundo em imagens* do número 191, a legenda da foto 8 se refere à foto 11, a legenda da foto 9 se refere à foto 8, a legenda da foto 11 corresponde à foto 9.

Intercambio

■ **Rena dela C. Ramos**
Calle 88 # 3920 % 39 y 41
Marianao 14
Habana - Cuba

■ **Yenisel Martínez**
Ave 37 # 8603 % 86 y 88
Marianao
Habana - Cuba

■ **Marco Antonio C. Chagas**
Rua Gil dos Santos Ferreira, 35
Cohab IV
Rio Grande - RS

■ **Idolidia Cavada Gálvez**
Comunidad E/ tablon
Ec/f e apto 29
C.P. 576000
Cumanayagua
Cienfuegos - Cuba

■ **Clara Hernandez Gómez**
San Francisco # 218 e/ Lawton y
San Anastasis.
C.P. 10700
Lawton - Cuba

■ **Jesús Javier Ano Fernández**
c/ San Juan Bautista 16 3º izq
Aguilar de Campoo
C.P. 34800
Palencia - España

■ **Michele de Souza de Oliveira**
Rua Aurélio Porto, nº 222
Morada do Vale I
Gravataí - RS

■ **Elias de Oliveira Filho**
Caixa Postal 76.100
CEP 25.001-970
Duque de Caxias - RJ

■ **Vanilso Luiz Pilonetto**
Lageado Bonito
CEP 85580-000
Itapejara D'Oeste - PR

■ **Maria da C. Kapitango**
Rua Camte Nzay
casa nº 70, 72
Luanda - Angola

CHINA

Fotos: Beatriz Bissio

世界人民



PREPARANDO O S



*'Quando a China despertar,
o mundo estremecerá'*

Napoleão Bonaparte

*A China já despertou. Os índices
de desenvolvimento econômico
e o avanço social daquele país
já são impactantes. Mais ainda
pela competente incorporação
de conquistas científicas
e técnicas capitalistas fortalecendo
as metas estratégicas
de um Estado socialista com mais
de um bilhão de habitantes*

Neiva Moreira

ÉCULO XXI

CHINA

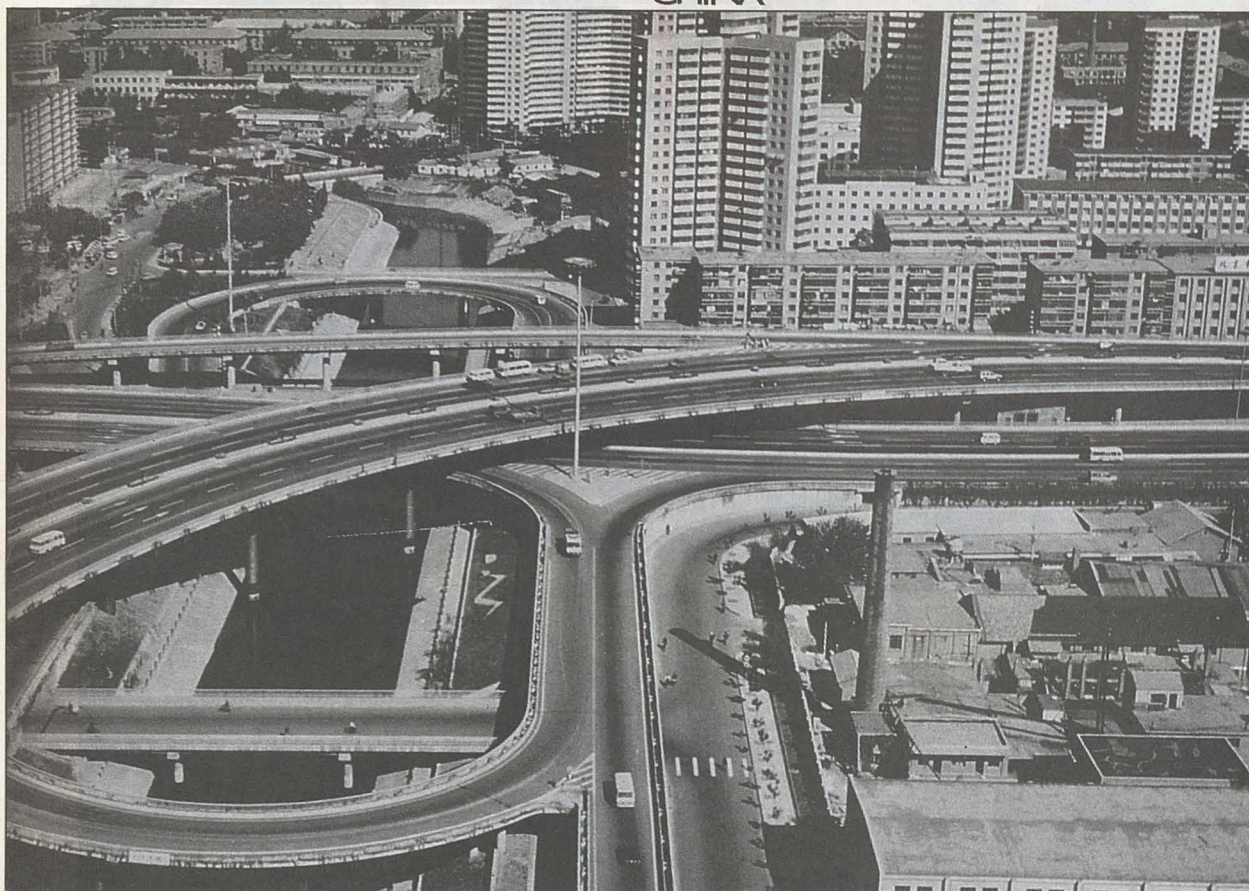


FOTO: THE ANCIENT CAPITAL TODAY AND YESTERDAY

Beijing é hoje uma cidade moderníssima, com viadutos e linhas expressas, fruto de uma audaciosa reforma urbana promovida a partir dos anos 60

Retorno de uma viagem à China, que se estendeu a Hong Kong e Macau, possessões estrangeiras de volta à mãe pátria, como dizem os chineses, e à Tailândia, onde impera um governo dominado pelos militares e que ainda não encontrou os caminhos do desenvolvimento.

Num espaço de tempo de semanas - e nem mesmo meses - seria impossível conhecer toda uma nova e surpreendente realidade que envolve aquele imenso país de 9.506.960 quilômetros quadrados e uma população superior a 1 bilhão e 200 milhões de habitantes. Mais ainda: onde ocorrem acontecimentos políticos, econômicos e sociais de importância não apenas para a China, mas para a Ásia e também para o mundo.

Não há dúvidas de que a profecia de dois séculos atrás, de Napoleão Bonaparte, que, à época, poderia parecer utópica e temerária, está se confirmando. A China está se transformando numa das grandes potências deste fim de século e isso terá enormes repercussões no mundo, sobretudo por ser um resultado obtido sob um regime socialista.

Técnicos relacionados ao Banco Mundial contestam os dados chineses de que o seu Produto Interno Bruto não supera os 500 bilhões de dólares oficialmente divulgados. Consideram que a formidável produção que garante a auto-suficiência da China em muitos campos não é adequadamente medida por suas estatísticas. Se o fizessem, o PIB do país seria muito superior ao anunciado, podendo alcançar a casa do trilhão de dólares. Es-

tudos e projeções estatísticas surgidos na imprensa norte-americana asseguram que a China será a primeira potência do mundo daqui a 25 anos, ou seja, no ano 2.020.

“Os especialistas financeiros ocidentais andam agora exagerando nossos êxitos da mesma forma como superdimensionaram nossas dificuldades no passado. Eles querem disseminar o medo nos seus países de que existe uma nova ameaça à vista, o ‘perigo chinês’, nos diz Li Beihai, subchefe do Departamento de Relações Internacionais do Comitê Central do Partido Comunista Chinês.

A EXPLOÇÃO ECONÔMICA

É possível que ambos os lados exagerem, para cima e para baixo. As estatísticas chinesas nem sempre se regem pelos padrões ocidentais. As tabelas de avaliação dos preços dos seus produtos realmente não são semelhantes. Mas, seja como for, é impactante o que se pode ver hoje na China. O desenvolvimento econômico é explosivo. A impressão que se tem é que as cidades e as vilas estão sendo edificadas de novo ou reconstruídas. Beijing, Xangai, Nanquim, Wuxi, as cidades que visitamos, são verdadeiros canteiros de obras. Para onde a pessoa se vire, o que mais se vê são construções. O guindaste é uma imagem permanente e até parece ser o símbolo da Nova China.

Pessoalmente, só me recordo de dois exemplos semelhantes, mas ambos bem mais modestos: a construção de Brasília e a cidade de Argel, depois do triunfo da revolução.

No momento, há aproximadamente seis mil obras em Xangai: entre elas, cerca de quatro mil edifícios em construção com mais de 30 andares. Um milhão de operários da construção civil trabalham nessas obras. A avenida que circunda essa cidade de 13 milhões de habitantes, com imensas obras de estrutura e 48 quilômetros de extensão, foi concluída há poucos meses.

Como símbolo da cidade, a nova torre de televisão, com 468 metros de altura, é a maior da Ásia e do Terceiro do Mundo, atrás somente de outras similares no Canadá e Rússia.

O EXEMPLO DE PUDONG

Há cinco anos, no outro lado do rio Hugngpu, que corta a cidade de Xangai, havia uma zona agrícola. Hoje, é a nova Área de Processamento de Exportações de Pudong, construída a partir de 1990 com centenas de novos edifícios, inúmeras grandes fábricas, inclusive empresas mistas - capitais chineses e estrangeiros. Marcas famosas de todo o mundo, atraídas pela abertura econômica chinesa, estão ali presentes.

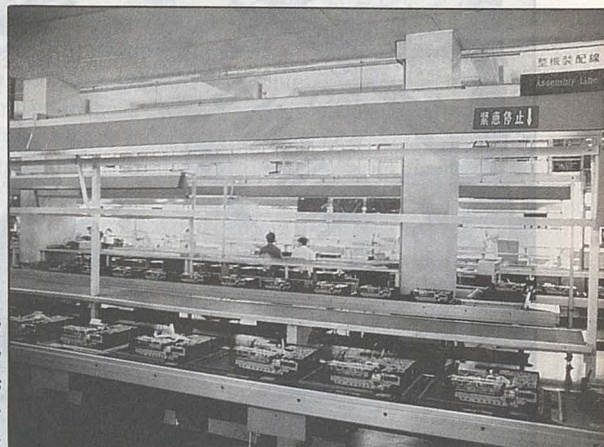
Pudong é um modelo de relações com o exterior e merece do governo um tratamento preferencial, comparado ao que é dispensado às cinco Zonas Econômicas Especiais que, já no próximo ano, transferirão para o governo central 75% dos seus lucros.

Nessas zonas há redução e isenção de impostos aduaneiros, comerciais e industriais e sobre a renda e as licenças de importação e exportação. Permite-se, além disso, conforme documento oficial, aos investidores externos que "desenvolvam o setor terciário, como estabelecimentos financeiros, armazéns e supermercados, fundar bolsas de valores e emitir títulos de ações em Xangai".

Perto de Pudong, o governo começa a construção de um novo centro financeiro que, segundo autoridades locais, deve ser o maior do mundo antes do fim do século. Atualmente, Nova Iorque, Tóquio e Hong Kong ocupam os primeiros lugares. Apesar de Hong Kong estar retornando à China, depois de mais de um século de dominação inglesa, os chineses já preparam Xangai para a disputa da liderança do mercado financeiro internacional.

UMA SURPRESA NAS RUAS

Quem chega à China procedente dos países ocidentais se surpreende com o panorama que encontra. Já não nos referimos à impecável limpeza das ruas, tão precária na maioria das nações do Terceiro Mundo, incluindo o Brasil. O que mais impressiona é a ausência de mendigos, de meninos de rua, de populações abrigadas debaixo dos túneis ou mesmo de assaltantes e



A tecnologia de ponta é a característica das empresas instaladas nas Zonas Especiais

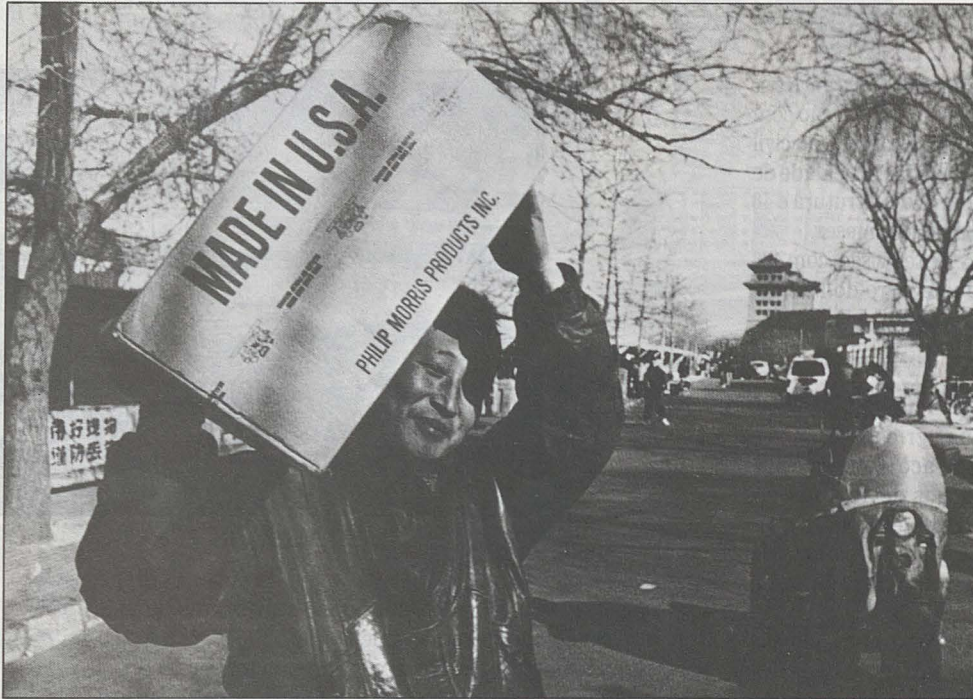
pivetes. Os chineses da atualidade desconhecem essas dramáticas realidades, comuns em outros países, mesmo nas grandes metrópoles europeias e norte-americanas.

Em recente viagem à China, o ex-governador Leonel Brizola perguntou a uma autoridade chinesa como o seu governo estava resolvendo a situação dos meninos de rua. A pergunta criou um problema para os chineses que não sabiam o que era "meninos de rua". Um deles, mais velho, se recordou de que uma menina do interior chegara a Beijing, a capital, sem destino e ficara algum tempo vagando na estação até ser recolhida e levada a um internato. Perguntou se era isso que no Brasil se chamava de "meninos de rua". Na verdade, nada tinha a ver com o nosso problema, que eles desconheciam.

Em geral, o povo nas ruas está bem vestido, embora quase sempre de maneira modesta. Os imensos *shoppings* das gran-



O povo chinês está geralmente bem vestido, mostrando o significativo aumento, nas últimas décadas, do poder aquisitivo



AFP

As marcas e produtos estrangeiros passaram a fazer parte do dia-a-dia dos chineses, mas a sua milenar cultura não parece afetada pelas novidades, como demonstra, por exemplo, o hábito da prática matinal do tai-chi-chuan



des cidades estão cheios de clientes que, como acontece também por aqui, olham mais do que compram. Brilham os anúncios das marcas estrangeiras, muitas das quais desconhecidas no Brasil.

OS JOVENS

O número de jovens vestidos à moda ocidental e ouvintes do *rock* é expressivo e já se nota a existência de uma camada social equivalente à nossa classe média. A diferença está na origem das pessoas. Há muitos operários qualificados que integram esse estrato social.

“É natural” – nos diz uma jovem comerciária – “que tenhamos grande curiosidade pela vida ocidental e gostemos inclusive de algumas de suas modas e criações. O mesmo ocorre com jovens ocidentais em relação a nós. Mas a verdade é que eles e nós temos valores culturais diferentes que não são afetados pelas novidades ocasionais”.

De um modo geral, os jovens são alegres e cordiais e as pessoas quase sempre esguias e ágeis. Um amigo brasileiro perguntou a uma senhora como fazem para manter aquela forma. “Na nossa alimentação usamos muitas verduras e tomamos chá dia e noite. Fazemos exercícios diários e nossa ginástica nacional, o tai-chi-chuan, favorece a nossa forma. Mas, sobretudo, a bicicleta contribuiu para esse resultado”, foi a resposta.

É sensível a ausência de militares nas ruas. Isso não significa que a China descuida de sua defesa e soberania. Estudos divulgados na Europa admitem que o governo reduziu o número das suas Forças Armadas, hoje em torno de três milhões de homens e mulheres.

Mas, quando se fala com dirigentes chineses, eles são muito discretos sobre o seu poderio militar que, há muitos anos, já inclui bombas atômicas e foguetes que põem grandes capitais

como Tóquio e Nova Iorque ao seu alcance. Hoje, passam por um período de grande modernização técnica, segundo dados divulgados por institutos especializados europeus.

A VIDA COMUM

E como vivem os chineses das classes mais modestas? Os menores salários, de 250 a 300 yuans – 1 dólar (EUA) vale 8 yuans – não explicariam aquele modesto, mas decoroso nível de vida. Ou, se fôssemos julgar pelos critérios ocidentais, não permitiriam que os chineses se alimentem, morem, se vistam, estudem e recebam assistência médica com tais salários.

Falei com muitos deles e foi possível tirar a dúvida. A casa onde moram tem um aluguel simbólico, de dois, três e seis dólares. Os serviços públicos cobram tarifas mínimas como, por exemplo, cinco a seis centavos de real a passagem do metrô. A alimentação é muito barata, se comparada com os nossos preços, e as roupas também.

Não entro em maiores detalhes, mas recordo que se compra nas melhores lojas uma boa camisa por quatro dólares, os sapatos variam de oito a vinte dólares, estes de melhor qualidade e produtos da indústria chinesa. É natural, portanto, que o salário dê para manter um nível de vida razoável e ainda permita ao povo poupar.

A diferença entre o maior e o menor salário é, em média, de duas a três vezes. Essa diferença salarial tão pequena pode estar agora em perigo com o novo tipo de remuneração que adotam as grandes empresas de capitais mistos. Mesmo assim, um empresário estrangeiro se queixava de que os técnicos norte-americanos não querem ir para a China, onde os salários são muito pouco atraentes.

E por que esses preços são tão baixos? O essencial é que o regime chinês é voltado para a maioria da população. O



AFP

lucro é moderado e deve reverter em grande parte à economia pública, os impostos são irrelevantes, os juros quase inexistentes.

Outra grande diferença pode ser constatada na área de transportes. Enquanto no Brasil o caminhão domina as estradas, lá, a navegação fluvial e as ferrovias lideram a movimentação das cargas. Os trens são excelentes. Viajei em um deles, de Nanquim a Xangai, em vagões de dois andares, modernos, confortáveis e higiênicos, que nada ficam a dever aos seus similares europeus. É impressionante o movimento nos rios e canais. Enormes comboios cruzam incessantemente nas duas direções. Tudo isso barateia o custo do frete.

Perguntei a um dirigente do governo municipal em Xangai de onde vinha o dinheiro para tantas realizações. "A mão-de-obra é barata, os materiais usados têm preços reduzidos, os terrenos são públicos e, portanto, gratuitos. Temos, também, financiamentos externos que sabemos administrar. Estamos com mais de 53 bilhões de dólares de saldo no exterior", respondeu.

O PESO DO TURISMO

Uma das maiores fontes de ingresso é o turismo. Nos primeiros sete meses de 1995, cerca de 26 milhões de pessoas visitaram a China. A maior parte dos visitantes estrangeiros provém do Japão.

Até o fim do século, segundo o Conselho Mundial de Turismo, a China receberá metade do turismo mundial. Em todos os lados fervilham turistas, grande parte chineses que vivem no exterior e também milhões de não-chineses, inclusive norte-americanos e europeus de todas as procedências.

Hong Kong, Taiwan e as comunidades chinesas do mundo ocidental estão investindo maciçamente na "mãe pátria". Ocorre lá o que se passa com muitos portugueses residentes no Brasil. Ficam ricos e querem deixar sua presença na aldeia natal, em Portugal, com algum empreendimento.

Os chineses de Taiwan receberam permissão para fazer investimentos na China continental já no ano de 1988. Os empreendimentos de Taiwan já superam os oito bilhões de dólares e nos últimos anos mais de seis milhões de pessoas da ilha viajaram àquele país. A recíproca não é verdadeira. Há dificuldades burocráticas para que os chineses do continente tenham permissão do governo de Taiwan para visitar a ilha.

O fluxo de capital produzido pelo turismo, que deve superar dez bilhões de dólares este ano, aumenta consideravelmente a capacidade de investimento do país.

OS INVESTIMENTOS DOS COMPATRIOTAS DO EXTERIOR

Por outro lado, o governo incentiva o retorno à China dos compatriotas que vivem no exterior. Em consequência, 30 milhões já estão voltando à mãe pátria. A lei que estimula esse reencontro, votada há cinco anos pela Assembléia Nacional do Povo – o Congresso Nacional –, tem um nome bem ilustrativo. Chama-se Lei de Proteção aos Direitos e Interesses dos Chineses e seus Parentes que Retornaram do Exterior.

Segundo Lu Jiayi, vice-presidente do Comitê Permanente da Assembléia, 10.896 dos que voltaram já se incorporaram à vida política do país e foram inclusive eleitos representantes às assembleias provinciais e 12.438 já integram as entidades sociais em vários níveis. Eles abriram 26 mil empresas no país, com um volume de inversão de 72 milhões de dólares, absorvendo o trabalho de milhares de pessoas. Além disso, já conseguiram, nas comunidades das nações de onde vieram, investimentos para a China na ordem de 15 bilhões de dólares.

Esse conjunto de fatores, acrescido de um dado fundamental – o tamanho do mercado consumidor –, torna os preços chineses muito mais baratos. É diferente produzir 10 mil camisas do que um milhão. É uma questão de escala, com repercussão nos custos.

O EXEMPLO DE GUO YAN ZENG

Guo Yan Zeng é um alto funcionário do governo já a caminho da aposentadoria. Ganha para o padrão chinês um bom salário, 650 yuans, menos de 80 reais. Sua mulher Li aposentou-se com 450 yuans, menos de 60 reais. Compraram agora a casa de três quartos e sala, com pouco mais de 70 metros quadrados, que alugavam há muitos anos por 25 yuans, ou seja, em torno de três reais. A casa foi comprada por 13.000 yuans, isto é, menos de 1.700 reais. Atualmente, o governo facilita e estimula a aquisição da casa própria.

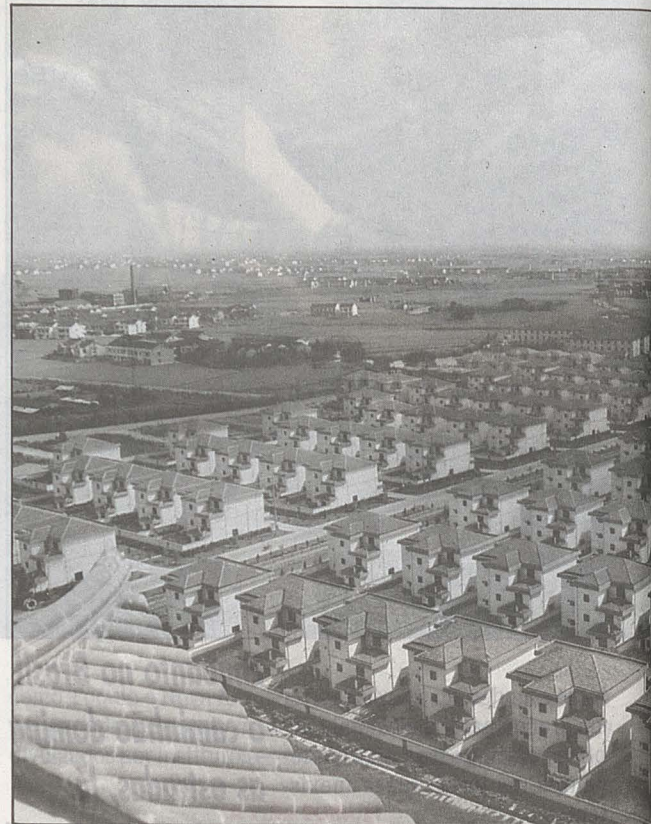
Três Gargantas, uma obra maior do que Itaipu

Na Assembléia Nacional do Povo registrou-se um debate sobre a barragem das Três Gargantas (Xan Xia) que, concluída, será a maior do mundo. Inusitado para o tradicional estilo de apoio incondicional do Parlamento às propostas do governo, o debate que se travou na Assembléia do Povo foi em torno das consequências ecológicas da barragem, que deve fazer desaparecer cerca de 300 localidades, sobretudo rurais, exigindo a apresentação de dados técnicos destinados a atender as dúvidas dos deputados da região.

Essa gigantesca obra de 18.200 megawatts – maior do que a potência de Itaipu – terá um custo aproximado de 23 bilhões de dólares e deve estar pronta no ano 2009.

Um dos principais resultados da represa, além de garantir o fornecimento de energia elétrica num raio de mais de mil quilômetros, é tornar o Yang-Tzé navegável a mais de 1.500 quilômetros da sua foz.

Três empresas brasileiras – Odebrecht, Mendes Júnior e Andrade Gutierrez – estão empenhadas em conseguir uma "fatia" das obras. Esse consórcio já está instalado em um edifício do Centro de Beijing.

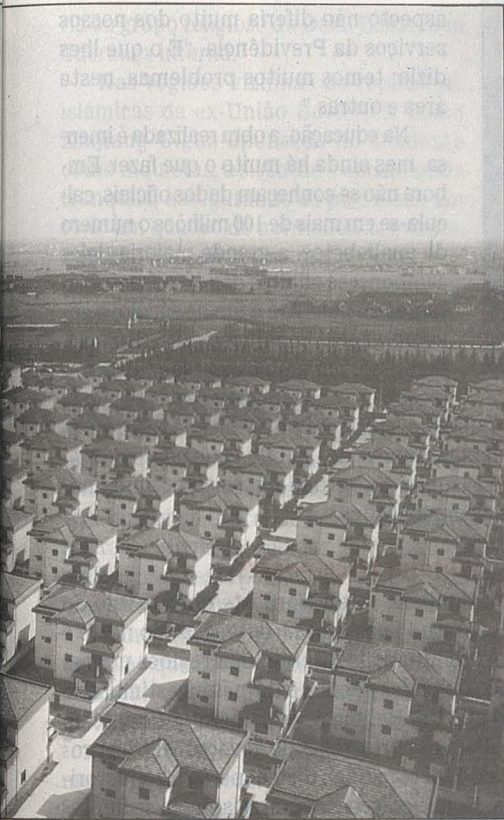


POPULAÇÃO RURAL

A vida no campo, segundo depoimentos que colhemos, é mais tranqüila, mas com menos possibilidades de melhoria econômica. Nas cidades, cada pessoa já dispõe, em média, de 7,5 metros quadrados para morar (contabilizando só a área dos quartos de dormir). O governo espera aumentar logo esse espaço para 10 metros quadrados. No interior essa área é de 21,8 metros quadrados, mas há outra natureza de problemas.

O presidente da República, Jiang Zemin, anunciou que 900 milhões de metros quadrados de habitações populares serão construídas ao longo do IX Plano Quinquenal (1996-2000) e destinadas às famílias de baixa renda. O projeto é vendê-las ao preço de custo (no Brasil seria simbólico) de 120 reais, com prioridade para as famílias do interior. Essa não é, no entanto, a única vantagem de viver nas aldeias. Para reter as populações no campo, o governo estimula salários mais altos do que nas cidades e protege a agricultura.

Ultimamente, para evitar o êxodo rural, estão levando as fábricas às aldeias e intensificando a construção de residências ao lado das lavouras. São conjuntos habitacionais imensos, de vários andares, com escolas e outros serviços públicos. Pelo menos a metade da mão-de-obra das novas fábricas deve ser recrutada no local. Já há centenas de indústrias instaladas no campo, mas isso não impede a atração das cidades, embora 80% da população permaneçam vivendo no interior. O governo se esforça para que essa percentagem não se altere.



Para evitar o êxodo rural, muitas fábricas estão sendo instaladas nas aldeias e se está intensificando a construção de residências ao lado das lavouras

Observadores internacionais acham que sobe a milhões o número de pessoas de que eles chamam "população móvel" da China, que transitam de uma cidade a outra, atendendo às facilidades de ocupações temporárias (colheitas, obras, etc.), ou mesmo porque estão desempregadas. Em 1994, estava em torno de dois por cento o nível de desemprego, relacionado com esse setor da população.

Um dos desafios futuros, que agravará essa situação, será dar trabalho e alojar milhões de operários, muitos vindos do interior, que estão agora empregados na construção civil urbana. O governo declara-se tranqüilo. Considera que os gigantescos projetos econômicos em execução vão continuar pelo próximo século em outras áreas do país, promovendo novos grandes empreendimentos que absorverão a mão-de-obra disponível. Afinal, já foram criados nos últimos 15 anos cerca de 100 milhões de empregos.

UM PAÍS CULTIVADO

A agricultura chinesa merece um estudo especial. Cortamos de trem e caminhonete centenas de quilômetros do interior e não vimos terras abandonadas. Estão todas cultivadas. Em geral, são colhidas nas mesmas terras duas safras de arroz por ano, o dobro do que aqui conseguimos e uma de trigo. Cooperativas e armazéns estatais comercializam a produção e asseguram preços justos aos agricultores, que poderão dispor livremente dos seus excedentes.

A torre de televisão de Xangai é a terceira maior do mundo e constitui um marco no processo de avanço tecnológico do país



FOTO: XANGAI MUNICIPAL FOREIGN AFFAIRS OFFICE



O transporte fluvial, de baixo custo, é um dos fatores que permite aos produtos chineses competir com vantagens no mercado internacional

A reforma agrária foi concluída em 1953, quatro anos depois da vitória da revolução. Com exceção de algumas regiões de minorias nacionais, as terras foram distribuídas e os latifundiários expropriados. Isso explica a importante contribuição da agricultura na solução dos problemas econômicos da população, cuja imensa maioria é camponesa.

É evidente que percorremos uma região desenvolvida, entre Beijing, Nanquim e Xangai, que produz cerca de 40% da riqueza nacional. "Não esqueçam que há áreas do país em que a situação não é esta", nos lembrou Wang Liping, secretário do Comitê Municipal do PC em Xangai. "Temos muitos problemas, inclusive na saúde pública."

Quando visitamos, numa comunidade perto de Wuxi, província de Jiangsu, um ambulatório de medicina tradicional, o

aspecto não diferia muito dos nossos serviços da Previdência. "É o que lhes dizia: temos muitos problemas, nesta área e outras."

Na educação, a obra realizada é imensa, mas ainda há muito o que fazer. Embora não se conheçam dados oficiais, calcula-se em mais de 100 milhões o número de analfabetos, a grande maioria deles camponeses adultos das áreas mais distantes do país. Até o fim do século, o governo espera modificar essa situação. Para isso, um ambicioso plano de erradicação do analfabetismo está em curso.

O povo se orgulha de, com sete por cento de terras aráveis do mundo, alimentar mais de um bilhão de pessoas, 22% da população do Planeta. Na verdade, esse setor ainda necessita de algumas importações.

AS REGIÕES MAIS POBRES

A China tem, também, o seu Nordeste ou seu Vale do Jequitinhonha, sobretudo nas áreas fronteiriças do norte e oeste, no Tibete e na Mongólia interior. São regiões pobres que estão exigindo do poder público enormes investimentos. Há irredentismo ali? Em Beijing se considera que não e no exterior que sim. Para os porta-vozes do governo, não há problemas maiores no Tibete, o qual, dizem, pertenceu historicamente à China. Hoje, acrescentam, a resistência se limita-

Brasil-China, 'parceiros estratégicos'

Figueiredo quis ir mais alto do que Nixon

As relações oficiais Brasil-China não têm sido capazes de forjar um intercâmbio à altura da magnitude dos interesses dos dois países. A responsabilidade disso não cabe apenas ao Brasil, cuja política externa foi marcada por um longo período de distanciamento e hostilidade em relação aos países comunistas. Os chineses também pouco fizeram, até o passado recente, para superar os obstáculos, e quando o fizeram encontraram injustificáveis barreiras políticas.

As perspectivas mais positivas para esse relacionamento se desenharam no governo João Goulart. O presidente trabalhista estava na China quando ocorreu a renúncia de Jânio Quadros e a tentativa de golpe para impedir sua pos-

se, que, afinal, se realizou graças ao levantamento do Rio Grande do Sul, sob a liderança do governador Leonel Brizola.

No curto período do governo Goulart, alguns passos foram dados para o fortalecimento de relações. Veio o golpe de 64 e o absurdo episódio da prisão e brutal tratamento de funcionários chineses que estavam no Rio de Janeiro em uma missão puramente técnica, alheia aos conflitos políticos que agitavam o país.

Na ditadura, o problema ideológico se sobrepunha aos interesses econômicos nacionais, mas, já no seu declínio, o presidente João Batista Figueiredo deu alguns passos para amenizar o isolamento visitando a China, no ano de 1984.

Goulart é muito lembrado pelos chineses, pelos seus esforços para estabelecer relações corretas e de mútuo interesse com Beijing.

Também recordam a visita de Figueiredo, pela novidade de um presidente militar brasileiro ir à China, visitando até as suas muralhas milenárias.

Aliás, conta-se um episódio dessa visita, curioso mas com sabor nacionalista. Escalar certas áreas da Grande Muralha é um desafio para os não-atletas. Figueiredo subiu muito e em um dado momento parou e perguntou ao guia: "Até onde foi o Nixon? Eu quero ir mais em cima."

Depois de Figueiredo, estiveram na China Fernando Collor e José Sarney e

CHINA

ria ao grupo religioso do Dalai Lama, sem liderança interna.

Nas regiões vizinhas às repúblicas islâmicas da ex-União Soviética, como Xinjiang Uigur, apontada no Ocidente como inquietas, a situação é considerada tranqüila, assegurando ao país como um todo um quadro de normalidade e união. Isso não impede que se reconheça que os problemas administrativos e econômicos daquelas áreas reclamam maior presença do governo central.

Na sua última reunião, o Comitê Central do PC chinês anunciou medidas para amenizar as diferenças regionais, reorientando a localização de muitos investimentos. Hai Wen, um economista liberal (eles também estão por lá), vice-diretor do Centro de Pesquisas Econômicas da China, considerou positivas as medidas, louvando o Partido Comunista por preferir usar nessa política "as forças do mercado em vez de simples medidas administrativas".

Wang Zhaoguo, membro do Comitê Central e presidente do órgão que lida com as minorias étnicas, disse, na comemoração dos 40 anos de fundação da Região Autônoma de Xinjiang Uigur, que a criação dessas regiões foi um fator-chave decisivo para manter a harmonia e o desenvolvimento dessas áreas.

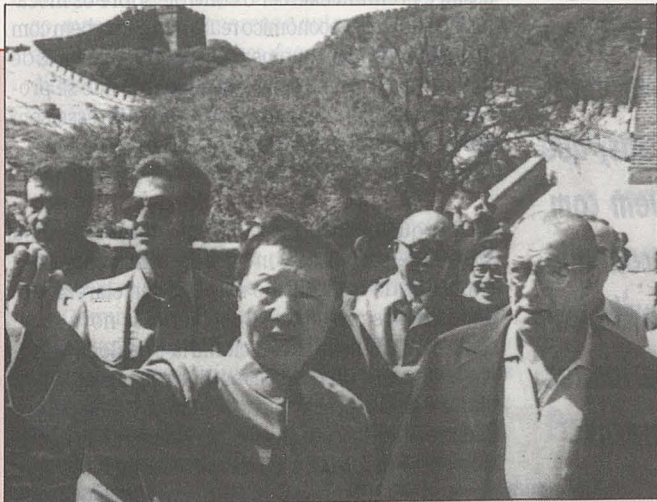


Para evitar que os trabalhadores emigram das regiões mais pobres aos grandes centros urbanos, uma das prioridades do governo é promover a rápida distribuição de renda entre as regiões mais e menos desenvolvidas

"Há forças estrangeiras que estão tentando inflamar sentimentos étnicos para romper a paz e dividir a nação chinesa", declarou Wang recomendando máxima vigilância de todos contra essa campanha.

O FUTURO?

A distância entre o que era a China há algumas décadas e o que é hoje é imensa. Nos últimos decênios, a partir da revolução de 1º de outubro de 1949, conduzida pelo Partido Comunista, sob a liderança de Mao Tsé-tung, o país transformou-se. Desde 1978, através das reformas internas e da abertura externa, inspiradas pelo líder Deng-Xiaoping, foi desencadeado um imenso



O ex-presidente João Figueiredo visitou a China e retomou uma relação que os anos de regime militar tinham deteriorado

agora chegou a vez de Fernando Henrique. Em todas as visitas anteriores, mais gentilezas diplomáticas do que intercâmbio produtivo.

Os chineses, que formulam políticas para decênios – o atual projeto de

desenvolvimento econômico inspirado por Deng Xiaoping contempla uma duração de mais de meio século –, não desistiram das relações com o Brasil. Eles consideram que, por seu território, população, posição geopolítica, riquezas e possibilidades econômicas, Brasil e China estão fadados a ser

"parceiros estratégicos" em grandes projetos de cooperação econômica e tecnológica. Revelam-se muito interessados em parcerias com a nossa indústria de foguetes. É sempre destacado em Pequim o esforço realizado pelo embaixador Italo Joppa um dos percussores no Itamarati do bom relacionamento Brasil-China.

Atualmente as relações, embora ainda discretas, registram alguns avanços. Os embaixadores João Augusto de Médicis, em Beijing, e Yan Tao, em Brasília, estão realizando um trabalho positivo nesse campo.

Os chineses consideram como um dado muito expressivo que mais de 97% dos votos dos dois países nas instituições internacionais, inclusive na ONU, sejam coincidentes. O Brasil, no entanto, ainda não despertou para o imenso potencial das relações econômicas entre os dois países.



Os chineses estão empenhados em desenvolver o seu país, atingindo um nível de vida decoroso por

projeto de desenvolvimento acelerado, que está mudando radicalmente o país. Baseia-se no que se chamam as quatro modernizações: agricultura, indústria, ciência e tecnologia e defesa nacional.

A versão que difundem os meios de comunicação do exterior é que a China abandonou o caminho traçado pela revolução socialista de 1949. Se formos avaliar esse problema, tomando como referência certo número de pessoas - milhares, em milhões de chineses -, que preferem um estilo ocidental, ou o brilho das vitrines, os carros nas ruas ou os *shoppings*, poderia parecer que algo, nesse sentido, de fato existisse.

Mas, quando o exame da realidade é mais profundo, é fácil compreender que o gigantesco processo de modernização do país se baseia em princípios socialistas e que a própria abertura admite uma economia de mercado, porém socialista, com peculiaridades chinesas. "O mercado, como o entendemos, deve ser uma instituição social", nos disse um economista de Beijing.

Há indicadores muito claros sobre essa política. As terras são totalmente de propriedade do Estado ou de entidades comunitárias. Não há propriedade privada. O essencial da economia está em poder do governo ou é propriedade coletiva (junto com a estatal, essa é uma das formas de *propriedade pública*). Calcula-se que a propriedade privada não supera 8% do total e se divide entre investimentos estrangeiros - mais de 200 mil parcerias - e um imenso setor de pequenas e médias empresas, que dinamizam a economia sem afetar o poder do Estado socialista.

Na avaliação de alguns observadores internacionais, no fim do século, 70 milhões de chineses farão parte do setor privado da economia, como pequenos empresários, empregados ou investidores estrangeiros, cujos lucros estão regulamentados e cujo enriquecimento é balizado pelas licenças de funcionamento das empresas e os impostos à renda.

"Na China" - nos diz Li Beihai, subchefe do Departamento de Relações Internacionais do Partido - "a principal forma de

propriedade é a pública. Os setores que têm importância estratégica para o país e o povo ficam nas mãos do Estado".

Recordo-me em Xangai de uma entrevista que realizei em Moçambique com o saudoso presidente Samora Machel. Antes do encontro, perguntou ele o que mais as pessoas reclamavam nas ruas do seu governo. "Que o senhor está abandonando a linha socialista. Maputo está cheia de *munhés* (pequenos comerciantes hindus, algo assim como os nossos camelôs)." Sua resposta não tardou: "E desde quando vender tomate nas ruas é dogma da economia estatal, do marxismo?"

É possível que os líderes do PC chinês pensem assim e prefiram exercer o controle sobre os mecanismos do poder econômico real e não perturbem com dogmas os pequenos comerciantes, os vendedores de tomate ou os investidores estrangeiros que se proponham a fazer negócios de mútuo interesse sem tentar imiscuir-se nos assuntos internos do país.

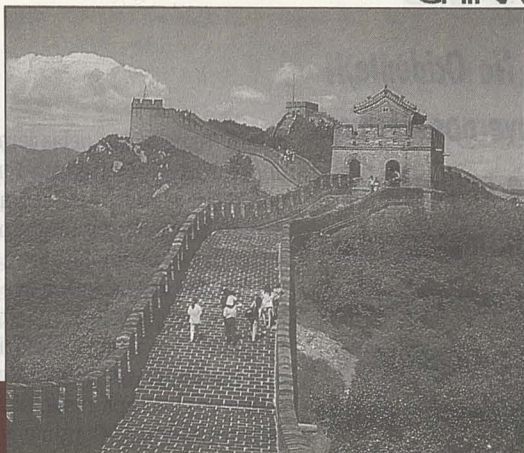
UMA CONVIVÊNCIA COMPLEXA

De qualquer forma, a administração de uma sociedade socialista convivendo com expressões explícitas do capitalismo exige poder, clareza e fidelidade aos princípios. Conciliar essa nova realidade com a tensão revolucionária e os dogmas socialistas não é tarefa fácil, embora as regras sejam claras e de recíproca conveniência. A China parece estar realizando com êxito esse casamento pragmático entre maoístas e parceiros estrangeiros com

seus estilos e métodos ocidentais sem perder a sua identidade, nem se distanciar dos seus objetivos.

Em primeiro lugar, não haverá país onde as práticas socialistas se adaptem melhor à cultura nacional, baseada na ética, modéstia, solidariedade e numa fraterna vida comunitária. O governo tem um imenso sistema de Previdência, que está em reforma sem que o país, até agora, tenha se submetido às pressões do Banco Mundial, para que o privatize ou reduza os seus benefícios. Mas a comunidade tem os seus próprios sistemas sociais de assistência, baseados no espontâneo auxílio recíproco, sobretudo aos velhos. As entidades assistenciais são quase

A modernização do país se baseia em princípios socialistas, que convivem com uma economia de mercado, com peculiaridades chinesas



odos: o convívio do socialismo com expressões capitalistas exige clareza e fidelidade aos princípios

sempre apoiadas pelo conjunto dos habitantes de cada aldeia, e cujos nomes já indicam sua natureza, como, por exemplo, as Casas de Respeito aos Velhos. "Você acha que o povo quer mudar o que está dando tão certo?", me perguntou um velho camponês de uma aldeia próxima a Wuxi.

O FANTASMA DA CORRUPÇÃO

Os líderes chineses com quem conversamos não têm dúvidas de que o capitalismo não é apenas a boa técnica de acumulação financeira, o supermercado, o computador e a eficácia, sem dúvidas desejáveis. "É como abrir uma janela para arejar o ambiente. Entra o ar fresco, mas com ele as moscas e outros insetos. Temos que estar atentos a esses riscos", nos ponderou um dirigente de Nanquim.

Perguntamos quais são os "bichinhos" mais perigosos que estão entrando agora, com a abertura econômica chinesa. "A corrupção, as drogas e a prostituição, entre outros", nos diz.

Esse é um tema na ordem do dia no país. A China está sendo sacudida por uma enorme campanha contra a corrupção. Todos os órgãos do Partido Comunista, com seus 55 milhões de militantes, estão empenhados nessa batalha, seja no esforço cotidiano como através de congressos, seminários e programas de rádio e televisão. Aliás, os canais de televisão e as rádios são todos estatais e estão proibidos de transmitir cenas de violência e pornografia, outros "insetos" muito conhecidos no Ocidente, que poderiam infiltrar-se na abertura econômica.

Severas medidas repressivas estão sendo aplicadas aos infratores. O poderoso secretário do Partido Comunista em Beijing, Chen-Xi-Tung, que tinha poder político sobre a Prefeitura da capital chinesa e era a mais alta autoridade local, foi destituído de suas funções e está submetido a processo. Chen foi acusado de levar "uma vida extravagante, aceitar presentes de alto valor e cometer muitos erros". Sabe-se em Beijing que ele foi envolvido pelo *lobby* de empresas estrangeiras que procuravam obter privilégios para os seus investimentos.

A China está sendo sacudida por uma enorme campanha contra a corrupção, na qual estão engajados todos os órgãos do Partido Comunista

O empresário sino-australiano James Reng Jiandong foi acusado de, com processos de corrupção, tentar o controle da Cia. Industrial de Xenzen, a primeira *joint-venture* realizada na China. Foi condenado a 18 anos de prisão, apesar do empenho do governo australiano em libertá-lo e dos protestos de empresários de Hong Kong, segundo os quais essa condenação seria uma ameaça aos que colocam seu dinheiro na China.

Em Genebra, delegados com o apoio da China e de outros países anunciaram um projeto para criar nas Nações Unidas uma agência especializada no combate à corrupção. Vão ter, sem dúvida, muito trabalho. Mas os chineses têm pressa e seguramente não vão esperar somente pelas medidas da ONU. O vice-diretor do Burô de Segurança Pública de Beijing, Zhang Joinchen, já anunciou que será criado um órgão especial para o acompanhamento do trâmite dos investimentos de modo que seja assegurada a sua transparência.

O Partido está dando grande prioridade a esse problema. Fortalece sua pregação ideológica, adota medidas repressivas, mas insere a quota de marxismo numa profunda invocação às virtudes e às tradições nacionais. Aliás, essa é uma constante na vida da China.

AS TRÊS BATALHAS

Um chinês, veterano de muitas lutas, a quem perguntamos sobre esse confronto entre o socialismo e a *práxis* capitalista e suas seqüelas, nos faz essa reflexão: "O senhor esteve no *malecón* (avenida litorânea) de Xangai e viu aqueles suntuosos edifícios construídos pelos colonialistas? Estão todos hoje em nosso poder e não há um soldado ou uma baioneta estrangeira no nosso solo. Vencemos a batalha contra o colonialismo." E acrescenta, refletindo sobre as diferentes etapas da revolução chinesa: "A segunda batalha foi a da libertação econômica. Olhe para a nossa realidade atual e veja como a vamos vencendo. Neste momento, já estamos envolvidos na terceira batalha, que é o confronto com certos estilos de pessoas que aqui aportam e que nos trazem sua contribuição para o desenvolvimento, mas também suas maneiras de

**No Ocidente,
governos, técnicos
e empresários
consideram como
de alta prioridade
a análise
do desafio chinês**

proceder, que são estranhas à nossa cultura. Não se equivoque. Vamos superar esses problemas sem comprometer a cooperação dos que atuam corretamente. Nossas idéias socialistas são mais fortes e melhores, nossos propósitos honestos e o que estamos fazendo está dando certo."

UM CAMINHO DIFERENTE DA EX-URSS

Os chineses são muito discretos quando comentam o que ocorreu na União Soviética. Mas quando apontam os erros do período de Mikhail Gorbachov sempre acrescentam uma observação: "Antes dele, já Kruschov havia começado práticas parecidas."

O que se conclui é que o exemplo soviético está muito presente nas suas análises. Há, no entanto, situações que chamam a atenção dos estrangeiros, como por exemplo o nível de vida de uma pequena camada de empresários que já apresentam o que se chama por aqui "sinais exteriores de riqueza".

A interpretação de alguns dirigentes é de que esse número é ínfimo e as novas condições de que desfrutam, resultado de acumulações financeiras quase sempre realizadas fora do país, não lhes dão qualquer tipo de privilégio ou poder de influir.

Como o Estado tem força para impor uma distribuição justa do lucro contemplando a equidade social, sua atividade corretamente orientada pode ajudar a aumentar o número dos chineses que progredem, realizando o sonho do regime de "socialismo sem pobreza". No Ocidente, governos, técnicos e empresários consideram como de alta prioridade a análise do desafio

chinês. Teme-se que pelas características de sua produção, não seja fácil concorrer com os seus preços e que, desse modo, possa ser inevitável uma preponderante presença dos produtos "made in China" nos mercados do mundo.

Não faltam, assim, os que já pensam como conter esse "perigo chinês", conforme a advertência de Li Beihai. O caminho mais fácil seria o que foi adotado para desagregar a União Soviética: disseminar os estilos de vida capitalista, estimular irredentismos e divisões internas. "Continuando como está, em pouco tempo a China rica e industrializada do vale do Yang-Tsé nada terá a ver com os camponeses pobres da Mongólia interior. E os problemas virão", sentenciou um governante europeu.

"Desconhecem a China. A unidade de hoje foi conseguida graças a séculos de lutas patrióticas. Conhecemos bem esse problema e lhe estamos dando a maior prioridade. E, mais rápido do que se espera no Ocidente, reduziremos muito as nossas diferenças regionais", comentou o membro do Burô Político e do Secretariado do Comitê Central do PC, Wen Tiabao.

OUTRA GUERRA FRIA?

Mas há, também, o sonho dos que já arquitetam uma nova espécie de Guerra Fria. E não se pense que é apenas o desvario de algum sectário ideológico da direita, inconformado com o tipo de progresso que os chineses estão alcançando.

Os desentendimentos sino-norte-americanos têm sido frequentes e vão desde os testes nucleares chineses até as reclama-



Washington não vai partir para outra Guerra Fria só porque na China a marca de um produto ocidental está sendo copiada

ções contra a ausência de uma legislação - uma espécie de lei de patentes ao modo brasileiro - que proteja as marcas estrangeiras.

Também na Europa já se reclama contra o preço dos produtos chineses. Os belgas não gostaram de bicicletas a pouco mais de 40 reais e, em vez de baratear sua produção, preferem acusar os chineses de *dumping*. Outros países incluíram certos produtos nas suas listas de proteção aduaneira, com o olho no similar chinês.

Recente artigo de Anne Applebaum, publicado no *Sunday Independent*, de Johannesburg, aludia a essas dificuldades no relacionamento comercial do mundo capitalista com a China. Previa que a fase de bom entendimento pode estar se esgotando, para dar lugar a uma nova Guerra Fria, cuja etapa inicial seria econômica. Diz sua autora o seguinte:

"Lentamente, começou a transformação da China em inimigo número um (do Ocidente). Em Washington foram levantadas objeções à visita (ainda sem data marcada) de Bill Clinton à China, com o argumento de que ele, de certa forma, legitimaria o regime chinês, só pelo fato de viajar até Beijing (...).

"Até agora, o único fator que evitou a explosão de uma nova Guerra Fria é o fato da China, ao contrário da União Soviética, não constituir um desafio militar à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Os chineses não têm projeto de exportação mundial da sua revolução e o seu expansionismo se limita aos territórios que eles consideram historicamente seus, como Hong Kong e Taiwan.

"Mas, na medida em que a economia chinesa se fortaleça, haverá outras conseqüências para o mundo exterior. Aquilo que os chineses consideram ser assuntos internos, inevitavelmente se transformarão em temas de interesses de outros.

"Hoje, a China é um problema para os negociadores da área comercial; amanhã poderá ser um problema para a Otan. Os conflitos militares geralmente começam como enfrentamentos ideológicos ou econômicos. O Ocidente, e os Estados Unidos em particular, têm ambos com a China", conclui.

O DESAFIO PACÍFICO

No entanto, não parece que os problemas em pauta possam evoluir para uma crise. Ao contrário, sente-se que a tendência é a solução das divergências através de negociações. Se Washington fosse partir para uma outra Guerra Fria só porque apareceu na China algum produto ocidental cuja marca está sendo copiada, os Estados Unidos já teriam desembarcado suas tropas há muito tempo na Tailândia, Coréia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Singapura e outras regiões asiáticas ou até mesmo aqui perto, em Ciudad del Este, no Paraguai. Durante anos, o Japão tem sido alvo dessas acusações e nem por isso Washington rompeu com o seu governo.

Em Bangcoc, a capital tailandesa, vende-se de tudo e igualzinho ao produto original, sem qualquer lei de patentes. Os relógios *Rolax* e *Cartier*, muito semelhantes aos modelos legiti-



Os baixos preços dos produtos chineses os tornam altamente competitivos no Ocidente, onde já despertam temores dos empresários locais

AFP



Os presidentes Bill Clinton e Jiang Zemin se encontraram em Nova Iorque, durante as comemorações dos 50 anos da ONU e o aperto de mãos mostrou a boa fase das relações bilaterais

mos, custam nove dólares. Impecáveis tênis ou camisas norte-americanas e européias de marcas famosas - mas falsificados -, são ali expostos por quatro e cinco dólares e não vi qualquer repressão a esse comércio ilícito.

Clinton conhece bem as realidades do mundo e seguramente não se deixaria levar por alguns setores excitados do seu país com interesses comerciais contrariados. O número de empresas norte-americanas na China é alto e a convivência com as regras chinesas não tem apresentado maiores anormalidades. Os seus mais importantes parceiros comerciais no exterior são o Japão, os Estados Unidos e a Europa.

Não parece que a exigência de leis de patentes, controversas sobre direitos civis, interpretados segundo a visão norte-americana, e outras reclamações dessa ordem sejam determinantes, no quadro atual, de uma deterioração do relacionamento Ocidente-China. Os fabricantes norte-americanos sabem que esses temas não poderiam levar a Europa e o Japão a uma ruptura e, como os demais, estão de olho no bilhão de consumidores chineses.

O presidente Bill Clinton disse recentemente que sua visita à China ainda deve esperar algum tempo, mas não só deseja o êxito daquela nação, como nada fará para levantar barreiras à sua aspiração de ser um país de liderança. Os chineses esperam que suas palavras se reflitam na sua política.

É difícil, portanto, prever uma nova Guerra Fria, apesar dos problemas. A China tem hoje um excepcional relacionamento

no mundo. Cerca de 40 chefes de Estado e de Governo a visitaram nos últimos tempos. As delegações nos dois sentidos são incontáveis. Quando visitávamos a Cidade Proibida e o mausoléu de Mao (às 10h da manhã já havia sido visto por seis mil pessoas e as filas eram quilométricas), cruzamos com o presidente da Áustria, Thomas Klestil, à frente de uma grande comitiva. Nas Muralhas encontramos uma delegação de alto nível do Vietnã e outra do Camboja. Numerosas outras eram esperadas nas semanas seguintes.

Um dos últimos visitantes, recebidos pelo presidente Jiang Zemin, foi Bill Gates, o supermilionário presidente da indústria norte-americana de software, a Microsoft, seguramente interessado no mercado chinês.

No cotidiano partidário a efervescência é a mesma. A ministra para o Departamento de Relações Internacionais do Partido, Li Shu Zheng, nos disse que o PC desenvolve intenso relacionamento com a Ásia, que é uma das suas prioridades. Mas não fica aí. Atualmente o PC chinês já se relaciona com mais de 300 partidos influentes no mundo e é crescente o número de líderes políticos do exterior que visitam a China e conhecem as suas realidades.

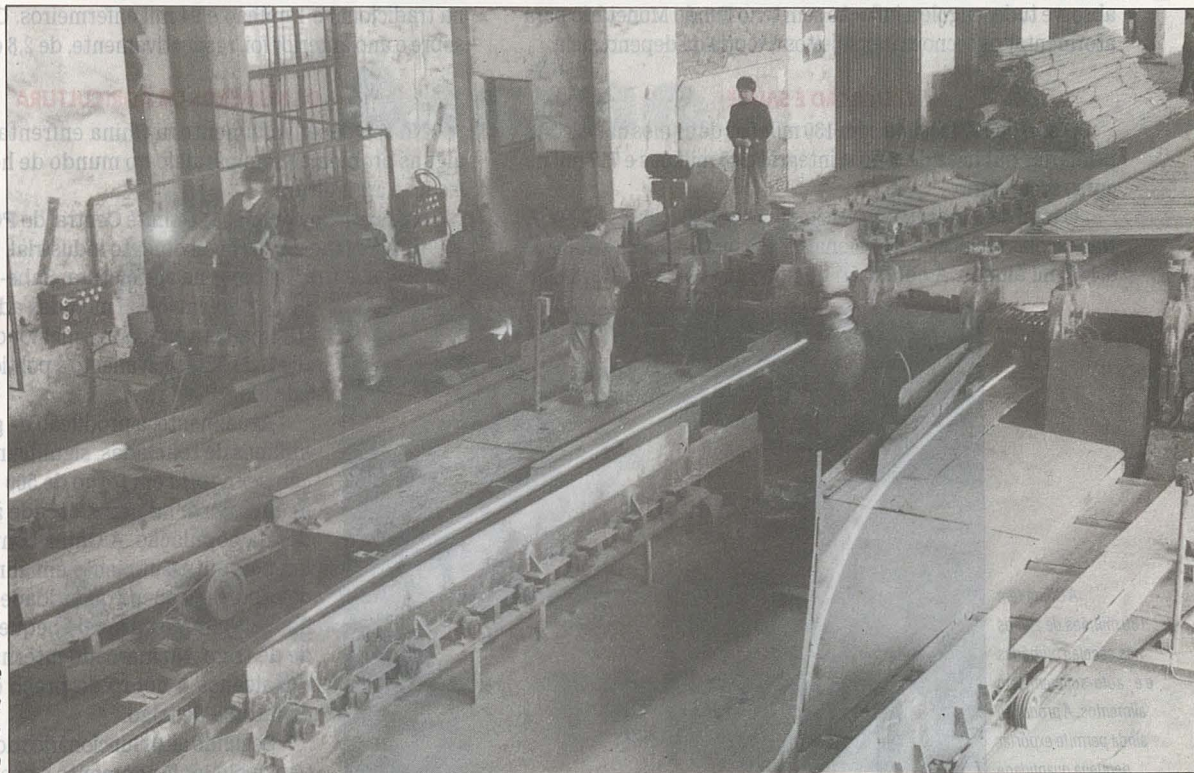
Pelo menos no horizonte próximo o clima não é de hostilidade, mas de cooperação. A China e o mundo contemplam um desafio histórico: conviver juntos e buscar na concorrência econômica e no cotejo ideológico, e não em um confronto que conflua para crises militares, seus caminhos de afirmação, desenvolvimento e liderança.

CHINA

PROMOÇÃO DE

Os índices do avanço

Quase 190 milhões de alunos matriculados nas escolas públicas de tempo integral. A China cresceu em 1994 mais de 11%



As indústrias siderúrgica, têxtil, metalúrgica, que são tradicionais na China, registraram grande expansão

Os dados oficiais revelam mudanças muito expressivas na vida das famílias e das pessoas. Basta descobrir como vivem os chineses e até mesmo se movimentam nas ruas para verificar que o país está dando um salto surpreendente em sua economia e ascensão social.

A renda média de uma pessoa passou de 100 yuans - 1 dólar (EUA) vale 8 yuans -, em 1949, para 316, em 1978, e 3.150 em 1994. As despesas pessoais (o consumo *per capita*) passaram de pouco mais de 200 yuans em 1960 para 2.000 em 1994. A renda *per capita* de cada família aumentou 36 e 32% respectivamente, nas zonas urbana e rural. Os depósitos bancários subiram cerca de 20% ao ano, e 73% das famílias já têm contas nos bancos.

A média de vida subiu e hoje está em 69-70 anos para os homens e 72-73 para as mulheres.

Em 1994, a economia chinesa cresceu 11,8%. A produção industrial aumentou 18%, mas a agrícola só avançou 3,5%. Houve importantes mudanças no perfil industrial do país, demonstrando grande desenvolvimento. As indústrias siderúrgica, têxtil, metalúrgica, que são tradicionais na China, registraram grande

expansão. Por exemplo: em 1987, a produção de aço foi de 10 milhões de toneladas; em 1994, alcançou 93 milhões. A China ocupa hoje o terceiro lugar na produção de aço, atrás somente dos Estados Unidos e do Japão.

Além disso, registrou-se grande mudança na natureza dos produtos de exportação. O país ocupava, em 1980, a 32ª posição no mundo em produção industrial. Já em 1992, o 11º lugar. O valor das exportações aumentou 31,9% sobre o ano anterior e as importações 11,2%. O saldo das divisas já alcançou 51 bilhões e 600 milhões de dólares.

A INFLAÇÃO

Os capitais externos utilizados foram da ordem de 45 bilhões e 800 milhões de dólares, grande parte procedentes de Taiwan, Hong Kong e comunidades chinesas de todo o mundo. Em 1994, segundo o relatório anual do Banco Mundial (*China Daily*, 24/09/95), a China foi o país que mais recebeu créditos desse banco: 3 bilhões de dólares, seguido do México, 2 bilhões e 38 milhões; Índia, 2 bilhões; Rússia, 1 bilhão e 74 milhões, e Argentina, 1 bilhão e 42 milhões.

Nos últimos 16 anos, a China recebeu vultosos capitais externos, segundo confirma o jornal *Business Weekly*, de Beijing. O volume de depósitos nas contas de poupança supera 268 bilhões de dólares.

A inflação de 1994 foi de 25 pontos. Este ano, segundo previsões na área diplomática, poderá baixar a 17. Não vi no entanto, qualquer debate, como aqui, sobre o tema. O desenvolvimento absorve tudo, engole a inflação sem ter o Fundo Monetário para atormentar os tecnocratas sujeitos à teoria da dependência.

EDUCAÇÃO E SAÚDE

O ano de 1974 fechou com 130 milhões de alunos nas escolas primárias públicas de tempo integral e 43 milhões e 717 mil no curso secundário.

O total de estudantes universitários chega a 2 milhões e 799 mil. Nas escolas técnicas e vocacionais estão matriculados 8 milhões e 446 mil alunos. A educação de nove anos é obrigatória. Em

geral, os alunos vão de bicicleta para os colégios, e se as residências são distantes comem nas escolas.

Registraram-se melhorias mais discretas na área de saúde. Em 1994, havia 2 milhões e 832 mil leitos hospitalares, com um aumento de 1,3% sobre o ano anterior. Ao todo, trabalham na área de saúde 4 milhões e 199 mil pessoas em regime de tempo integral, sendo 1 milhão e 882 mil médicos e técnicos de medicina tradicional e 1 milhão e 94 mil enfermeiros. O crescimento sobre o ano anterior foi, respectivamente, de 2,8 e 3,6%.

OS NÚMEROS DA AGRICULTURA

No seu desenvolvimento, a China enfrenta, no entanto, alguns problemas sem paralelo no mundo de hoje. Um deles é com a agricultura.

Na sua última reunião, o Comitê Central do PC decidiu continuar seu plano de desenvolvimento industrial, mas com cautela, e concentrar esforços na agricultura. Sabe-se em Beijing que estão em curso medidas administrativas destinadas a enquadrar melhor os planos regionais de desenvolvimento à política nacional do partido.

Atualmente, a produção de grãos é de 450 milhões de toneladas, significando uma relação *per capita* em torno de 500 quilos, o que, de uma certa maneira, atende às necessidades da população. A China converteu-se em um país auto-suficiente em alimentos e ainda exporta pequena quantidade de arroz, que financia a importação de pequena quantidade de trigo. No mercado internacional, o arroz alcança o dobro do preço das cotações da farinha de trigo.

Segundo altos funcionários do governo, não tem qualquer fundamento a previsão do Ocidente de que a China enfrentará fome nos próximos anos. Entre outras razões, pelos significativos avanços na pecuária (calcula-se em 400 milhões só o número de suínos a ser consumidos).

Um estudo da empresa financeira internacional Barrings Securities assinala que a China, hoje, já tem a maior capacidade de poupança do mundo, com 12% da população economicamente ativa do Planeta vivendo às margens do rio Yang-Tzé.

Sempre segundo esse estudo, no ano 2000 – portanto daqui a quatro anos –, a economia da China será maior do que a da Europa Ocidental e no ano 2010 o conjunto econômico asiático, incluindo o Japão, superará as economias da Europa e América do Norte juntas. Assim, o poder econômico se deslocará do rio Reno e do oceano Atlântico para o Yang-Tzé e o Pacífico. (N.M.)

Continua após o Suplemento



A China tem 130 milhões de alunos nas escolas primárias e é auto-suficiente em alimentos. A produção ainda permite exportar pequena quantidade de arroz, que financia a importação de trigo



Bicicletas X carros

A dura disputa das ruas

O número de automóveis na China é ainda modesto e nada tem a ver com a realidade dos países ocidentais. Mas em certas horas de *rush*, em Xangai e Beijing, já se verificam engarrafamentos.

Cria-se aí um problema com os antigos donos das ruas, os ciclistas, pois as amplas cicloviárias, características das cidades e vilas chinesas, já se tornaram estreitas para tanta bicicleta. A disputa do espaço com os carros é notória e renhida.

Não conseguimos dados definitivos sobre o número de bicicletas no país, mas as estatísticas oscilam entre 300 e 400 milhões de unidades. Esse número parece fantástico no Brasil, mas quando se vê em qualquer cidade chinesa as ruas repletas e quilômetros de passeios e parques transformados em estacionamento de bicicletas, não há como duvidar das cifras.

Há estudantes, velhos, trabalhadores, jovens, senhoras elegantemente vestidas, militares, funcionários do governo, etc. pedalando sem cessar. São como cardumes humanos, tranquilos e silenciosos e estranhamente organizados.

Em Beijing nos disseram que o número de bicicletas do município já se aproxima de oito milhões, mais ou menos igual ao de Xangai. Em Wuxi, uma cidade de um pouco mais de um milhão de habitantes (o município, que não é dos grandes, tem 4 milhões e 200 mil), estão registradas mais de 800 mil bicicletas.

Uma só empresa, a Phoenix, de Xangai, fabrica mais de cinco milhões de bicicletas ao ano. Os preços variam, ficando o mais caro em torno de 40 reais. Além de atender ao mercado interno, a China já exporta. Encontra-se um pneu novo até por um real.



As bicicletas fazem parte do panorama urbano da China

A PERCEÇÃO SOCIAL DA AIDS –
Raízes do preconceito e da
discriminação

COMO CONTAR UM CONTO
Gabriel García Márquez
O escritor Prêmio Nobel m



SINAL FECHADO

A música popular brasileira sob censura

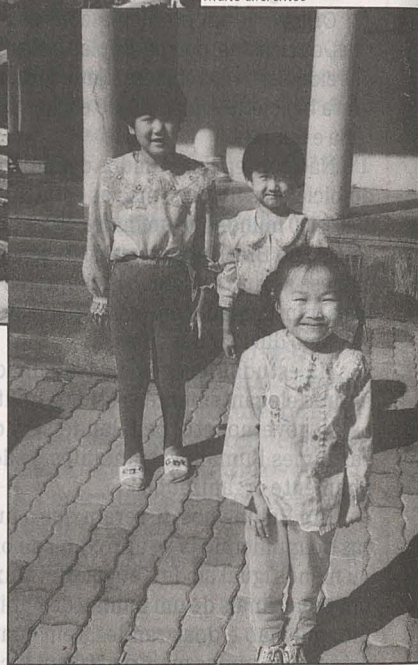


HUAXI:

os caminhos da prosperidade

Nome *Beatriz Bissio*

*Camponeses que fundaram
uma modesta aldeia há 35 anos,
agora são donos de mais
de 40 fábricas, exportam
produtos sofisticados
e ainda treinam quadros
que visam a reproduzir
a sua experiência
em outras províncias*



Alegre e cheia de energia, Zhao Mao Mei, junto a outras chinesas destacadas, recebeu um Prêmio ao Mérito durante a Conferência da ONU sobre a Mulher, realizada no mês de setembro, em Beijing. Com cerca de 50 anos, ela não fala bem o mandarim, – o idioma oficial da China – e sua língua materna é um dialeto do sudeste do país. Mas essas limitações não impediram que Mao Mei fizesse parte da equipe de direção na vila de Huaxi, tida como um modelo para todas as aldeias camponesas da China, atuando como subgerente-geral. E mais: hoje ela ocupa uma cadeira na Assembléia Municipal de Wuxi (na província de Jiangsu, onde fica a vila) e é subdiretora do órgão que reúne as mulheres do seu distrito.

Quando tinha 18 anos, Mao Mei, militante do Partido Comunista até hoje, se engajou na luta liderada pelo governo para aumentar a produção de alimentos. Naquela época, alimentar e vestir o povo ainda eram metas não-attingidas pela revolução chinesa.

Com as suas próprias mãos, ela e um grupo de 64 camponesas, que viria a ser conhecido como “As Mulheres de Ferro”, aplai-



CHINA



naram as terras onduladas da vila de Huaxi, tornando-as aptas para a agricultura e facilitando a irrigação.

“Foram anos muito duros; não sabíamos o que era descanso. Contabilizamos mais de 320 mil jornadas de trabalho para deixar a terra totalmente plana. A produtividade aumentou quatro vezes”, lembra. Hoje, a produção agrícola em Huaxi está totalmente mecanizada.

Mas as mudanças na vila, fundada em 1961, não param por aí. Huaxi é tida como modelo porque conseguiu aplicar com sucesso a palavra-chave do governo a partir das mudanças impulsionadas por Deng-Xiaoping: grande parte dos camponeses transformou-se em operários, com a instalação de várias fábricas no local, que absorveram a mão-de-obra excedente gerada pela mecanização da agricultura e pelo crescimento da população.

Atualmente, moram na vila 1.400 pessoas de 325 famílias, organizadas em 12 povoados. Só uma pequena parte dos que chegam continua vivendo da produção agrícola (trigo, arroz e vegetais, fundamentalmente). Mas, por ser a agricultura a prioridade nacional, Huaxi faz questão de cumprir as metas de produção defendidas pelo governo, e ainda colhe um excedente. Além disso, tem uma preocupação especial, como acontece, aliás, em todas as vilas rurais da China: a preservação das variedades de sementes e a qualidade do solo.

“Somente durante dois anos utilizamos para o plantio a mesma variedade de sementes”, explica Mao Mei. “Os camponeses fazem a seleção das diferentes variedades, pois disso depende o êxito das sucessivas colheitas.”



Wu Renbao, fundador de Huaxi, tem na sua neta, formada na Universidade, uma continuadora; enquanto Mao Mei, mesmo com um nível de vida que lhe permitiria aposentar-se, continua trabalhando intensamente, agora como gerente-geral da vila

Quanto aos cuidados com o solo, a preocupação principal é com os adubos. Como o solo não descansa, já que está sempre em uso, com culturas rotativas, os camponeses aplicam quase exclusivamente fertilizantes que eles mesmos produzem com excremento animal, inclusive humano. Herbicidas, para prevenir pragas, só em última instância. Em princípio, as pragas são controladas de forma natural, até mesmo com certas plantas que as afugentam.

COMPLEXO AGROINDUSTRIAL

Mas Huaxi dedica hoje a maior parte do tempo e dos esforços à produção industrial: a vila tem mais de 40 fábricas, entre elas seis *joint-ventures* com empresas de capital estrangeiro e dez de capital misto, com parceria do Estado. As fábricas empregam quase quatro mil operários, muitos vindos de outras províncias, produzindo desde artigos de lã (com matéria-prima importada da Austrália e do Uruguai) até chapas de alumínio e



CHINA



aço inoxidável, produtos petroquímicos, cabos, fios condutores, etc. Os 43 principais produtos são vendidos em 28 províncias da China e também no exterior, e desde 1994 são ministrados em Huaxi cursos de treinamento de mão-de-obra, pelos quais já passaram mais de 1.500 pessoas. Os cursos também são ditados em doze diferentes províncias, pelos quadros técnicos de Huaxi. Mao Mei nos aponta com orgulho, durante um passeio pela vila, uma grande fábrica de produtos químicos: "Essa foi construída em parceria com os nossos compatriotas de Hong Kong."

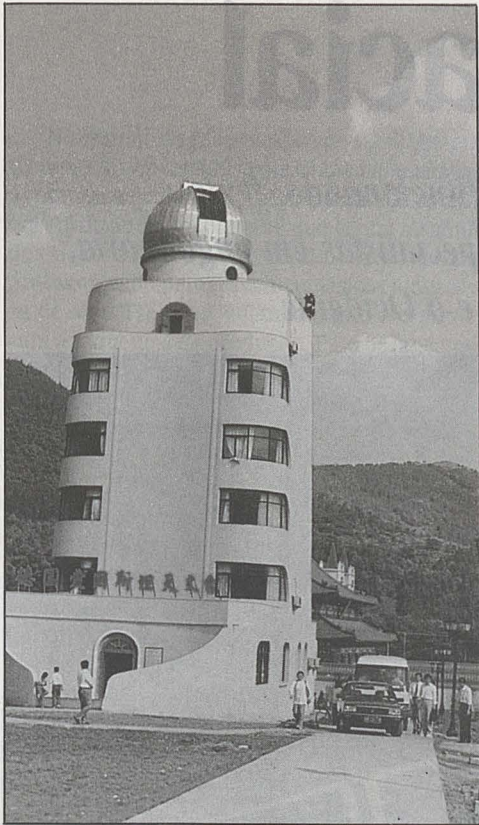
Um hotel em Beijing e outro em Xangai estão entre as aquisições dos camponeses, que os utilizam para hospedar as suas famílias, como convidados, e como fonte de renda, com turistas em geral. Um terceiro hotel, com 120 quartos, está em construção na vila e deve ficar pronto no começo de 1996. Os hóspedes serão, principalmente, clientes e fornecedores das fábricas da vila, mas o hotel também estará aberto para visitantes de todo o mundo e camponeses de outras províncias que são treinados ou trocam experiências com os dirigentes de Huaxi.

'BONS PARTIDOS' PARA AS SOLTEIRAS

"Hoje em dia, os filhos dos camponeses de nossa vila podem casar com as moças da cidade", afirma Mao Mei, mostrando a mudança de *status* social e de mentalidade ocorrida nesses anos. "Quando a vila foi fundada, éramos todos tão pobres que nenhum camponês era visto como bom partido pelas mães das jovens das cidades vizinhas."

Agora, a qualidade de vida em Huaxi é superior à da cidade. Para cada família foi construída uma casa de dois andares, muito confortável, equipada com ar-condicionado e calefação, geladeira, telefone e TV a cores. Quase todas as famílias têm carro – um privilégio praticamente inacessível para os habitantes das áreas urbanas – e os filhos dos camponeses podem completar os nove anos de ensino obrigatório gratuito (em horário integral) em modernas escolas que funcionam dentro da vila.

O fundador de Huaxi, Wu Renbao, é uma figura quase lendária na região. Com mais de 70 anos, ainda é a "alma" do complexo agroindustrial em que se transformou a vila, mas o seu



A vila de hoje transformou-se numa estrutura complexa, onde se combinam agricultura, indústria, transporte e construção"

filho, Wu Xiedong, é, na prática, o gerente-geral. A neta, com pouco mais de 20 anos, fez faculdade de Administração de Empresas, fala inglês fluentemente e está voltando à vila para nela aplicar os seus conhecimentos.

Aliás, atualmente, quase todos os netos dos fundadores de Huaxi estão estudando em universidades, dentro e fora da China, com 233 formados. "Antes, era difícil encontrar um camponês de Huaxi que entendesse de eletricidade ou soubesse consertar um motor diesel; hoje, temos numerosos engenheiros, químicos, físicos, agrônomos e técnicos de alto nível", diz Wu Renbao, com o sorriso de quem já conquistou na vida as metas a que se propunha.

A vila de hoje, nas palavras de Wu, transformou-se "numa estrutura complexa, onde se combinam agricultura, indústria, transporte e construção". Esses avanços fizeram com que a capacidade de poupança de cada família camponesa tenha aumentado ano a ano. Wu estima que os depósitos em banco, por família, estão atualmente em torno dos dez mil dólares, alcançando, em alguns casos, os cem mil dólares.

INFRA-ESTRUTURA PARA OS VISITANTES

Os feitos de Huaxi atraem a cada ano mais visitantes para a vila, o que levou os camponeses a imaginarem a construção de áreas de lazer que pudessem se transformar em pontos

turísticos, num município como Wuxi, onde o turismo é uma das principais fontes de renda. Assim surgiu o "Mapa do Mundo", que está sendo construído na área da colina Huaming, onde Huaxi tem um belíssimo parque. Réplicas em tamanho quase natural de famosas construções de várias partes do mundo estão sendo levantadas: a sede do Congresso dos Estados Unidos, o Arco do Triunfo, de Paris, um observatório astronômico da Alemanha, as casas de campo típicas da Grã-Bretanha, além de monumentos históricos da própria China.

Cada construção será um mini-hotel e terá um restaurante que oferecerá pratos típicos, além de música e espetáculos artísticos de cada um des-

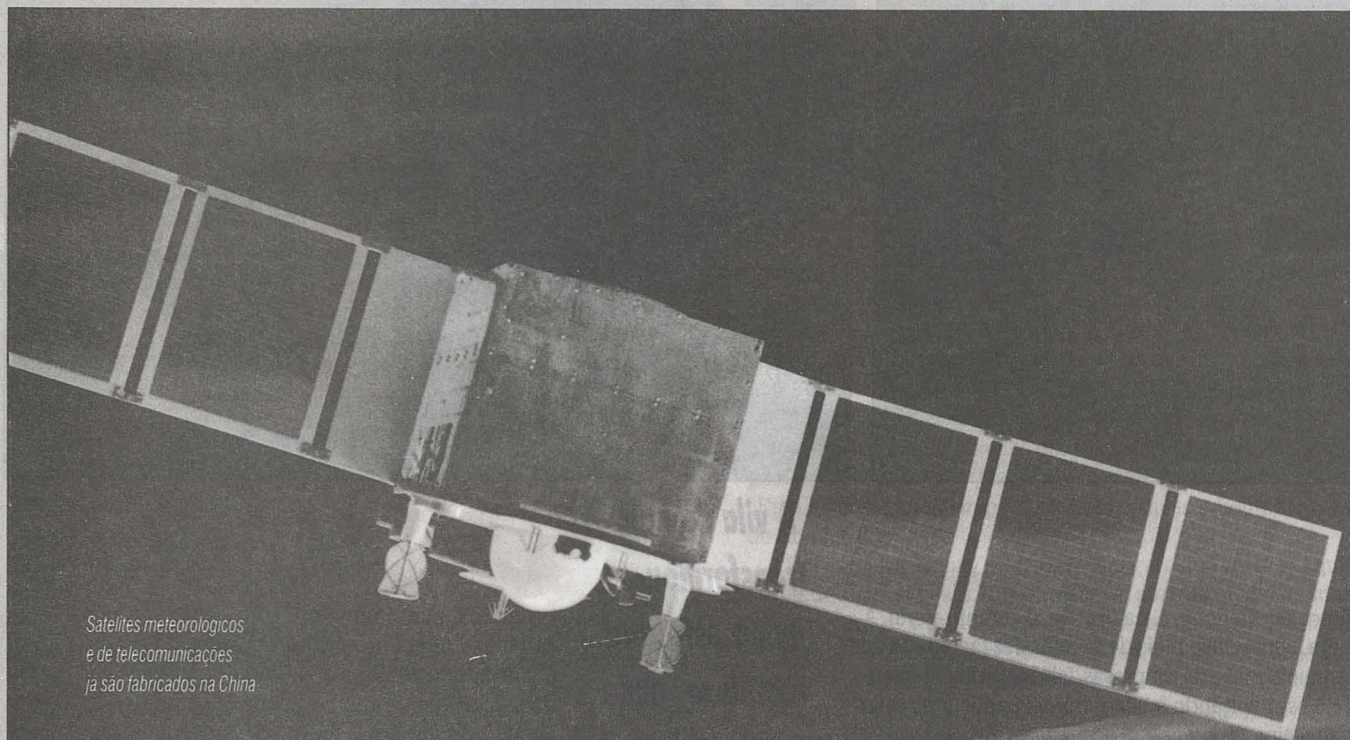
ses países. Para se ter uma idéia do potencial de Huaxi como ponto de atração turística, basta assinalar que em 1994 a vila-modelo recebeu nada menos do que três milhões de visitantes, entre chineses e estrangeiros, a maioria descendentes dos chineses de ultramar.

"Nós sabemos que a situação de Huaxi ainda não é a das aldeias da China. Mas a meta é fazer com que todas elas atinjam o nosso patamar de desenvolvimento", diz Wu Renbao. A visita a Huaxi terminou numa simpática confraternização na casa de uma família camponesa, com o velho dirigente perguntando pela vida no Brasil, e, em particular, pelos seus ídolos, Pelé e Romário.

CHINA

A era espacial

Trinta e seis satélites chineses já estão funcionando, fruto do trabalho de várias gerações de técnicos e especialistas em engenharia, e da cooperação com a ex-URSS e o Ocidente



Satélites meteorológicos e de telecomunicações já são fabricados na China

O Xangai Institute of Satellite Engineering, fundado em 1969, é um moderno centro de produção e teste de satélites meteorológicos e de telecomunicações. Mas, visto de fora, ninguém diria que se trata de um sofisticado conjunto de prédios que abrigam o que há de mais desenvolvido na tecnologia aeroespacial chinesa. Na verdade, parece mais uma construção abandonada. Possivelmente, não é por acaso que a fachada lembra um casarão velho e empoeirado. Esse tipo de pesquisa, em geral, é cercado de sigilo, não só na China como em qualquer país do mundo.

Como acontece também em outros campos da atividade científica e econômica, o diretor do instituto, Qiu Yong Sheng, é um homem de cerca de 40 anos, a média de idade dos que hoje controlam os centros nevrálgicos do país. Pausadamente, Qiu explica que ali se fabricam equipamentos e se desenvolvem pesquisas sobre satélites, com fins científi-

cos e não-militares. Dos 600 empregados, 340 são técnicos e especialistas, com cursos de graduação e pós-graduação, entre eles 80 engenheiros.

Um centro de pesquisa semelhante existe em Beijing. As duas instituições formam parte do complexo sistema aeroespacial chinês, que inclui setores de estudo, desenho, testes e fabricação de satélites terrestres e foguetes impulsionadores.

COOPERAÇÃO COM PAÍSES OCIDENTAIS

A indústria espacial da China começou em 1956, com o apoio de especialistas da antiga União Soviética. Mas essa cooperação teve vida curta, já que em 1960, como consequência da deterioração das relações entre esses países, foi suspensa. Durante quase duas décadas, os cientistas chineses trabalharam por conta própria, até que as mudanças ocorridas a partir do fim dos anos 70 permitiram uma intensa cooperação com países ocidentais.



CHINA

No terreno da recuperação de satélites, por exemplo, as técnicas desenvolvidas pela China encontram-se hoje entre as mais avançadas em nível mundial. Os satélites são lançados utilizando-se foguetes que levam o significativo nome de "Grande Marcha" evocando o histórico acontecimento protagonizado pelos revolucionários chineses sob a liderança de Mao Tsé-tung, acompanhado dos números que indicam a seqüência de produção. Para os lançamentos, se utilizam duas bases, no norte e no sudeste do país. O combustível utilizado também é fabricado na China.

A tecnologia de lançamento de foguetes para colocar satélites em órbita é dominada pela China desde a década de 70. A partir de então, o país já lançou 36 satélites, prestando serviço a várias nações do mundo.

O primeiro satélite de fabricação chinesa foi lançado em 1988 e, desde então, vários outros foram enviados ao espaço. Um satélite de órbita estacionária de 35 mil quilômetros, com fins meteorológicos, começará a funcionar em breve. O protótipo em tamanho reduzido está montado numa das salas do instituto. Jovens engenheiras que nele fazem estágio nos acompanharam na visita às suas dependências, inclusive a um ponto de observação, através de um vidro blindado, do local onde os satélites são montados.

Atualmente, a indústria espacial chinesa vive uma fase de expansão. Em junho passado, o presidente da Corporação Aeroespacial da China, CAC, Liu Jihan, visitou a França e a Alemanha para se reunir com figuras-chave da indústria espacial européia.

O maior dividendo dessa viagem foi ter conseguido uma proposta de parceria entre a Ariospace Corporation, a corporação espacial européia, e a homóloga chinesa, visando à exploração conjunta do mercado de lançamentos comerciais de satélites. Luo Ge, vice-diretor do Departamento de Relações Internacionais do Burô Aeroespacial Estatal, assinalou que a nova atitude da Europa em relação à China abre uma "nova era" de cooperação econômica e comercial entre ambos.

Para 1997 está previsto o lançamento pela China de um satélite de comunicações encomendado pela Argentina e fabricado na Alemanha. Nessa oportunidade, pela primeira vez, o serviço de lançamento comercial de satélites chineses será utilizado por um país europeu.

Hoje, o país tem convênios de cooperação espacial com a Alemanha, Brasil, França, Grã-Bretanha, Índia, Itália e Rússia.

Segundo Luo Ge, a China considera de caráter estratégico a parceria nesse campo com nações em desenvolvimento.

Com o Brasil a cooperação começou em 1988, visando fundamentalmente desenvolver satélites capazes de realizar levantamentos sobre recursos naturais; o primeiro deles poderá ser lançado ainda em 1996. Mas, a partir do ano passado, quando foi assinado em Beijing um novo acordo bilateral, a cooperação foi ampliada a todas as áreas da pesquisa espacial.

Com a Índia, país que emerge como nova potência espacial na Ásia, os especialistas chineses estão desenvolvendo satélites meteorológicos e de telecomunicações, aproveitando o grande avanço atingido pelos cientistas indianos nessa área.

O foguete de fabricação chinesa "Grande Marcha" põe em órbita satélites nacionais e estrangeiros

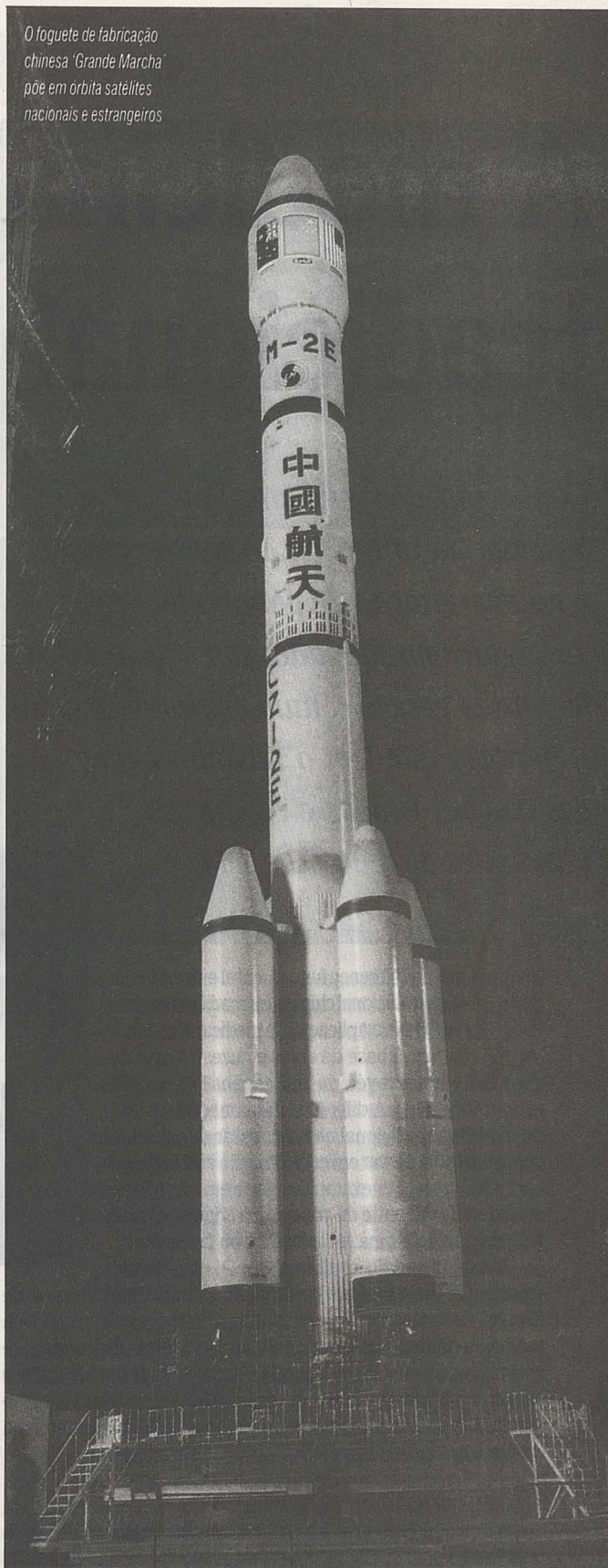


FOTO: CHINA EDITORIAL NUEVA ESTRELLA



CHINA

A medicina tradicional

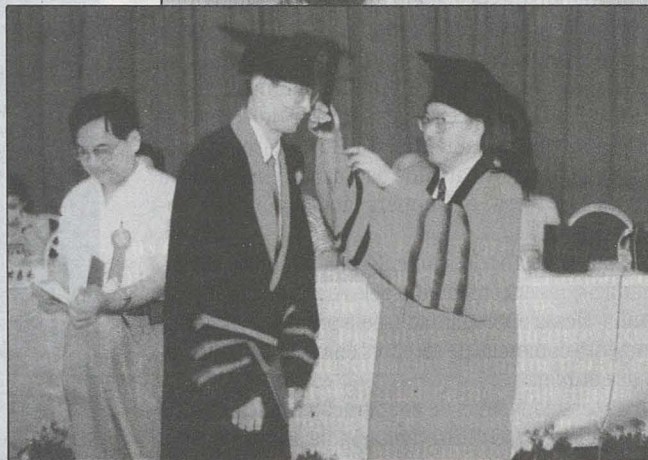
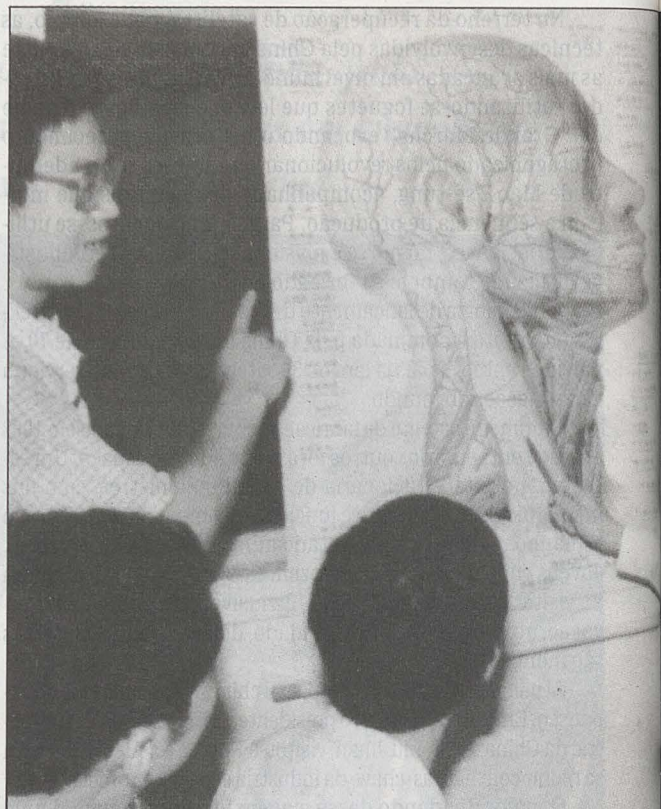
Conhecimentos milenares, que se baseiam na utilização de ervas e plantas e na energização de pontos chaves do organismo humano, são transmitidos às novas gerações num centro de estudos superiores que tem o reconhecimento das Nações Unidas e recebe estudantes de todo o mundo

Qual é a diferença fundamental entre a medicina tradicional chinesa e a medicina ocidental? Seria a aplicação de medicamentos naturais, à base de ervas e raízes? A arte da cura através de massagens? O uso da acupuntura? Não. A diferença fundamental é o fato da medicina tradicional chinesa tratar do paciente como um todo, e levar em consideração a sua relação com a natureza. Por exemplo, a gripe em um velho é considerada diferente da gripe numa criança, e não é tratada de igual forma se for inverno ou primavera.

A explicação do professor Shi Qi, presidente (reitor) da Universidade de Medicina Tradicional Chinesa de Xangai, é simples, porém elucidativa. Ele próprio é formado em medicina tradicional e em medicina ocidental (é cirurgião), e assinala que a ciência milenar de seu país é superior em muitos aspectos à ocidental. Mas confessa que há certas doenças, como alguns tipos de câncer, por exemplo, para as quais a medicina tradicional chinesa não oferece tratamento adequado.

CENTRO DE REFERÊNCIA INTERNACIONAL

A universidade surgiu a partir do antigo Instituto de Medicina Tradicional da China, criado em 1916, e foi fundada em 1956,



Diferentes aspectos da vida na universidade mostram um dia-a-dia intenso que se repete década após década, ganhando o respeito e a admiração de chineses e estrangeiros

com o incentivo de Chu-En Lai, o lendário companheiro de Mao Tsé-tung na revolução vitoriosa em 1949.

“O governo tem incentivado a medicina tradicional por várias razões, mas fundamentalmente porque entende que ela é um instrumento válido para aliviar os sofrimentos do povo chinês e porque preservá-la é uma forma de preservar a nossa cultura”, assinala o dr. Shi Qi.

Hoje, a Universidade de Medicina Tradicional de Xangai conta com uma equipe de cinco mil pessoas, entre funcionários, professores e pesquisadores, dos quais mais de 600 têm o grau de doutor. Universidades similares existem em Beijing e Cantão.



HONG KONG



Em 1983, a universidade fundou o Centro de Estudos de Medicina Tradicional Chinesa e o Centro Internacional de Treinamento em Acupuntura, ambos em parceria com a Organização Mundial de Saúde. Eles treinam profissionais chineses e de outras partes do mundo, recebendo uma média de 300 estrangeiros a cada ano, entre eles numerosos brasileiros.

Dois mil estudantes estrangeiros já passaram pelas salas de aula da universidade, vindos de 60 países; e quatro mil chineses se formaram em cinco especialidades diferentes, além dos 400 com cursos de mestrado e 250 de doutorado. Os cursos de mestrado e doutorado, abertos a profissionais de outras áreas, são: farmacologia, acupuntura e massagem tradicional, gerontologia, hepatologia (fígado) e ortopedia. Todos os cursos são ministrados em chinês, japonês, inglês e francês.

DA ACUPUNTURA AO USO DE ERVAS

Em 1985 foi fundada a Academia de Medicina Tradicional de Xangai, baseada na universidade, e ambas as instituições controlam dez centros de pesquisa, muitos dos quais desenvolveram trabalhos premiados dentro e fora da China. Por esse esforço, considera-se a Universidade de Medicina Tradicional de Xangai o centro de pesquisa médica mais avançado do país.

Um Departamento de Medicamentos de Medicina Tradici-



onal, com quase 200 seções, e três hospitais com mais de 1.800 leitos também dependem diretamente da universidade, que ainda tem uma editora e o maior Museu de História de Medicina Tradicional da Ásia.

Uma visita ao museu nos permitiu comprovar que a história dessa ciência se confunde com a da própria nação chinesa, ao longo de mais de cinco mil anos. Ela tem uma bagagem teórica muito completa, condensada há dois mil anos num tratado pelo médico Huang Di, que até hoje serve de alicerce para toda a medicina praticada na China.

Mais de 10 mil documentos e peças, que vão da Idade da Pedra até a dinastia Qing, formam o acervo do museu. Entre os destaques, uma figura humana de bronze, de tamanho superior ao natural, daquela dinastia, com todos os pontos utilizados pela acupuntura. E uma ilustração de dois mil anos, creditada à época da dinastia Han, com os movimentos-chave, da ginástica mais antiga da China, o *kung-fu*.

De grande riqueza, também, é o Herbário, onde estão expostas algumas das milhares de sementes, algas, pequenos animais, caules, folhas, fungos, flores, frutos, minerais, resinas e sementes utilizados pelos chineses para preparar os seus medicamentos. Possivelmente, a China seja o país que mais tem contribuído para a farmacologia mundial. (Beatriz Bissio)



CHINA

HONG KONG: De colônia a região autônoma

Depois de um século de dominação britânica, a colônia volta a fazer parte da China. Durante cinquenta anos o sistema capitalista vigorará e a ilha continuará sendo um poderoso centro financeiro internacional

Arnaldo Carrilho (*)

O que vai acontecer em Hong Kong depois de 1997? É a pergunta que mais me fazem, desde que assumi a chefia de uma repartição consular tão distante e estratégica. É natural, pois o assunto se inscreve dentre os que são muito divulgados na sua superfície e rasamente em sua essência. Tudo leva a crer, no entanto, que a reincorporação do enclave à soberania da China constituirá evento de grande importância na segunda metade da última década do milênio. Por isso, minha resposta à indagação é simplória, já que me faltam dons proféticos, embora caiba ao servidor diplomático o treinamento do "ver-antes", para nunca ver demais ou mais.

A China vai superar parte de suas humilhações históricas e ficar mais próspera - costume dizer -, o que é bom para a comunidade internacional e bom para o Brasil, que com ela concordou em estabelecer parceria estratégica - aduzo.

Na verdade, o tema é bem mais complexo e não pode restringir-se a considerações macroeconômicas do tipo: a riqueza do enclave de 1.076 km² representa 26% do PIB chinês ou 46% do comércio exterior da economia que mais velozmente se expandiu (140%, nos últimos 15 anos). Em virtude de sua condição de centro transnacional de serviços comerciais e financeiros, em função dos quais seus intercâmbios de bens e serviços com o mundo atingiram cerca de 345 bilhões de dólares, no ano passado, há uma relação de interdependência entre a colônia britânica nominal e a China. Mais: sua situação geográfica, na embocadura do delta do rio das Pérolas, tornou-se a placa gira-





tória do "Triângulo Cantonês", cujos vértices isoscélicos ligam a Macau e Cantão. Essa microrregião, em intensa conurbação agroindustrial, é de fato a "pérola" do crescimento chinês – suas taxas médias anuais somadas superam 350%, desde 1978, ano-base da abertura econômica da China – e tende a desempenhar papel supranacional dentro de uns 30 ou 40 anos. Não seria então exagerado compará-la ao vale do Ruhr, ao entorno Lyon-Grenoble ou ao conjunto Kioto-Kobe-Osaka.

Em pouco mais de um ano, Hong Kong tornar-se-á, por conseguinte, parte integral da China, país que tinha perdido para a Grã-Bretanha nas duas guerras do Ópio, que o eufemismo dos ingleses denomina I e II Guerras Anglo-Chinesas (1840-42 e 1859-60). Na primeira, mediante cessão perpétua regulada pelo Tratado de Nanquim, a superpotência que protegeu os traficantes da "lama estrangeira" – assim se referiam os chineses à droga de procedência indiana – se apossou da ilha de Hong Kong; na segunda, a Convenção de Beijing estipulou a entrega aos vencedores

nas mesmas condições da Península de Kowloon e da ilha Stonecutters. O restante da colônia (92% do total), os Novos Territórios, foi arrendado aos britânicos, em 1898, por ajuste diplomático passado em Beijing, válido por 99 anos, isto é, até 30 de junho de 1997.

Eis a razão da fatalidade desta data. Os mais despertos certamente perguntariam: perfeito, e os 8% cedidos perpetuamente? Por que Londres resolveu também devolvê-los?

Convém, por isso, prosseguirmos na história, com um salto para 1945 e 1949. Como é sabido, logo em seguida ao ataque de Pearl Harbor, os japoneses também bombardearam, invadiram e ocuparam a colônia da Coroa. Aproximando-se o fim do conflito no Pacífico, tropas de Tchiang Kai-chek ocuparam a Província de Kuatung, onde Hong Kong e Macau se encravam. Os comandantes nacionalistas receberam ordens expressas do generalíssimo de não atravessar a fronteira para libertar a colônia oprimida (Macau, território ultramarino de Lisboa, não fora ocupado pelos nipônicos). Quatro anos depois, os comunistas varrem os combatentes do Kuomitang (Partido Nacional do Povo) do território cantonês e também não invadem os enclaves. O comando no Sudeste do Exército Popular de Libertação, a cargo do notório Lin Piao, é instruído pelo Kuntsantang (Partido da Propriedade Comum) a também poupar os enclaves.

Jamais, portanto, quiseram os chineses de qualquer facção reaver estas pequenas porções do seu território pela força das armas. Mesmo em 1967, no auge da Revolução Cultural, em meio aos tumultos de triste memória, Beijing não tentaria anexá-los. Em 1971, Chou En-Lai encontrou-se com Malcom Macdonald, o então comissário-geral britânico para o Sudeste da Ásia, e informou ao alto funcionário de que a China de modo algum tencionava recuperar o enclave antes da expiração do arrendamento dos Novos Territórios, atalhando que Kowloon e as ilhas de Hong Kong e Stonecutters seriam por si sós inviáveis, o que é meridiano. Um ano depois, recém-admitidos nas Nações Unidas, os chineses reafirmaram, perante o Comitê de Descolonização, que Hong Kong e Macau não deveriam inscrever-se na lista dos "territórios coloniais". Em outras palavras, não seriam passíveis de referendo de autodeterminação.

Em suma, o futuro de Hong Kong, no dizer do próprio Chou, seria decidido por "...patriotas chineses, não por uns poucos imperialistas britânicos...". Compreenderam estes que os seus dias estavam contados e os sinólogos que assessoravam o secretário para Estrangeiros passaram a traçar seus planos.

Com as mortes de Mao Tsé-tung e Chou em 1976, a China lança-se nas Quatro Modernizações, implementadas por Deng Xiaoping, a partir de 1978. A fronteira começou a abrir-se; comércio e comunicações foram restabelecidos; passaram



HONG KONG:



A China vai recobrar o território sob a forma de Região Administrativa Especial de Hong Kong (Raehk)

a fluir investimentos chineses em Hong Kong; e Beijing reconheceu que o enclave era uma fonte inestimável de gerenciamento de negócios e capitais. Em dezembro daquele ano, Li Tchiang (Qiang), ministro do Comércio Exterior, torna-se a primeira autoridade pequinesa a visitar Hong Kong; pouco depois é a vez de sir Murray Maclehorse, o governador colonial, visitar Beijing.

Iniciava-se a cooperação entre a colônia e a China. Desde então, os sucessos de uma e outra dependeram dessa estreita relação, sobretudo porque Hong Kong cresceu como economia especializada na filtragem de vantagens comparativas, nas esferas de comércio e investimentos, junto ao maior mercado do Planeta: a própria China.

TRATADOS ENTRE POTÊNCIAS SOBERANAS

Após dois anos de intensas negociações, em 1984 a primeira-ministra Margaret Thatcher e seu homólogo chinês, Zhao Ziyang, assinam em Beijing, na presença de Deng, os textos da Declaração Conjunta Sino-Britânica sobre a questão de Hong Kong e seus anexos. É um tratado entre duas potências soberanas, devidamente registrado na ONU, segundo o qual a Grã-Bretanha administrará Hong Kong até 30 de junho de 1997 e a China estenderá sua soberania sobre o enclave inteiro, no dia seguinte.

A China comprometeu-se a recobrar o território sob a forma de Região Administrativa Especial de Hong Kong (Raehk), sujeita a uma, por assim dizer, miniconstituição intitulada Lei Básica, aprovada pelo Congresso Nacional do Povo e promulgada pelo governo central em 1990. Ela consagra os mandamentos do acordado na declaração Thatcher-Zhao, isto é, por 50 anos, que os chineses passaram a interpretar depois como pelo menos 50 anos, a partir de primeiro de julho de 1997:

- Hong Kong tornar-se-á uma RAE da China, gozando de alto grau de autonomia;
- dentro da Raehk o sistema capitalista e o estilo de vida serão imutáveis;
- os representantes legislativos serão eleitos (não se especifi-

- cou como, pois o assunto foi sendo progressivamente discutido e negociado no Grupo de Ligação Conjunto (GLC) sino-britânico, criado pela Declaração de 1984) e os executivos serão responsáveis perante os primeiros;
- os sistemas legal e judiciário serão mantidos;
- os direitos e liberdades do povo local preservados, inclusive os reconhecidos nas convenções internacionais sobre Direitos Civis e Políticos e sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais;
- garantidas a autonomia nos campos econômico, financeiro e monetário, isenção de impostos chineses, conversibilidade do dólar de Hong Kong (HK\$), liberdade de movimentação de capitais e sua condição de porto livre;
- reconhecidos os arrendamentos fundiários existentes;
- a continuidade do sistema educacional;

- o ir-e-vir interno e externo para os residentes e;
- os servidores públicos permanecerão empregados e salvaguardados seus direitos de aposentadoria e pensões.

Assim, à exceção dos setores de defesa e política externa, responsabilidades do governo chinês, Hong Kong, ao menos até 30 de junho de 2047, gozará de alto grau de autonomia, consequência do princípio que Deng propôs também a Macau (aceito por Lisboa em 1987) e Formosa (ainda não celebrado entre Beijing e Taipé): um país, dois sistemas. Isso quer dizer que os regimes de propriedade privada, de empresas, direitos de herança e os investimentos estrangeiros continuarão protegidos por lei; o governo e o Legislativo serão compostos por habitantes locais; a representação internacional do território sob o apelativo de China Hong Kong; a filiação a organismos internacionais e a faculdade de desenvolver relações, concluir e implementar ajustes com Estados e organizações econômicas, financeiras, desportivas e outras serão preservadas; as liberdades de expressão, imprensa, reuniões sindicais, religiosas estarão protegidas pela Declaração Conjunta e Lei Básica.

De igual maneira, serão mantidas as leis previamente em vigor, a *common law*, as ordenações e a legislação normativa, salvo as que contradigam a Lei Básica, devendo, nesse caso, ser emendadas ou abrogadas pelos legisladores da Raehk. Como se vê, a China obrigou-se a exercer seu direito de soberania sobre territórios onde não se aplicam suas próprias leis. É como se a ZPE de Natal ou Rio Grande, por exemplo, não tivessem de cumprir o sistema constitucional e legal brasileiro!

Resta-nos, então, perguntar: o que pretendem os chineses fazer em Hong Kong, ao instalar a sua Região Administrativa Especial? Recentemente, o corpo consular no enclave – o segundo mais amplo do mundo inteiro, após Nova Iorque – compareceu a almoço oferecido ao diretor para Assuntos de Hong Kong e Macau junto ao Conselho de Estado chinês, sr. Lu Ping. Trata-se do mais alto funcionário a cargo da coordenação e preparação do sistema de funcionamento dos enclaves depois de sua reincorporação à soberania do seu país. Não é pouca coisa, de vez que Lu cuida de dois aspectos essenciais à questão naci-



CHINA

onal da China, dos quais dependerá, em grande parte, o encaminhamento do processo de reunificação final, conforme a evolução dos entendimentos com Formosa.

Fomos, os diplomatas, ali para ouvi-lo discorrer sobre a futura Corte de Apelação Final, a nacionalidade dos residentes na região, o seu ir-e-vir e direitos residenciais, a situação dos servidores públicos e dos arrendamentos fundiários. Para muitos observadores incrédulos, o curioso é que Lu se atém ao que prescrevem a Declaração Conjunta, a Lei Básica e os ajustes aprovados pelo Grupo de Ligação Conjunto sino-britânico. Haverá na Corte juízes estrangeiros, egressos da *common law*; os residentes de etnia chinesa que não adquiriram outras nacionalidades disporão de passaportes da Região Administrativa Especial, mediante os quais estarão habilitados a dela sair e entrar livremente; os servidores públicos estrangeiros continuarão em suas funções, se assim o desejarem; quanto aos arrendamentos, Lu Ping declarou-nos que o ano de 2047 não é um limite, explicando: a Lei Básica estabelece que, por 50 anos, o sistema capitalista e o modo de vida de Hong Kong ficarão imutáveis. Segundo ele – atentemos bem ao que disse –, “ (...) imutáveis por 50 anos não significa que haverá mudanças depois desse período”.

Com efeito, se procedermos a uma exegese acurada da Lei Básica, solenemente aprovada pela China em 1990, e consentida pelo governo britânico, concluiremos que ela especifica apenas a data em que passará a vigor, não a do seu término. Nessas condições, os arrendamentos poderão ir além dos 50 anos, conquanto os chineses tomem por certo que decrescerão a cada ano, a partir de então.

Já se tornou lugar-comum designar-se a China como o “motor da Ásia”, quer dizer, do continente de mais tônico desenvolvimento sócioeconômico do Planeta. Cabem nele cinco Brasis e mais da metade do contingente demográfico global. Na presente década, e o fenômeno talvez continue na próxima, a China tem sido o país mais rentável para investimentos estrangeiros diretos. Em 1985, não passavam de 1,7 bilhão de dólares; no ano passado atingiram 33,8 bilhões de dólares. Em dez anos, somaram 92,9 bilhões de dólares. Ademais, as suas taxas anuais de poupança (média de 38% do PIB entre 1980 e 1993), se comparadas às de investimentos nacionais (37% do PIB), resultaram na pequena cifra deficitária de 1% em sua conta corrente do balanço de pagamentos.

Pois bem: como todo motor, o asiático tem o seu dínamo e este é Hong Kong, que detém 60% dos investimentos estrangeiros na China. Se juntarmos Formosa e Macau em tal espectro, obteremos a grandeza de 68,7 bilhões de dólares empatados na mãe-pátria, na última década. É por isso que os organismos do sistema econômico mundial – FMI, Bird e OMC – tratam dos quatro não mais separadamente, mas confluentes na chamada Área Econômica Chinesa (AEC). Esse quarteto compõe um bloco exportador-interativo que, no setor de mercadorias, já comercia mais que o Japão.

Tendo em mente que quase 98% da população de Hong Kong são de etnia e cultura chinesas, seus laços econômicos e sociais com a China são inextricáveis. Ambos são os maiores parceiros comerciais e fontes de investimento um de outro: um terço dos ganhos de capital monetário da China provém de Hong Kong, que mantém na primeira quatro mil fábricas, laboratórios e ateliês, empregando seis milhões de trabalhadores chineses, ou seja, oito vezes a própria força de trabalho industrial no enclave. Hong Kong é a capital econômica de 70 milhões de cantoneses, quer dizer, de um mercado maior que o francês ou do tamanho da Alemanha Ocidental antes da reunificação.

Mantidas as variáveis da equação internacional que já se desenhou, o futuro de Hong Kong é brilhante. Como centro transnacional de serviços comerciais e financeiros, a sua praça dispõe do terceiro maior nível de emprego no campo financeiro, 350 mil pessoas, depois de Londres (800 mil) e Nova Iorque (400 mil) e 16% dos seus intercâmbios totais com o mundo resultam de serviços comerciais. Prevêem-se, até o fim da atual década, 85% da economia do enclave dedicados aos serviços (são 77,4% hoje em dia). Hong Kong serve à China como sua janela-porta, aberta ao resto do Planeta.

O *turnover* dos intercâmbios de bens do Brasil com Hong Kong elevou-se a 983,3 milhões de dólares em 1994: importamos 543,6 milhões de dólares de lá, para onde exportamos 439,7 milhões de dólares. Em 1993, esse comércio chegou a 699 milhões de dólares, registrando-se, portanto, incremento de 41% de um a outro exercício. Numa conjuntura de

retomada da aceleração da sua atividade econômica, de quase-cura da moléstia inflacionária e das reformas constitucionais em ato, o Brasil faz 116 anos relacionado à China, e 115 a Hong Kong, tem muito a desempenhar na AEC, como já o fazem as nações e as áreas de maior vulto.

Como chanceler, o atual presidente da República preconizou o redimensionamento da Ásia em nossa diplomacia. Ao despedir-se do Senado Federal, tornou a salientar que a Ásia do Pacífico é uma de nossas prioridades. Para um diplomata que se devota àquela área, a conseqüência natural desse estado de espírito administrativo é o aumento do entusiasmo profissional, pois os que lá residimos a cada semana assistimos às largas passadas de um processo de desenvolvimento singular, desde a Revolução Industrial. Cabe-me, enfim, salientar que incumbe à comunidade brasileira de negócios fazer-se mais presente no posto em que represento nossos interesses consulares e diplomáticos. Assim como não vejo como redimensionar a Ásia sem dinamizarmos nossas relações com a China, não há como ser com esta bem-sucedidos se não cuidarmos de Hong Kong e sua futura RAE como se deve. O caminho indica uma intensificação de presença e cooperação.

* Diplomata, cônsul-geral em Hong Kong, com jurisdição em Macau, países e territórios da Micronésia

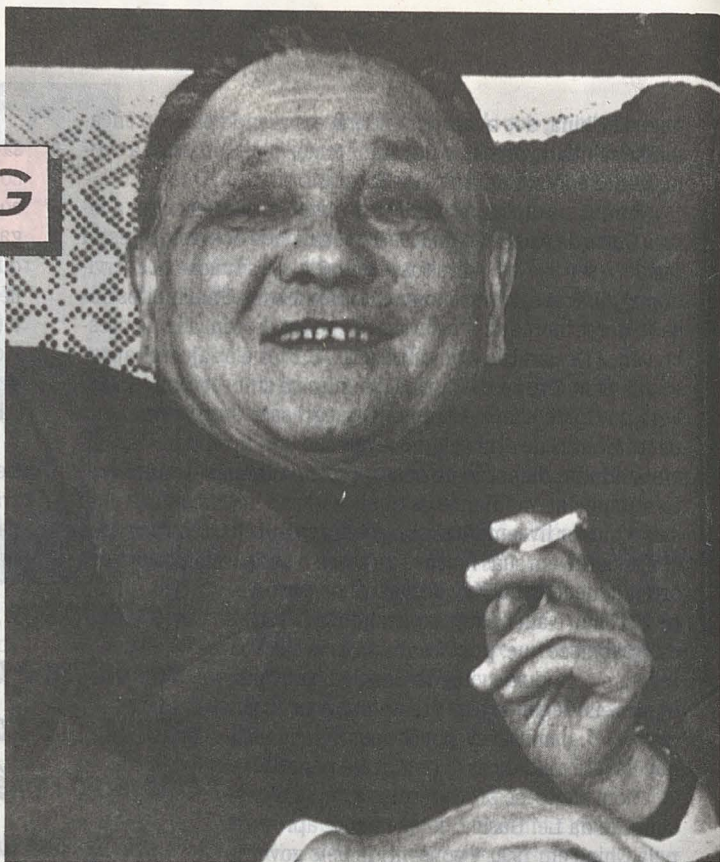
À exceção dos setores de defesa e política externa, que ficam com o governo chinês, Hong Kong, até junho de 2047, gozará de alto grau de autonomia



CHINA

DENG-XIAOPING

SOCIALISMO SEM POBREZA



Para avaliar a China de hoje e os seus avanços é indispensável conhecer o pensamento de Deng-Xiaoping, o inspirador das grandes reformas do fim da década de 70. Vão aqui algumas breves citações de sua longa obra ideológica e política

Um projeto nacional para 70 anos

"Em termos gerais, a meta que estabelecemos não é distante. Nos propomos a quadruplicar nos próximos anos, contados a partir de 1981 até o fim do presente século, o Produto Nacional Bruto (PNB), alcançando assim uma vida modestamente acomodada, o que significa que a renda *per capita* subirá para 1.000 dólares.

Sobre essa base, nos outros 50 anos realizaremos ou-

tra quadruplicação, fazendo subir o PNB *per capita* para 4.000 mil dólares.

O que significa isso? Significa, em outras palavras, que, para meados do próximo século, poderemos alcançar o nível dos países de médio desenvolvimento.

Se atingirmos esse objetivo, significa, primeiro, que teremos realizado uma tarefa muito árdua e bastante difícil; segundo, que teremos dado, realmente, uma contribuição à humanidade; e, terceiro, que

teremos colocado em evidência a superioridade do Sistema Socialista.

No passado, nos afeerramos à rotina, dedicando-nos à construção com as portas fechadas, e longos anos de trabalho deram resultados pouco satisfatórios. A construção econômica do nosso país está se desenrolando paulatinamente.

Temos conseguido desenvolver algumas coisas. Por exemplo, tivemos êxitos com as bombas atômicas e de hi-

Fenômeno mundial

drogênio e os mísseis intercontinentais. Porém, em termos gerais, durante longo tempo verificou-se um desenvolvimento lento. Permanecemos estancados e o povo viveu na pobreza.

A primeira coisa que vimos claro é a necessidade de persistir no socialismo e, para tal fim, livrar-nos antes de mais nada da pobreza e do atraso, desenvolver com grande energia as forças produtivas e, deste modo, fazer valer as características do socialismo como sistema superior ao capitalismo”.

Entrevista com Ludomir Strougars, primeiro-ministro da ex-Cecoslováquia
26/4/87

O caminho socialista

“Circulam no mundo comentários segundo os quais as pessoas se perguntam se a China não mudará sua orientação e sua política já fixadas. Nada disso. Vimos aplicando essa orientação e essa política há oito anos. Se provaram ser eficazes na prática, por que temos de mudá-las?”

A China não tem outra alternativa a não ser seguir o caminho socialista.

“O socialismo a que nos referimos é um socialismo com peculiaridades chinesas, cuja construção seria impossível sem a direção do Partido Comunista.”

Entrevista com o secretário de Estado norte-americano, George Shultz
03/3/87

“O socialismo está destinado a acabar com a pobreza. A pobreza não é socialista.”

Entrevista com personalidades japonesas
30/6/84

“Ao aplicar a política de abertura ao exterior, captar tecnologia estrangeira e utilizar fundos externos, temos como objetivo levar adiante com êxito a construção socialista, sem permitir que isso nos afaste do caminho socialista.”

Palestra no Comitê Central do Partido
30/6/86

Abertura nos dois sentidos

“Temos elaborado uma política de abertura em dois sentidos, isto é, tanto no externo como no interno. Seria impossível realizar a obra da modernização socialista sem uma abertura nos dois sentidos.”

Ao mesmo tempo, temos de conferir ao povo mais direitos democráticos, sobretudo maior autonomia às entidades de base, às empresas, aos camponeses e outros habitantes das zonas rurais. Ao aplicar a política de abertura ao exterior, estamos conscientes de que, com ela, podem introduzir-se algumas influências negativas dos países capitalistas. Devemos aprender o que há de positivo no Ocidente, tomando-o como referência. Porém, é possível que a abertura nos traga algumas

coisas negativas, que influem sobre a maneira de pensar das pessoas, principalmente a juventude. Portanto, devemos lutar ao mesmo tempo contra a liberalização burguesa.”

Entrevista com Ali Hassan Muinyi, presidente da República da Tanzânia
08/3/87

Economia de mercado e planificação

“Não há contradição essencial entre o socialismo e a economia de mercado. O que está em questão é como desenvolver com maior eficácia as forças produtivas. No passado, adotamos a economia planificada, porém longos anos de experiência demonstram que, em certo sentido, pôr em prática de modo exclusivo esse tipo de economia limita o desenvolvimento das forças produtivas.”

Trecho de uma entrevista com uma delegação de empresários norte-americanos organizada pela Time Inc.
23/10/85

“As importantes contribuições teóricas da III Sessão Plenária do XII Comitê Central do Partido Comunista (outubro de 1984) consistiram em romper o conceito tradicional de contrapor a economia planificada e a mercantil (mercado), confirmando que a eco-

nomia socialista do nosso país é uma economia mercantil planificada, baseada no sistema de propriedade pública. Trata-se de uma teoria e prática básicas da reforma da estrutura econômica do nosso país.

A reforma rural assumiu como tarefa principal a estabilização e o aperfeiçoamento do sistema de responsabilidade através de contrato, com base na família. Até 1987, em todo o país, 180 milhões de famílias camponesas haviam aplicado esse sistema, representando 98% do total nacional.

A implantação generalizada desse sistema criou condições para o desenvolvimento da economia rural. Foi suprimido o sistema de compra centralizada que previa quotas obrigatórias de vendas ao Estado dos produtos agrícolas. Permitiu-se a livre venda de produtos excedentes, depois de efetuada a compra estatal, através de um contrato prévio e com preços negociados. Essa nova política de compra, efetivada de acordo com os planos estatais, respeita o direito de autonomia dos camponeses, permite a livre venda de produtos excedentes depois da compra estatal e respeita a liberalização gradual e a dos demais produtos não contemplados nos contratos.

Informação ao Comitê Central

Os intelectuais

"Para pôr em prática nossa política com os intelectu-

ais, o problema primordial é como administrar e utilizar o pessoal científico e tecnológico. Os que tenham verdadeiras aptidões devem ser estimulados e seus salários devem ser elevados sem limitar-se às exigências dos padrões estabelecidos."

Declaração feita em uma reunião com membros da Comissão Estatal de Planejamento 14/10/82

Hong Kong e Taiwan

"Nossa política é a de um país, dois sistemas. Isso significa, em termos concretos, que, dentro da República Popular da China, seguirá vigente o sistema socialista na parte continental, com sua população de 1 bilhão de pessoas, enquanto que se manterá o sistema capitalista em Hong Kong e Taiwan."

Declaração feita em uma reunião com uma delegação de empresários de Hong Kong que visitou Beijing 22/3/84

"No problema de Hong Kong, o único aceitável para as três partes (China, Inglaterra e Hong Kong) é a política de 'um país e dois sistemas', que permite que em Hong Kong continue vigente o capitalismo e se mantenha seu status como porto franco e centro financeiro.

A idéia de 'um país e dois

sistemas' não surgiu pelo caso de Hong Kong, mas por Taiwan, e foi formulada em 1981 às vésperas de nossa Festa Nacional por Ye Jia-ning, presidente do Comitê Permanente da Assembléia Nacional. Ao voltar o assunto à ordem do dia, há dois anos, o apresentamos oficialmente."

Entrevista com Margareth Thatcher, primeira-ministra da Inglaterra 19/12/84

"No meu caso pessoal, quero viver até 1997 para presenciar com meus próprios olhos a restauração do exercício da soberania da China sobre Hong Kong."

Declaração a uma delegação de Hong Kong e Macau que foi a Beijing no Dia Nacional

Política e paz

"É de grande importância que a China seja uma força de paz. O que menos deseja nosso país é que haja guerra. A China é demasiadamente pobre para poder desenvolver-se em um ambiente que não seja de paz. Para conseguir um ambiente assim, é preciso cooperar com todas as forças de paz do mundo."

Entrevista com Helmut Kohl, chanceler da Alemanha 10/10/84

Fenômeno mundial

A prevenção de práticas ilícitas, mais do que a corrupção em si, deve nortear os esforços para banir um problema que está afetando a credibilidade das instituições democráticas

José Gregori*

De uma maneira geral, o tema da corrupção tem ocupado a pauta das preocupações políticas mundiais desde a Antiguidade. Escritos aristotélicos já procuravam delimitar este fenômeno quase tão antigo quanto a própria administração pública, onde interesses particulares se sobressaem às necessidades coletivas, de forma a ignorar qualquer parâmetro de legalidade ou moralidade.

Quase uma doença pública, a corrupção é hoje um fenômeno mundial, que sobe as bases democráticas das nações, colocando em xeque a confiança dos povos em suas instituições e, por consequência, provocando uma crise de legitimidade nos governos que se pretendem representativos.

Ao contrário do que muito se diz, a improbidade na gestão da coisa pública não é um mal exclusivo dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Da mesma forma não é verdade que a estabilidade das instituições, por si só, seja suficiente para coibir o fenômeno. Também não seria próprio afirmar que as opções ideológicas dos regimes o tenham banido. Muita gente acreditou que o combate ao lucro afastasse o fantasma da corrupção. A realidade, contudo, não confirmou esta suposição, alimentada de boa fé por certos grupos ideológicos.

O fato é que não mais é possível limitar a corrupção ao ato improbo ou ilegal em si. É preciso enxergar além, combater suas causas primeiras, inviabilizar o sistema que lhe dá sustentação. Não basta a ação executiva de puro e simples exercício do poder de política, se não houver uma ação legislativa concreta. E esta última não pode se limitar às consequênci-

as do fenômeno, sem intervir no ambiente onde este tipo de delito encontra as condições necessárias para crescer e se multiplicar.

Todo o movimento internacional recente tem levado à conclusão de que, sem uma profunda reestruturação no sistema financeiro mundial, dificilmente chegaremos a resultados definitivos. Em maio último, no Cairo, o Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção do Crime e Tratamento de Transgressores dedicou um dia inteiro à discussão do assunto, destacando a necessidade da elaboração de mecanismos que permitam aos Estados agir diretamente na prevenção das práticas corruptas.

Estamos vivendo um momento especialmente delicado na história do combate à corrupção, no qual o fenômeno passa a assumir um caráter de transnacionalidade. Isto quer dizer que um mesmo fato delituoso pode ter conexões em dois ou mais países diferentes. E não estamos falando apenas dos clássicos depósitos inominados em bancos suíços. Dentro de um sistema bancário sigiloso, um certo volume de dinheiro ilegal é facilmente filtrado e de lá está pronto para ser reinvestido onde quer que seja, completamente legalizado. É o que se convencionou chamar de "paraíso financeiro".

Nesse ambiente, não é raro ver o capital proveniente de uma transação ilícita se misturar a outros para serem reinvestidos na própria estrutura do crime transnacional organizado: narcotráfico,

terrorismo internacional ou mesmo no próprio esquema de corrupção que o originou, formando um círculo vicioso em que o sistema financeiro funciona como epicentro, alimentando as veias por onde se dissipam os recursos nacionais.

O Brasil tem enfrentado de perto a questão da corrupção e obtido resultados encorajadores, principalmente no que diz respeito à administração pública. Hoje, bem mais do que a prática da corrupção em si, temos nos preocupado com a possibilidade do sistema bancário nacional estar servindo como filtro para as operações de lavagem de dinheiro, o que nos deixa numa situação extremamente desconfortável perante o mundo e diante de nós mesmos.

Durante os trabalhos da VII Conferência Internacional Anti-Corrupção, de

06 a 10 de outubro último, em Beijing, tive a honra de coordenar a delegação brasileira, a qual propôs a criação de uma agência internacional de combate à corrupção. A iniciativa foi muito bem vista pela comunidade internacional que tem conhecido o esforço do governo brasileiro em cuidar da moralidade na gestão da coisa pública; a idéia está lançada e muita gente que se interessa pelo tema tem enviado sugestões.

Os avanços devem ser considerados. Sabemos que estamos longe do ideal, mas não nos custa lembrar que a história recente do país tem dado sinais de franca transformação institucional. A democracia é uma realidade e a justiça social constitui a principal meta. Não seria exagerado dizer que se comprometer com práticas corruptas no Brasil é hoje um negócio muito arriscado, uma idéia tola. A imprensa é mais livre do que nunca, a economia dá sinais de recuperação e a sociedade civil assumiu seu papel na construção diária de um verdadeiro Estado Democrático de Direito.

*Advogado, tendo realizado trabalhos importantes na área jurídica e, sobretudo, nas relacionadas aos Direitos Humanos. Atualmente é chefe de Gabinete do Ministro da Justiça

Durante os trabalhos da VII Conferência Internacional, em Beijing, o Brasil propôs a criação de uma agência internacional de combate à corrupção

Eleições ameaçadas

Em meio a uma guerra civil que se arrasta há quatro anos, o governo militar convoca eleições gerais, cuja realização esta sendo ameaçada pelas forças rebeldes

Julian Samboma

O empenho do regime de Serra Leoa em levar adiante a realização de eleições em fevereiro próximo, apesar da ameaça dos rebeldes de fazer fracassar esses planos, poderia agravar a crise neste país da África Ocidental, segundo observadores internacionais.

Desde a eclosão da guerra civil, em março de 1991, calcula-se que morreram mais de 100 mil pessoas, em uma população total de quatro milhões. Cerca de dois milhões tiveram que abandonar suas regiões de origem e cerca de um milhão deixou o país, refugiando-se na Guiné e Libéria.

Diante da gravidade da situação, analistas internacionais residentes na Grã-Bretanha consideram que o governante Conselho Nacional de Governo Provisório (CNGP) deveria fazer maiores esforços para trazer à mesa de negociações o grupo rebelde Frente Unida Revolucionária (FUR), antes de pensar em eleições.

"Não acho prudente realizar eleições em meio a uma guerra civil e sob a ameaça feita pela FUR de inviabilizar o processo

eleitoral", analisa Alfred Zack-Williams, um professor da Universidade Central de Lancashire, na Grã-Bretanha, nascido em Serra Leoa.

Na sua opinião, o caminho a ser seguido é o da vizinha Libéria, que, após uma guerra civil de seis anos, acaba de instalar um governo interino de unidade nacional encarregado de organizar eleições em agosto do próximo ano.

O presidente do CNGP, capitão Valentine Strasser - que chegou ao poder depois de um golpe de estado em 1992 - justificou a convocação de eleições presidenciais e legislativas com o argumento de que haviam se esgotado todas as tentativas para incorporar a FUR a um processo de paz.

As origens da guerra

A guerra civil explodiu em Serra Leoa em março de 1991, quando o líder da FUR, Foday Sankoh, então na Libéria, recorreu às armas para derrubar o governo que durante 23 anos havia estado hegemônico pelo partido Congresso de Todo o Povo (CTP).

Em dezembro daquele ano, os rebel-

des já controlavam a maioria das províncias do leste e do sul, tendo enfraquecido sensivelmente as bases do poder que sustentava o general Joseph Momoh, antigo chefe do exército, que em 1985 tinha assumido a direção do CTP e do governo.

Porém, foi o CNGP - comandado por Strasser - que tomou as rédeas do governo no ano seguinte, 1992, levado ao poder por uma onda de descontentamento contra a ineficiente e desmoralizada liderança do presidente Momoh.

Com a proclamação de uma "revolução social", o novo regime prometeu um governo sério e anunciou que em pouco tempo negociaria o fim da sangrenta guerra.

O espírito de boa vontade com que foi recebido o novo governo mereceu uma declaração unilateral de cessar-fogo por parte da FUR. O grupo rebelde também manifestou o seu desejo de trabalhar junto ao CNGP em um governo de unidade nacional como primeiro passo rumo à realização de eleições democráticas.

As expectativas de que esta mudança trouxesse uma solução pacífica para o conflito desapareceram no verão de 1992, quando Strasser voltou de uma visita aos dois pólos de poder na África Ocidental - Nigéria e Gana - e anunciou que nunca negociaria com os "bandidos" da FUR.

Ao que tudo indica, a guerra em Serra Leoa continua num beco sem saída, pois quando um dos dois grupos "liberta" uma zona, na semana seguinte a mesma zona é "relibertada" pelo lado contrário.

A FUR tem se negado a participar de eleições livres - que em princípio tinham sido marcadas para dezembro - até que sejam desmobilizados os mercenários sul-africanos que respaldam o governo. Mas isso é algo com que dificilmente concordaria o CNGP, pois sem a ajuda dos mercenários o regime sucumbiria às forças rebeldes.



O exército tem sido acusado de cometer tantas atrocidades quanto a FUR

O preço da juventude

O domínio de jovens provoca uma sobrecarga nos serviços prestados pelo Estado e diminui a arrecadação de impostos, já que a maioria da população não está empregada



Costumes tradicionais levam os jovens a se casar e ter filhos muito cedo

Ozias Hove, diretor do Programa de Política Populacional na Comissão Nacional de Planejamento (CNP), declarou que “comemos tudo o que produzimos e não há poupança. Tampouco solucionamos a questão da distribuição de renda”.

Alguns especialistas assinalaram que já é hora de o governo zimbabueano adotar uma política populacional para orientar seus esforços de desenvolvimento. Segundo Nelia Chauke, conselheira para assuntos demográficos, os ministérios têm atuado sem coordenação, o que resulta frequentemente em duplicação das atividades e esforços.

Nova política

Em novembro de 1994, se iniciou um estudo de três anos para dar ao governo elementos para elaborar uma nova política nessa área. A pesquisa pretende sondar a opinião da sociedade em geral, dos líderes tradicionais, funcionários do governo, empresários, etc. Também serão analisados temas como capacidade da terra, produtividade, investimentos e crescimento populacional, acrescentou Yoshiko Zenda, representante do Fundo das Nações Unidas para a População (Fnuap).

Até o momento, o Conselho Nacional da Família (CNF), um órgão estatal encarregado de difundir informação sobre meios anticoncepcionais, conseguiu reduzir os índices de fertilidade de 7,8 filhos por mulher, em 1969, para 4,4 em 1994. No entanto, Chauke advertiu que “em termos de números absolutos, a população ainda continuará aumentando”.

“Temos que trabalhar junto aos jovens, de modo que, quando cheguem à paternidade, já sejam independentes”, declarou Alex Zinanga, diretor executivo do CNF.

Para o sociólogo Mhloyi, a solução seria incluir os jovens nos programas de reprodução. “Se for colocada em prática uma política populacional, um tema que deverá ser abordado pelo Conselho Nacional da Família será a sexualidade infantil. A legislação deveria indicar se os jovens sexualmente ativos podem ter acesso aos meios anticoncepcionais”, afirmou.

Os programas de planejamento familiar têm recebido amplo apoio. Hoje, 48% da população utilizam algum método de prevenção da gravidez e outros 30% conhecem esses métodos, embora não os utilizem.

Tafadzwa Mumba

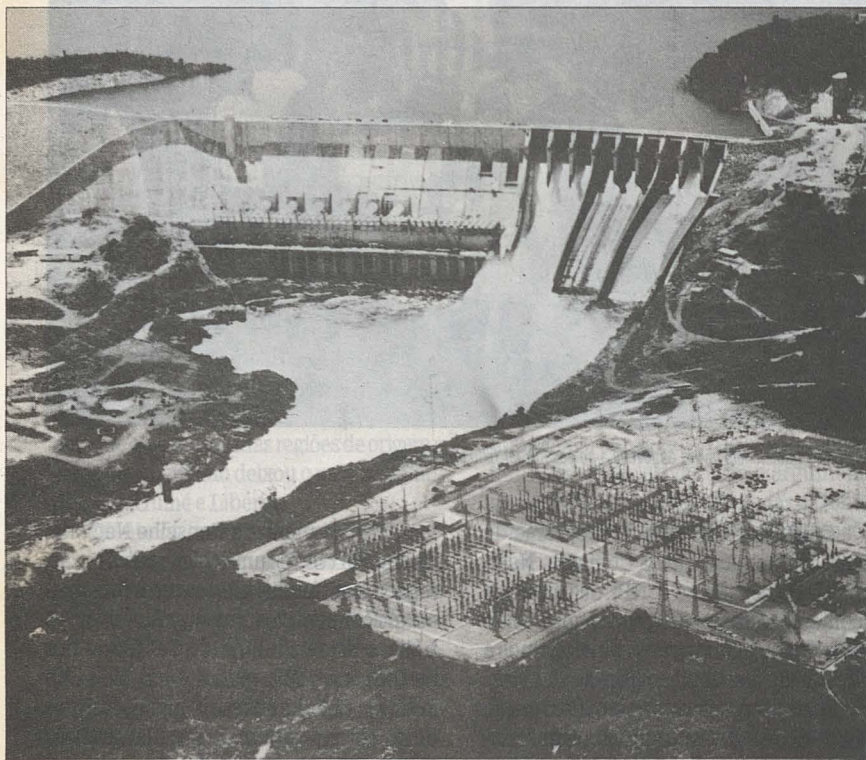
O crescimento econômico continua sendo uma meta difícil para o Zimbábue, pois quase a metade de sua população tem menos de 15 anos de idade e depende do Estado, enquanto apenas um quarto está formalmente empregada.

“Nossa população é jovem devido à alta fertilidade e à baixa mortalidade. Por serem jovens, não têm emprego. Como consequência, o governo arrecada menos do que gasta, porque poucas pessoas pagam impostos”, afirmou Marvellous Mhloyi, sociólogo da Universidade do Zimbábue, em um seminário sobre população e desenvolvimento realizado em Nyanga, a 300 km de Harare, a capital.

Cerca de 50% dos habitantes do Zimbábue têm menos de 15 anos, enquanto este índice nas nações desenvolvidas é de 35% em média. Por outro lado, apenas 28% está formalmente empregada. Como a população aumenta mais rapidamente que a economia (3,1% contra 2,9%), o crescimento econômico real continua sendo negativo.

Grandes represas em baixa

Ao cancelar o empréstimo para a construção de uma megarrepresa no Nepal, o Banco Mundial parece dar razão aos ambientalistas que travam uma luta sem trégua contra esse projeto



Além de provocar danos ambientais, as grandes represas são, às vezes, antieconômicas

Pratap Chatterjee

O inesperado cancelamento dos fundos do Banco Mundial (Bird) para a construção de uma represa hidrelétrica no Nepal é considerado por ambientalistas um duro golpe para esses megaprojetos, que prejudicam o meio ambiente e afetam a vida de dezenas de milhares de pessoas.

O Banco Mundial resolveu cancelar a liberação de 764 milhões de dólares para a represa de Arun III, alegando que ela era muito cara e perigosa para a população do Nepal. Esta é a segunda vez em dois anos que a instituição de crédito se retira de um projeto parecido. Em 1993, grandes manifestações de ativistas do "Movimento salvem o Narmada" forçaram o Bird a retirar-

se do projeto de represas de Sadar Sarovar, localizadas no rio Narmada, a oeste da Índia

"Esperamos que esses fatos sejam um sinal de que o Banco Mundial compreendeu que as grandes represas não têm sentido econômico, ambiental nem social", disse Patrick McCully, da International Rivers Network (IRN), grupo com sede na Califórnia que participou da campanha contra os dois projetos.

Fracasso econômico - Entre 1948 e 1993, o Bird aprovou um total de 28 bilhões de dólares em empréstimos, equivalentes a 58 bilhões de dólares em 1993, para construir, ampliar e melhorar um total de 604 represas em 93 países.

Estes projetos obrigaram pelo menos 10 milhões de pessoas a abandonar suas

casas, a maioria sem "compensação nem indenização significativa", segundo um estudo publicado no ano passado por Leonard Sklar, integrante da IRN.

A destruição das áreas de pesca nos rios provocou a perda da fonte de subsistência de milhares de pessoas e os gigantes reservatórios criados por estas represas se converteram em focos de malária e outras doenças tropicais.

De acordo com as próprias estatísticas do Banco Mundial, muitos de seus megaprojetos hidrelétricos resultaram em fracassos econômicos e 70% dos projetos agrícolas associados, em geral de irrigação, não cumpriram as metas fixadas para 1991. Em 43% dos casos, a produção agrícola decresceu, e isso fez com que os projetos fossem mais negativos do que positivos, mesmo sem levar em conta os custos econômicos, ambientais e sociais, assinalou Sklar.

O 'fogo do inferno' - Recentemente, John Besant-Jones, economista do Banco Mundial, declarou, em uma reunião de construtoras de represas, que as pressões dos ambientalistas haviam feito a instituição passar "pelo fogo do inferno".

Mas, oficialmente, o Bird não descartou futuros financiamentos de megarrepresas, embora o diretor do grupo de indústria e energia do organismo, Richard Stern, tenha declarado que "o debate público sobre as conseqüências ambientais nos têm feito examiná-las mais de perto". Ao mesmo tempo, Stern afirmou que "a decisão de Arun não deve ser interpretada como o fim das verbas para grandes represas. Não há razão para suspender o seu financiamento".

Os empréstimos para construção ou melhoria de represas continuam disponíveis para os países que possam pagá-los. O Bird planeja aprovar um empréstimo de 400 milhões à China, para a construção do complexo hidrelétrico de Ertan, que gerará 3 mil megawatts.

Biovert

Florestal e Agrícola Ltda.

Revegetação de áreas degradadas

Reflorestamento

Paisagismo

Conservação de parques e jardins

Construção (urbana e rural)

Produção de mudas de espécies nativas da

Mata Atlântica

Matriz:

Rua Japeri n^o 43

Rio Comprido/RJ

cep.: 20261-080

tel.: (021) 502-6165

fax.: (021) 293-5643

Filial e Produção:

Fazenda PLATHYMENIA

Silva Jardim/RJ

cep.: 28820-000

Caixa Postal: 113.020

tel./fax.: (0246) 681035

O ÚNICO JEITO DE QUATRO CORPOS OCUPAREM O MESMO ESPAÇO



Para você entender como 4 corpos ocupam o mesmo espaço, não é necessário consultar nenhum livro de Física. Basta ler a REVISTA DO MERCOSUL. A única publicação 100% bilíngüe (português/espanhol), que trata dos mais importantes acontecimentos e de toda a movimentação

de negócios e acordos que envolvem esta integração.

Lendo a REVISTA DO MERCOSUL, você literalmente tem tudo nas mãos para realizar ótimos negócios. E quanto a isso não precisa se preocupar, pois o que não falta neste mercado é espaço para você ocupar.

**REVISTA DO MERCOSUL.
O MUNDO DOS NEGÓCIOS
ESTÁ NAS SUAS MÃOS**

REVISTA DO
Mercosul